



Fichas de Inventário
Volume I

Sal

Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis

Desenvolvimento Territorial dos Caminhos
Singulares do Estado do Rio de Janeiro

Fevereiro 2004



GOVERNADORA

Rosinha Garotinho

VICE- GOVERNADOR

Luiz Paulo Fernandez Conde

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

Arnaldo Niskier

SUBSECRETÁRIAS DE CULTURA

Vânia Bonelli

Cecília Conde

Maria Eugênia Stein

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO

CULTURAL – INEPAC

Marcus Monteiro, Diretor Geral

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL

E NATURAL

Maria Regina Pontin de Mattos, Diretora

DEPARTAMENTO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

Amauri Lopes Junior, Diretor

DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE

PRESERVAÇÃO CULTURAL

Augusto Vargas, Diretor

PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO

ESTADUAL

Paulo Alcântara Gomes

DIRETOR SUPERINTENDENTE

Paulo Maurício Castelo Branco

DIRETORES

Celina Vargas do Amaral Peixoto

Evandro Peçanha Alves

GERENTES

Juarez de Paula / UDL - NA

Heliana Marinho / UDL - RJ

Coordenadoria Técnica Geral do Projeto / INEPAC

Arquiteta Dina Lerner

Apoio do Departamento do Patrimônio Cultural e Natural / INEPAC

Supervisão Geral do Projeto

Dalva Lazaroni

Coordenação da Equipe Técnica dos Caminhos do Sal

Arquiteta Vera de Alcântara

Arquitetos assistentes

Adailton Jorge da Silva

Werther Holzer

Pesquisa Histórica

Cláudia Paixão

Agradecimentos

Arquiteta Lia Motta e equipe do Departamento de Identificação e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, pelo apoio ao desenvolvimento dos trabalhos.

Laura Bahia e Luciano Jesus de Souza, pelo apoio à programação visual dos trabalhos.

Fevereiro 2004

QUADRO SINÓPTICO DOS BENS INVENTARIADOS

CAMINHOS DO SAL

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
Araruama					
Sítios Arqueológicos					
AR-CS-001	Sítio Arqueológico de Morro Grande		2		1
Arquitetura Rural					
AR-CS-002	Fazenda Parati	2	1		2
AR-CS-003	Fazenda Monte Belo		1	1	1
AR-CS-004	Fazenda Lagoa Preta	2			1
AR-CS-005	Fazenda da Piedade	1			1
AR-CS-006	Fazenda Prodígio	2			1
AR-CS-007	Fazenda Morro Alegre ou Vista Alegre	2			1
AR-CS-008	Fazenda da Figueira	2			1
AR-CS-009	Fazenda Aurora	3	3	4	1
AR-CS-010	Fazenda Marimbondo				1
AR-CS-011	Fazenda Jaguaripe	2			1
AR-CS-012	Fazenda Camboatá	2			1
AR-CS-013	Fazenda Pau Brasil	1			1
AR-CS-014	Fazenda Rio Pardo	1			1
AR-CS-015	Casa dos Clark		2		1
Arquitetura Urbana					
AR-CS-016	Casa de Sylvio Vasconcellos	2			1
AR-CS-017	Casa de Caridade	1	1		1
AR-CS-018	Casa de Cultura	1			1
AR-CS-019	Escola na Estrada do Pau Brasil	1			1
AR-CS-020	Solar da Ermida Franciscana	1	7		1
AR-CS-021	Parque Hotel	2			1
AR-CS-022	Conjunto Urbano na Avenida Nilo Peçanha	6			1
AR-CS-023	Conjunto na Rua Ary Parreiras	3			1
AR-CS-024	Residências Modernistas	6			1
AR-CS-025	Paisagens Urbanas de São Vicente	2			2
AR-CS-026	Pequeno Agrupamento rural	1			1
Arquitetura Religiosa					
AR-CS-027	Igreja Matriz de São Sebastião	1			1
AR-CS-028	Igreja Matriz de São Vicente de Paulo		1	1	
Arquitetura dos Caminhos de Ferro					
AR-CS-029	Estação ferroviária Ponte dos Leites e Seu Entorno	5			1
Paisagens das Salinas					
AR-CS-030	Salina Vigilante	3			1
AR-CS-031	Salina Marrecas	2			1
AR-CS-032	Salina Pitanguinha	1			1
AR-CS-033	Salina da Pernambuco	1			1
AR-CS-034	Empresa Salineira Antunes	6			1
AR-CS-035	Conjunto Arquitetônico de Praia Seca	4			1
Armação dos Búzios					
Arquitetura Civil					
BZ-CS-036	A Colônia	2			1
BZ-CS-037	Casa do Sino	2			1
BZ-CS-038	Colônia de Pescadores de Búzios	2	5	1	1
BZ-CS-039	Fazendinha	2			1
BZ-CS-041	Residência na Praia da Armação	3		1	1
BZ-CS-042	Solar do Peixe Vivo	3			1
Arquitetura Religiosa					
BZ-CS-040	Igreja de Sant'anna	1			1
Arraial do Cabo					
Arquitetura Religiosa					
AC-CS-043	Igreja de Nossa Senhora dos Remédios	2	2		1
Arquitetura Civil					
AC-CS-044	Marco Histórico e Fonte	4			1
AC-CS-045	Casa de Pedra	5			1
AC-CS-046	Pousada Casa da Praia	1			1
AC-CS-047	Paisagens Urbanas de Arraial do Cabo	1			1
Cabo Frio					
Sítios Arqueológicos					
CF-CS-048	Sítios Arqueológicos de Cabo Frio	8		5	1
Arquitetura Rural					
CF-CS-049	Fazenda Campos Novos	9	1	4	1

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
Arquitetura Religiosa					
CF-CS-050	Igreja e Convento Nossa Senhora dos Anjos	3	1		1
CF-CS-051	Capela de Nossa Senhora da Guia	3			1
CF-CS-052	Igreja de São Benedito	1			1
CF-CS-053	Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção	1			1
Arquitetura Civil					
CF-CS-054	Conjunto Urbanístico do Bairro da Passagem	1			1
CF-CS-055	Palácio da Águias	1	3		1
CF-CS-056	Charitas	3	1		1
CF-CS-057	Estátua do Anjo Caído	2			1
CF-CS-058	Fonte do Itajuru	3			1
CF-CS-059	Ponte Feliciano Sodré	2			1
CF-CS-060	Pelourinho	1			1
CF-CS-061	Casa de Câmara	1			1
CF-CS-062	Biblioteca Pública Municipal Professor Walter Nogueira	1			1
CF-CS-063	Marco da Sesmaria de São Bento	1			1
CF-CS-064	Casa das Palmeiras	3			1
Arquitetura dos Caminhos de Ferro					
CF-CS-065	Estação Porto do Carro	2			1
CF-CS-066	Parada Porto do Carro	1			1
Arquitetura Militar					
CF-CS-067	Forte São Mateus	4			1
Paisagens das Salinas					
CF-CS-068	Salinas Perynas	1			1
CF-CS-069	Salinas Apicuz	1			1
CF-CS-070	Salinas Peroanas	1			1
Iguaba					
Arquitetura Religiosa					
IG-CS-071	Capela Nossa Senhora da Conceição	3			1
Arquitetura Civil					
IG-CS-072	Conjunto arquitetônico do Centro	3			1
Maricá					
Arquitetura Rural					
MR-CS-073	Fazenda Bananal	2	2	1	1
MR-CS-074	Fazenda Bom Jardim	5			1
MR-CS-075	Fazenda Bambuí	2			1
MR-CS-076	Fazenda do Pilar	2	4		1
MR-CS-077	Fazenda Coqueiro		2		1
MR-CS-078	Fazenda Rio Fundo		4		1
MR-CS-079	Fazenda Itaociaia	14			1
Arquitetura Religiosa					
MR-CS-080	Capela de São José do Imbassaí	10			
MR-CS-081	Capela de Nossa Senhora da Saúde	6			
MR-CS-082	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo	6	4	2	1
Arquitetura Civil					
MR-CS-083	Casa de Câmara e Cadeia	4	2	2	1
MR-CS-084	Paisagens Urbanas do Centro	8			
Arquitetura dos Caminhos de Ferro					
MR-CS-085	Estação do Calaboca	8			1
MR-CS-086	Estação Manoel Ribeiro	5			1
São Pedro de Aldeia					
Arquitetura Rural					
SP-CS-087	Fazenda São José	2			1
SP-CS-088	Fazenda São Matheus	3			1
SP-CS-089	Fazenda Cantarino	1			1
Arquitetura Religiosa					
SP-CS-090	Igreja de São Pedro da Aldeia	6	1	2	1
Arquitetura Civil					
SP-CS-091	Casa do Azulejo	12			1
SP-CS-092	Casa da Flor	6			1
SP-CS-093	Conjunto Arquitetônico da Avenida São Pedro	3		2	1
SP-CS-094	Conjunto Arquitetônico do Centro	1	1	2	1
SP-CS-095	Paisagens Urbanas do Centro	4		2	1
SP-CS-096	Casa da Cruz	2			1
Arquitetura dos Caminhos de Ferro					
SP-CS-097	Estação de São Pedro da Aldeia	3			1
Paisagens das Salinas					
SP-CS-098	Salina Mossoró	2			1
SP-CS-099	Salina São João - Fazenda São João	7			1
Saquarema					
Sítios Arqueológicos					
SQ-CS-100	Sítio Arqueológico Sambaqui da Beirada	2		4	1

Município/ Código ficha de inventário	Denominação do Bem Imóvel	Fotos Atuais	Fotos antigas	Desenhos e plantas	Mapas
SQ-CS-101	Sítio Arqueológico Sambaqui de Manitiba	1			1
Arquitetura Rural					
SQ-CS-102	Usina de Santa Luzia	1	1		1
Arquitetura Religiosa					
SQ-CS-103	Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré	6			1
Arquitetura Civil					
SQ-CS-104	Casa de Cultura	1	1		1
SQ-CS-105	Instituto Madre Maria das Neves	1			1
SQ-CS-106	Conjunto Arquitetônico no Centro	3	1		1
TOTAL	106	296	54	17	54

ARARUAMA

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Sítio Arqueológico de Morro Grande Código de identificação: AR-CS-001
localização: Escola Honorino Coutinho, Morro Grande Município: Araruama

Época da construção:

1740 A.P.

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Sítio já explorado, material removido para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Categoria:

Patrimônio Arqueológico

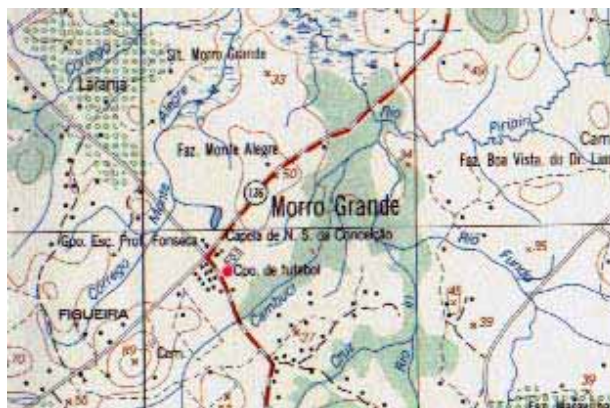
Proteção existente/ proposta:

Protegido por Lei Federal - nº3.924 - 26 de julho de 1961 -
Legislação Brasileira Protetora das Jazidas Pre-histórica.

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Araruama

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se dentro da Escola Municipal Honorino Coutinho, que está sentada em uma colina (Morro Grande), de onde se descortina uma ampla baixada atualmente ocupada por uma floresta secundária que os especialistas afirmam, na época em que o sítio era ocupado por seus habitantes originais, formava uma ampla lagoa de água doce.

Informações históricas:

O trabalho arqueológico em Morro Grande, buscava fazer o reconhecimento da área de captação de recursos, além de estabelecer os limites da aldeia. A partir do "considerado" ponto mais central da aldeia, foi coberta uma área de 200.000 m² onde foram anotados sistematicamente dados relevantes tais como: a presença de acidentes físicos; mudanças do tipo de vegetação; textura do solo, etc. Este levantamento foi complementado em intervalos de 25m, por poços diagnósticos, além de escavação sistemática em grande parte da aldeia. A existência de urnas e tigelas cerâmicas, muitas vezes de formato original, associada à fogueiras e buracos de estaca, permitiram a delimitação da aldeia, que tinha cerca de 250m de diâmetro.

São associados a essa cultura, os machados de pedra (usados na derrubada da mata), os ornamentos labiais de cristal de rocha e as lascas de quartzo utilizadas como raspadores de mandioca. A proximidade da floresta deve ter facilitado o uso de artefatos de madeira, plumas e outros materiais perecíveis.

Nessa cultura, todos os sítios encontrados estão a céu aberto. A cerâmica é o elemento mais típico, com grande variedade de peças utilitárias e cerimoniais de forma e decoração diferenciadas.

São freqüentes os achados de estruturas cerimoniais compostas por tijelas pintadas, colocadas ao lado de urnas, com tampas de grandes dimensões, com decoração plástica, associadas à fogueiras e buracos de estaca, compondo uma edificação cerimonial. Também nessa aldeia foram encontradas um grande número de peças utilitárias tal como tigelas de tamanhos variados.

Como resultado de prática extensiva de agricultura e especulação imobiliária, grande parte dos sítios foram destruídos. [Buarque, Ângela. A Cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: Tenório, Maria Cristina (Org.) Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro. UFRJ. 1989. p. 307 a 320]

Informações complementares:

Este sítio está delimitado e cercado já que se encontra no terreno de uma Escola Municipal, no entanto todas as suas peças foram retiradas e levadas para o Museu Nacional e a área de escavação, após a exploração, foi aterrada, não restando qualquer vestígio do trabalho arqueológico. Seria interessante, já que ele se inclui no roteiro turístico-cultural do Município que parte do material fosse exposto no local original valorizando o trabalho de resgate cultural que o corpo docente da escola, dirigido pelo professor Luis Carlos Pereira vem realizando.

Registro Fotográfico:



Foto Araruama: Mapa Ambiental, Cultural e Histórico.
Prefeitura Municipal de Araruama / Aspergillus.



Foto Maria Dulce Gaspar. Livro: Buarque, Ângela. A Cultura
Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In.Tenório, Maria
Cristina (Org.) Pré-história da Terra Brasilis. Rio de
Janeiro. UFRJ. 1989. p. 317.

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Parati Código de identificação: AR-CS-002

localização: Entrada pela RJ-106, km 88, na rua Jussara, em frente ao lote 8, quadra 24, Parati. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 51' 41.0" S.; Long. 42° 17' 40.0" O Município: Araruama

Época da construção:

Primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

arruinado

Uso original/uso atual:

Fazenda de lavoura de açúcar / Sem utilização

Categoria:

Arquitetura Rural

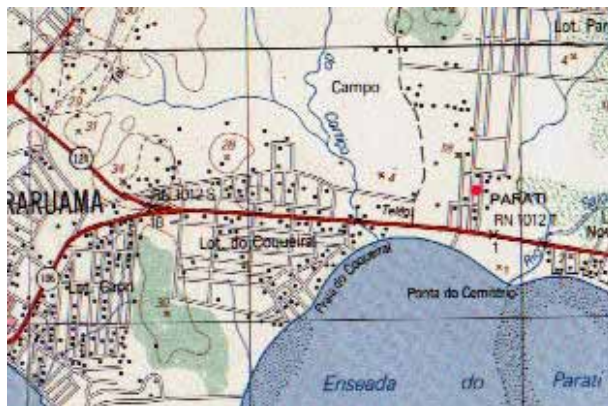
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Privada / Proprietário não informado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada próxima ao rio Parati, na localidade do mesmo nome, em uma elevação suave que permite uma ampla visão da Lagoa de Araruama.

Informações históricas:

Histórico da fazenda:

"Esta fazenda pertenceu sucessivamente a Miguel da Silva Riscado, seu fundador, a Martim Correia Vasqueanes, a José de Moura Corte Real, a Antônio Rodrigues de Melo e ao padre Antônio Gonçalves Marinho, que a dividiu em partes, por testamento, entre seus irmãos e sobrinhos. Nos terrenos da fazenda, à beira do rio Parati, existia importante engenho de fabricar açúcar. Existe também no campo da mesma fazenda uma capela da qual era padroeira Nossa Senhora do Cabo, fundada por Martim Correia Vasqueanes, reconstruída por José de Moura Corte Real e pelo padre Antônio Gonçalves Marinho. A que foi reconstruída por este último possuía ricas alfaias e imagens." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.220)

"Tornou-se a graça em castigo, tanto para Riscado como para os demais capitães, dos quais, segundo se sepõe foi em 1645 o primeiro a morrer. As riquezas que os Campos prometiam aguçaram sem muita demora a ambição desenfreada do todo-poderoso governador Salvador Correia de Sá e Benevides, que logo os tomara para si e seus parentes, de conluio com jesuítas e beneditinos Das Terras que possuía em Araruama já em 1658 tinham seus herdeiros de se privar, vendendo-as (se é que de fato venderam e não lhes foram tomadas) justamente a um sobrinho de Salvador, Martim Correia Vasques. É o que informa Cortines Laxe, com base muito sólida em documentos originais que recebeu do barão de Monte Belo e que este confinou pouco antes de morrer ao conselheiro Macedo Soares: por escritura pública de 9 de agosto de 1658, passada no Rio de Janeiro pelo tabelião Antônio Francisco da Silva, Martin Correia Vasqueanes (sic) comprou as terras de Parati aos herdeiros de Miguel Riscado e a sua viúva Estácia Raqueixa etc. Dessa venda houve ratificação firmada nos Campos dos Goitacazes a 20 de novembro de 1685 por um dos filhos de Riscado, André da Mota Riscado, registrada pelo tabelião João da Costa Salinas. Entre uma e outra, o de venda e a de confirmação, menciona o autor uma terceira escritura, de quitação dada por Vasques à viúva de Miguel Riscado, em 1665, quase a comprovar que a posse da fazenda de Parati entrou em alguma composição de contas. Tanto mais que D. Estácia Raqueixa, criatura ignorante e possivelmente timorata, no dizer de Vivaldo Coaracy, já fora ou estava para ser esbulhada pelos Sás na posse da sesmaria campista.

Filtramos aqui certa confusão de nomes que tanto este como outros estudiosos têm feito em torno desses dois personagens - Miguel Riscado o Martim Correia Vasques - e abrimos parênteses para invocar mais uma vez o essencial e indispensável tratado de Vivaldo Coaracy sobre o Rio de Janeiro no Século XVII, onde a questão nos parece suficientemente esclarecida.

Martim Correia Vasqueanes (ou Vasques Eanes, em português mais castiço) não se ligou a Araruama. Foi sargento-mor das milícias cariocas e se radicou com engenho na Baixada Fluminense, onde obteve sesmaria que deu origem ao povoado de Maxambomba, hoje município de Nova Iguaçu. Quem de fato comprou a Fazenda Parati foi seu primo e quase homônimo Martim Correia Vasques, filho de Manuel Correia, um dos Sete Capitães de Campos, daí procedendo suas relações com Riscado, e, depois, com seus herdeiros. A confusão entre os dois é bastante comum, desde que nela incorreu monsenhor Pizarro, fonte que há quase duzentos anos os historiadores, sem exceção, criticam mas não conseguem dispensar.

O mesmo se pode dizer de Riscado: ora Miguel, ora Manuel, Cortines Laxe chega a utilizar as duas versões numa mesma página; e

o próprio Pizarro campista, o abundante Alberto Lamego, escorrega por vezes nesse Manuel de espúria procedência, que consta assinalado no célebre Roteiro dos Sete Capitães, documento sabidamente apócrifo.

A questão é hoje irrelevante, mas não deixa de ser curioso que, tendo de optar entre dois patronímicos, a cidade escolhesse justamente o errado para batizar um lugarejo e uma escola de sua periferia." (Soares, Emmanuel de Macedo. A Fazenda de Parati. In: Jornal O Principal. 31/08/96. p. 6. Acervo do Centro de Memória de Araruama)

"Mais de quarenta anos permaneceu Correia Vasques como senhor da fazenda de Parati, sem deixar muitos registros na história de Araruama. Mas que nela viveu e até lhe deu algum desenvolvimento parece incontestável, a acompanhar-se a certeza que isso depositava Cortines Laxe, fundado nos já referidos documentos autênticos que obteve do barão de Monte Belo.

Quando e como transferiu a posse da fazenda, não se sabe. Talvez haja morrido, e dela se desinteressado, algum ou alguns possíveis herdeiros, pois é certo que entre 1698 e 1705 passara Parati às mãos do sargento-mor José de Moura Corte-Real, capitão-mor de Cabo Frio.

Fosse em função do cargo que ocupava, fosse porque tivesse, como Tinha, outras propriedades, o sargento entregou a fazenda à administração de uma irmã, Maria Vitória.

Documentos que o conselheiro Macedo Soares vasculhou em cartórios de Cabo Frio (ainda estarão lá?) incluem cartas de alforria passadas por ela em notas do tabelião Luís Freire Esteves a 29 de junho e de julho daquele ano de 1705, em favor de seus escravos Luzia, Maria e Gonçalo da Costa Vieira. Firmou-as na própria Fazenda de Parati, servindo de testemunha o capitão José Torres Quintanilha, um dos troncos dos Quintanilhas que ainda existem em Araruama.

Morto o sargento-mor Corte-Real, não ficou a fazenda muito tempo em mãos de sua viúva, Bárbara de Madureira falecida pouco depois. Herdou-a Luísa de Moura, filha do casal, e daí datam os primeiros retalhamentos de Parati em pequenas ou grandes porções, vendidas a novos colonos que chegavam para plantar seus sítios de cana, milho, feijão e mandioca.

Uma dessas transações está documentada em escritura firmada por Luísa e seu marido Antônio Rodrigues de Melo a 15 de janeiro de 1747 em notas do escrivão de Cabo Frio Francisco Gomes da Fonseca, pela qual se tem idéia do que fosse a dimensão original da Fazenda de Parati. Naquela ocasião, e pela escritura citada, venderam parte das terras por 800 mil réis a Eusébio Alves Ribeiro, José de Azeredo Coutinho de Macedo e Jerônimo Coutinho da Silva, correndo quatro léguas ou mais pela restinga da Massambaba até a Lagoa de Ipitangas. Compreendiam toda a Praia Seca, onde os três compradores repassaram 30 braças de terras a Pedro Álvares Lugo, indo da costa do mar à Lagoa de Araruama.

Além do que alienou foi casal esbulhado de outras posses igualmente deixadas pelo sargento-mor, entre elas uma légua de terras no Campo de Bacaxá, onde Corte Real e seu genro tiveram casa e curral de gado. Assim revela uma declaração que a 17 de maio de 1759 Antônio Rodrigues de Melo anexou aos autos do inventário de D. Luísa, falecida em fins de 1757 (abriu-se o processo de partilha na Fazenda de Parati a 21 de novembro desse ano) segundo a qual naquele sítio se introduzira o carmelita frei José de Carvalho, que tendo falecido dele dispôs em testamento como se fosse seu.

Por fim, certamente por morte de Rodrigues de Melo, foi a própria fazenda de Parati arrematada em praça na cidade de Cabo Frio a 21 de março de 1783 pelo padre Antônio Gonçalves Marinho, que para isso se desfez da Fazenda Escorial, em Itaboraí, herdada de seus pais. Eram estes o português João Gonçalves Marinho e Águeda Correia de Siqueira, que além do padre tiveram pelo menos mais três filhos: João Gonçalves Marinho, José Gonçalves Marinho e Maria do Rosário Florim, todos de pronto mudados para a nova propriedade. No testamento com que faleceu (depois de 1795) determinou o padre Marinho que a fazenda de Parati fosse repartida entre seus irmãos e sobrinhos, dentre estes Antônia Joaquina de Sã e Joaquim Marinho de Queiroz, capitão-mor de Cabo Frio, pai de um filho homônimo que teve do imperador o título de barão de Monte Belo.

A este e a outro filho, Francisco Antunes Marinho, deixou o capitão Queiroz a Fazenda de Parati, repartida para formar a de Monte Belo, onde se instalou o futuro barão.

Dai por diante perdemos a linha de sucessão da Fazenda Parati, cuja importância foi sendo suplantada pelas de Ipitangas, Tiririca e Bonsucesso. Diz a tradição, teria pertencido ao comendador Bento José Martins, cuja mulher supomos irmã do barão de Monte Belo. Muito poderia esclarecer a respeito o volumoso e até hoje inconcluso inventário do comendador, adormecido no Fórum de Araruama.

O certo é que em 1927 pertencia ao industrial Ciro Torres, que ali explorou salinas. Pouco mais tarde coube ao ministro João Alberto Lins e Barros, e este restaurou ou reconstruiu seu palacete. Não faz muito ainda ouvíamos, sem a imponência que lhe emprestava o isolamento no meio da campina, retalhada em lotes.

O ex-prefeito Antônio Joaquim Alves Branco foi o último proprietário das extremas da Fazenda que alcançavam os limites da cidade e a desmembrou várias vezes: para implantar o complexo turístico do Parque Hotel, para o Plano de Urbanização de Araruama (do qual resultou o Jardim América), para a praia de banhos, que é artificial, e para os loteamentos que ele próprio empreendeu pelos vales dos rios Mataruna e do Limão.

Desses remanescentes teima em sobreviver uma fatia histórica na fazendola de seu filho Darli Alves Branco, pitorescamente incrustada em pleno perímetro urbano." (Soares, Emmanuel de Macedo. Os Corte-real. In: Jornal O Principal. 22/03/97. p. 4. Acervo do Centro de Memória de Araruama)

Histórico da Capela de Nossa Senhora do Cabo:

A edificação desta primeira capela determinou o surgimento do núcleo urbano primitivo que deu origem à Freguesia de Araruama.

Isto ocorreu no século XVII, existindo algumas divergências quanto a data correta. Enquanto alguns historiadores se referem a 1638, outros como o Monsenhor Pizarro e Cortines Saxe, citam a provisão de 5 de março de 1698, mandada passar pelo Governador do Bispado, Thomé de Freitas Fonseca, designado para servir como freguesia curada aos povos do lugar, a capela de Nossa Senhora do Cabo, fundada na Fazenda de Parati, por Martim Correia Vasqueanez, nos terrenos adquiridos dos herdeiros de Miguel Riscado, conforme escritura pública passada no Rio de Janeiro pelo Tabelião Antônio Francisco da Silva.

Obs. Na Segunda metade do século XIX D. Pedro II e a Princesa Isabel Visitaram a cidade, pernitando e jantando na Fazenda Parati.

(Arquivo do Consórcio Rio Lagos, extraído da revista Municípios em Destaque - Araruama).

"... Foi o templo bem conservado, mesmo depois da morte de Corte Real, a quem sucedeu seu genro Antônio Rodrigues de Melo. Este promoveu novas reformas (segundo Baltazar Lisboa à custa da própria fábrica da capela) e requereu ao bispo Dom Antônio de Guadalupe que tornasse a ser visitada, para que pudesse celebrar missas e outros atos, o que lhe foi concedido em despacho de 11 de novembro de 1735. Feita a visita, pelo padre Antônio Ribeiro do Amaral, provisão de 3 de dezembro lhe restituiu as honras de capela curada.

Ainda em 1735 Antônio Rodrigues de Melo instituiu-lhe o primeiro patrimônio, e em 1759 tratava de ampliá-lo, transferindo-lhe as terras que herdara do sogro no Campo de Bacaxá, terras das quais havia se apossado o carmelita frei José de Carvalho. Pouco depois terá falecido, pois a fazenda veio a ser vendida em praça ao padre Antônio Gonçalves Marinho, em 1783.

Estava a igreja em mau estado e deixara de ser curada, mas só em 1795 viu-se o padre Marinho em condições de reconstruí-la, em proporções bem mais avantajadas, certamente com o propósito de transformá-la em matriz, visto que não longe de Parati floresciam importantes povoados, como Mataruna e Iguaba. ...

Tendo especial carinho pela capela de sua fazenda, esmerou-se o padre Marinho na sua reconstrução, prolongada por muitos anos. Tanto que ao se criar em 1799 a freguesia de Araruama não estava ainda em condições de servir à celebração dos atos religiosos

instalando-se provisoriamente a matriz na igreja de São Sebastião, anexa ao convento dos capuchos, meia légua adiante do povoado de Mataruna.

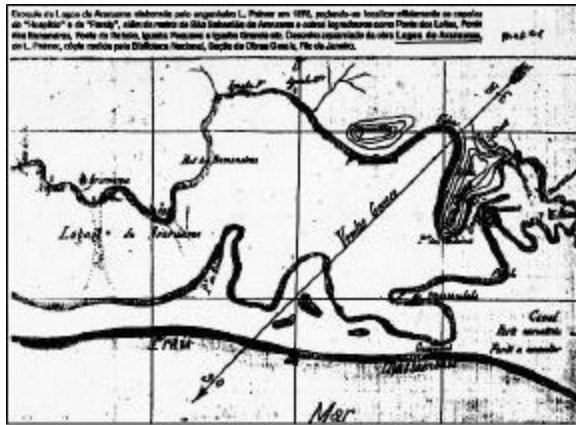
No testamento com que faleceu dispôs o padre Marinho que a fazenda ficaria para seus irmãos e sobrinhos, mas que a capela ser patrimônio comum de todos os herdeiros, e, portanto, inalienável. Tencionava desse modo preservá-la, e de fato a conservaram com igual dedicação seus primeiros sucessores na propriedade, o capitão-mor Joaquim Marinho de Queiroz e depois dele seu filho o comendador Francisco Antunes Marinho. Considerou-a magnífica o Bispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano da Silva Coutinho, que a visitou por volta de 1818 e no ano seguinte por provisão de 28 de março, deu licença ao comendador para nela promover os ofícios da Semana Santa.

Parati já declinava por essa época, enquanto ganhava importância e se desenvolvia o povoado de Mataruna, onde ficava a matriz. capela refletiu essa decadência, deixando de atrair interesse. O próprio comendador Marinho, proprietário da Fazenda, iria auxiliar em 1682 a fundação da nova igreja, mais próxima da vila dedicada a Nossa Senhora da Penha. E depois de sua morte, em 1874, não houve mais quem conservasse nem a capela nem a casa-grande de Parati, já arruinadas em 1885.

Testemunha o conselheiro Macedo Soares, escrevendo naquele ano: Hoje só existem as ruínas, tanto da capela como da casa de vivenda e do cemitério. O dourado dos altares e das credenciais está tão vivo e bem conservado quase como há noventa anos, quando foi posto.

E acrescenta: A imagem da padroeira foi recolhida por Joaquim Marinho Leão, sobrinho-trineto do padre Antônio Gonçalves Marinho. Existe ainda essa imagem, mas é de Nossa Senhora da Piedade, segundo nos revela um neto de Joaquim, o Dr. Plácido Marchon Leão. Está hoje em modesta capela que seu avô mandou construir numas terras que desmembrou de sua fazenda, igualmente chamada Nossa Senhora da Piedade, próximo de São Vicente. É assim bem provável que fosse essa a invocação original da capela...

Também sobrevive a cúpula da torre da ermida setecentista, numa propriedade particular do lugarejo que conserva o nome da primitiva fazenda - Parati - abandonada para que o tempo impunemente a consuma. Lembra-se os habitantes mais antigos de quando tombaram as ruínas da igreja, produzindo um estrondo que, dizem, foi ouvido na Iguaba." (Soares, Emmanuel de Macedo. As três capelas de Parati. In: Jornal O Principal. 6 a 19/07/1996. p. 6. Acervo do Centro de Memória de Araruama)



Informações complementares:

As ruínas existentes são do casarão construído na primeira metade do século XX como nos foi informado, em entrevista, com o escritor Sylvio de Vasconcellos, autor do livro "Apontamentos sobre Araruama"

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer



Foto do acervo do Centro de Memória de Araruama

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Monte Belo Código de identificação: AR-CS-003

localização: Rodovia ARA-106, em frente a "Águas de Juturnaiba",
Picada. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 50' 12.7" S.;
Long. 42° 17' 47.8" O

Época da construção:

Provavelmente século XVIII / XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Fazenda de café / Fábrica de artefatos de cimento

Categoria:

Arquitetura Rural

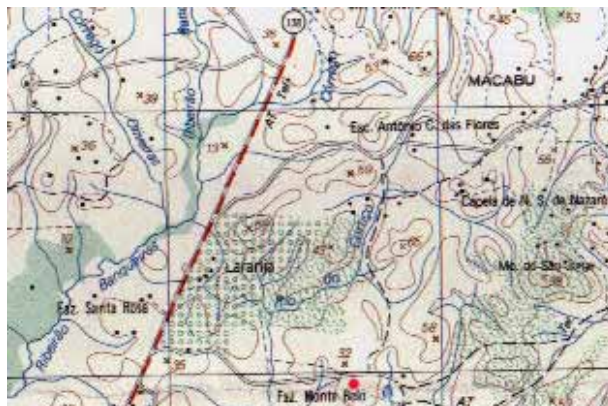
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Particular / Proprietário não informado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Só resta o sítio, não existe mais a fazenda original.

Situada em elevação suave onde hoje se encontra uma fábrica de artefatos de cimento.

Informações históricas:

"Esta fazenda, cujas respectivas terras foram desmembradas da velha Fazenda de Parati, pertenceu a Joaquim Marinho de Queiroz, Barão de Monte Belo, que nelas construiu um suntuoso casarão, assobradado, com muitos compartimentos, para a sua sede. O amplo salão nobre era decorado com muito luxo e a sala de jantar dava para um pátio ajardinado, segundo reza a tradição. O casarão ficava numa elevação de terreno. Das suas janelas descortinava-se toda a planície à sua volta, proporcionando aos olh dos visitantes uma deslumbrante paisagem. A fazenda tinha como sua principal produção o café.

Por falecimento do barão, foi a mesma dividida em várias partes. O certo é que, em 1919, a parte da propriedade que abrigava a sede veio a pertencer a Plácido Vieira Marchon e Diógenes Marchon. Estes a adquiriram, por compra de Amâncio dos Santos Silva. Posteriormente continuaram as subdivisões, passando a sede da fazenda às mãos de Belmiro Graça, descendente de escravos da mesma." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.222)

"Uma das conseqüências imediatas do café foi o deslocamento do eixo da produção do litoral para o interior, onde o clima e o terreno lhe eram mais benéficos.

Enquanto Parati e Ipitangas se eclipsavam, incomodadamente colocadas à beira-mar, destacou-se a Fazenda Monte Belo como a maior produtora da milagrosa rubiácea, fato que garantiu a seu proprietário, Joaquim Marinho de Queiroz, o título de barão.

Conquistou-o do imperador a 14 de março de 1867, pela contribuição que dera à manutenção das tropas em guerra contra o Paraguai (10 contos de reis), tendo honras de grandeza por decreto de 21 de dezembro de 1871.

Quer isso dizer que o título seria transmitido a seu filho mais velho e varão. Mas... como saber qual deles? A vida toda conservou-se solteiro. No entanto, diz o historiador J. B. de Athayde, contribuiu entusiasticamente para o povoamento de Araruama, deixando prole de mais de 30 filhos, havidos de mulheres diversas, inclusive, claro, suas mucamas.

Dessa descendência existem ainda muitos representantes em Araruama, com sobrenomes diversos, por motivos óbvios. No Rio se fixaram outros, de uma linhagem que já teve ministro de Estado e embaixador, e à qual pertenceu em patamares mais distantes o fabuloso Lúcio Rangel, jornalista, crítico de arte, boêmio, enfim, uma figura inesquecível. E, por vias transversas, seu irreverente sobrinho, Sérgio Marcus Rangel Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que tantas vezes encontramos nas varandas do Parque Hotel, a desperdiçar conversa com o Clóvis Macedo, o Renato Certini e o Mário Bushema, que já passaram para o lado de cima.

Dizem que não dispunha de muitas boas letras, mas conduziu com habilidade os negócios políticos e administrativos de Araruama, presidente, por várias gestões, da Câmara Municipal. Atuou com destaque na campanha de emancipação da vila e a anexação de São Vicente ao nosso território, em detrimento dos interesses de Cabo Frio, é uma conquista que não pode deixar de levar seu crédito.

Nascera na Fazenda Parati, a 13 de junho de 1800, filho homônimo do então capitão-mor de Cabo Frio e sobrinho-neto do padre Antônio Gonçalves Marinho, de quem ainda seria herdeiro. Viveu exatos e bem vividos 88 anos, vindo a falecer na fazenda Monte Belo a 15 de julho de 1888, dois meses depois da abolição.

Teve muitos irmãos, dentre os quais o comendador Francisco Antunes Marinho, e, cremos nós, D. Josefa Maria Conceição, nascid:

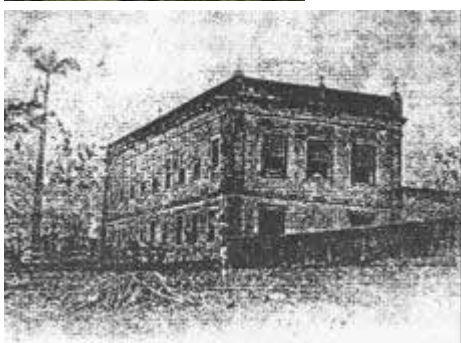
em 1808 e falecida em Araruama a 31 de outubro de 1886, casada com o comendador Bento José Martins. Na colina que dera nome à fazenda, de onde se divisava todo o litoral até Iguaba, construiu vistoso solar onde nasceu em 1864 ilustre araruamense, o engenheiro, literato e professor José Dias Delgado de Carvalho. Dessa casa em vão buscamos pelo menos as remotas ruínas, eu e o Hamiltinho Rimes, quando por lá perambulávamos na doce e despreocupada vadiação de nossa adolescência. Dizia-nos então uma velha empregada de nossa casa, Ali nascida e criada, que muitas vezes vira arrancar do palacete portas, janelas, telhas, caibros, azulejos e até ferragens e maçanetas. - que deveriam ser inglesas - tudo vendido a quilo por mascates de língua enrolada. Quanto à fazenda, sabemos que pertenceu por muitos anos a parentes e contraparentes de Monte Belo, entre eles os irmãos Plácido e Diógenes Marchon, que adiante a venderam a outro irmão, Menelau. Já no fim dos 50 conhecemos como proprietário ou administrador dela o velho José Marques; e depois, por muitos anos, o doutor Hamilton Rimes. Doutor sim, porque embora poucos sabiam, e talvez nem ele se lembre, é farmacêutico de anel e canudo." (Soares, Emmanuel de Macedo. Jornal O Principal. 28/09/1996. p.06. Acervo do Centro de Memória Municipal de Araruama.)

Informações complementares:

Sobre o Barão de Monte Belo. Extraído da revista "Municípios em Destaque - Araruama": "Através de obra intitulada "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", organizada pelo Barão de Vasconcellos, podemos afirmar que o Comendador Joaquim Marinho Queiroz foi o único filho de Araruama a ser agraciado com um título nobiliárquico, o de Barão, por Decreto Imperial de 14 de março de 1867, e o de Barão com Grandeza, conforme Decreto de 21 de dezembro de 1871. Joaquim Marinho de Queiroz era um dos mais conhecidos fazendeiros da Região dos Lagos, tendo exercido alguns cargos proeminentes na vida administrativa de Araruama, como o de primeiro presidente da Câmara Municipal, que correspondia ao de prefeito da atualidade; de Inspetor Paroquial de Ensino Público e Suplente de Juiz Municipal de Órfãos. Era Comendador da Imperial Ordem de Cristo e Oficial da Imperial Ordem da Rosa. Foi sepultado em Araruama em 1888."

As fotos utilizadas para ilustrar o fichamento são de fontes secundárias em função de não ter sido permitido à equipe o acesso à área da fazenda. Nos informou o administrador que o único prédio existente será demolido.

Registro Fotografico:



Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 24/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Lagoa Preta (Conhecida como Fazenda dos Barrouin) Código de identificação: AR-CS-004

localização: Acesso pela RJ - 138 com Estrada de São Vicente, em frente ao Residencial Villefeur. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 47' 32.2" S.; Long. 42° 48' 51.6" Município: Araruama

Época da construção:

Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Sede da fazenda / Residência

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Herdeiros do médico Clóvis Barrouin

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Como característica do local a sede da fazenda situa-se em uma elevação predominante, cercada de colinas suaves e de baixada inundáveis, uma das quais forma pequena lagoa natural.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Fachada Externa de feição simples. Construída em terreno com alicive, possui embasamento elevado na face frontal (cerca de 1,30m de altura). Corpo principal com alpendre em anexo. Ambas soluções comuns em nossa arquitetura rural.

A fachada de maior visibilidade é bem simples em sua composição. Nela abrem-se 7 janelas em guilhotina dotadas de folhas cegas vergas retas e emolduramento em madeira. Acrescenta-se a vista lateral de um alpendre que protege a fachada que lhe é perpendicular. Cunhais com tratamento de pilastra de ângulo. Os acessos à casa são feitos pelas fachadas laterais e a de fundos vista lateral é formada por um conjunto de 3 janelas e uma porta em bom estado de conservação. O acesso ao interior da casa se dá através de uma escada.

O tratamento simples da fachada representa bem a versão rural da tendência neoclássica.

O aspecto externo da construção é bom, à exceção do beiral do telhado, prejudicado pela ação do cupim. Este, em 4 águas, é em telhas francesas. O alpendre possui cobertura independente. É possível que se trate de acréscimo posterior, o que é o caso, com certeza, ao corpo agregado a uma das laterais da casa.

A casa no seu interior dispõe de 4 quartos, 2 salas, copa e cozinha, além de varanda e todos os anexos à essa construção inicial. teto em forração de madeira apresenta-se em bom estado de conservação. O piso dos quartos e sala é em tábuas corrida original a cozinha e demais dependências, em cimentado.

Internamente a casa encontra-se em bom estado de conservação. Todo o mobiliário da época foi mantido, encontrando-se em bom estado de conservação.

Informações históricas:

"Pertenceu ao Comendador Francisco Antunes Marinho, que nela residia. Mais tarde, veio a pertencer sucessivamente a Artur Marinho Leão, a Ovídio Leite, a Coriolano Gusmão e ao médico Clóvis Barrouin de Melo." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.224.)

Informações complementares:

No interior da sede da fazenda, em sua sala, encontramos um documento antigo enquadrado no qual figura a implantação e a totalidade do terreno da propriedade referida.

Esta é a fazenda mais bem conservada do município de Araruama, tanto interna quanto externamente. Deveria ser tombada e incluída no circuito de turismo rural, já existente, promovido pela prefeitura.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 24/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda da Piedade

Código de identificação: AR-CS-005

localização: Estrada de São Vicente, entrada de Marilota, Banqueiros. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 46' 26.1" S.;
Long. 42° 48' 18.3" °

Época da construção:

Provavelmente século XIX / XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim descaracterizado

Uso original/uso atual:

Sede de fazenda / Fazenda de pecuária

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Privada / Proprietário não informado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Como as demais, está situada em elevação, neste caso bastante suave, onde se descortina a baixada.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

É possível afirmar que se trata de aproveitamento do que foi a primitiva fazenda, cujos embasamentos em alvenaria de pedra permaneceram.

De pequenas dimensões, apresenta na fachada principal, três janelas e uma porta, todas em verga reta. A escada de acesso é evidentemente recente assim como o telhado de telhas francesas com beiral pouco pronunciado e pontas de caibros aparentes.

Informações históricas:

"Eram seus proprietários Manoel Marinho Leão e sua Mulher D. Mariana Antônia Marinho Leão, Filha do Comendador Francisco Antunes Marinho. Por morte destes, a fazenda passou a pertencer, sucessivamente a Joaquim Marinho Leão ("Quincas Leão"), a Manoel Marinho Leão e a Plácido Marchon Leão,..." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.224.)

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 24/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Prodígio Código de identificação: AR-CS-006

localização: Entroncamento da BR-136 com a ARA-005, em Frente a Escola Municipal Prodígio, Prodígio, Distrito de São Vicente. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 45' 17.5" S.; Long. 42° 19' 25.5" ° Município: Araruama

Época da construção:
Presumido Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
ruim preservado parcialmente

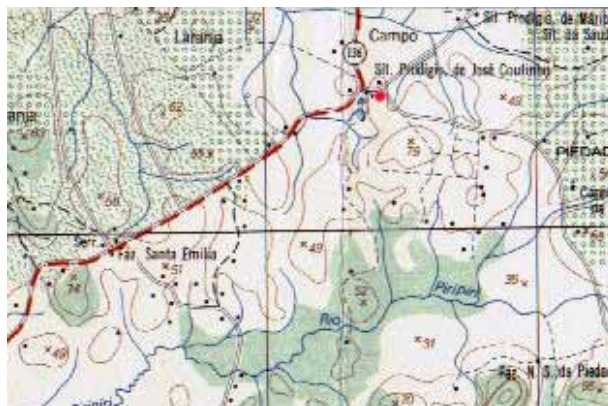
Uso original/uso atual:
Fazenda de lavoura de açúcar / Residência desocupada

Categoria:
Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Privada / D. Branca Coutinho, segundo informações

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Como as demais encontradas na área, a fazenda foi construída sobre pequena elevação que domina o entorno.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Fachada Principal composta por um conjunto de 6 janelas, com aro de madeira, encimadas por verga reta, e uma porta que abre acesso ao interior da fazenda. Como não foi permitido o acesso ao interior do prédio a descrição é resultado da observação de suas feições externas. Pode-se observar que o estado de degradação já está bastante avançado. O conjunto dos aros das portas e das janelas já está bem comprometido em função da ação do cupim. Da mesma maneira, o telhado característico de 4 águas, já teve trechos que ruíram.

A entrada da sede é precedida por um pátio avarandado, com sua balastrada também parcialmente arruinada. Pode-se observar a feição original do prédio através do encaibramento. A estrutura frontal do telhado tem seu beiral com caibros aparelhados e acabamento em "peito de pomba"; já os fundos do prédio tem seu encaibramento todo em madeira roliça (pau-de-mangue) sugerindo periodicidade diferenciada.

Informações históricas:

"Pertencente ao Comendador Antônio Rodrigues do Couto e, depois, a seu filho Antônio Rodrigues do Couto Júnior ("Zizá Couto"). Hoje pertence a seus descendentes." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.226.) Não foi possível darmos continuidade ao histórico de propriedade do imóvel uma vez que não encontramos a base documental.

Informações complementares:

Segundo informações do encarregado da fazenda, esse prédio documentado em fotos sofrerá uma reforma para restaurá-lo. Nos preocupou a informação dada pelo mesmo de que era intenção da atual proprietária construir uma laje na atual sede. Esta fazenda ainda preserva plantas e fachada típicas da implantação rural da região. Está, no entanto, ameaçada de sofrer intervenções que podem descaracterizá-la. Deveria ser tombada e incluída no circuito turístico rural da Prefeitura de Araruama.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 21/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Morro Alegre ou Vista Alegre Código de identificação: AR-CS-007

localização: Estrada do Morro Grande, BR - 136, próxima à localidade de mesmo nome. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 46' 45.5" S.;
Long. 42° 21' 38.8" O.

Época da construção:

1852

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Sede de fazenda / Abandonada

Categoria:

Arquitetura Rural

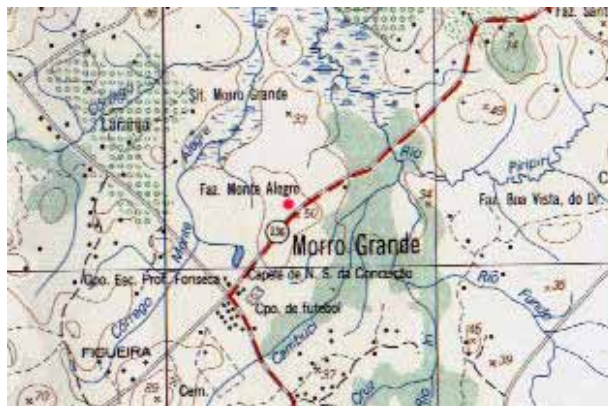
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Particular / Bráulio Soares Coutinho

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se em elevação que domina a localidade de Morro Grande. No entanto a atual estrada de acesso passa pelos fundos da casa que está cercada de mato alto e invadida por marimbondos.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Construída em terreno de suave declive, aproveita esse desnível para compor um portão alto (cerca de 2m de pé direito). Um cordão de massa marca nas fachadas, principal e laterais, a base do pavimento principal. O beiral pouco balanceado apoia-se na cimalha do entablamento mencionado.

Observam-se também cunhais tratados como pilastras de ângulo em que sobressaem os respectivos embasamentos e entablamento simplificado encimando as fachadas.

Informações históricas:

"Esta fazenda foi fundada por D. Maria Ildefonsa da Silva Lemos Pena. A sua bela sede, de velho estilo colonial, foi construída pelo empreiteiro Manoel Alves de Mello. Com a morte de D. Maria Pena, a fazenda passou a pertencer ao coronel Francisco da Silva Lemos, casado com Gabriela Lemos. Este vendeu-a depois a Antônio Joaquim Alves Branco, que, por sua vez, a vendeu ao tenente Agostinho Alves de Melo. Pouco depois a propriedade foi adquirida por Honorino Carlos de Azeredo Coutinho, casado com D. Emília Ribeiro de Macedo Soares de Azeredo Coutinho, filha do Alferes João Augusto de Macedo Soares. Por falecimento do casal a fazenda foi dividida entre seus filhos. A área da velha sede pertence, hoje, ao filho Bráulio Soares Coutinho, meu estimado colega de colégio." (Vasconcellos, Sylvio Lamas. Apontamentos sobre Araruama. p. 226 - 229).

"Construída por Dona Maria Pena, em março de 1852, com um custo total de 40 mil réis é conhecida pelos araruamenses como a casa de Honorino Coutinho, em Morro Grande.

Sabe-se que logo depois de construída foi encontrado um neném em um berço na sua escadaria. A proprietária o recolheu, batizou-o e criou com o nome de Francisco Lemos, que foi um grande político, presidente da Câmara, em 1901/1904, e Coronel da Guarda Nacional.

Ele se casou com Gabriela Lemos, e ali morou até vendê-la a Joaquim Alves Branco por 1 conto e quinhentos mil réis, que a vendeu ao Tenente da Guarda Nacional, Agostinho Alves de Melo, por 3 contos de réis.

Em 1924 ela foi vendida ao Tenente da Guarda Nacional Honorino Carlos Azeredo Coutinho, casado com Emília Ribeiro de Macedo Soares Azeredo Coutinho.

Com a morte do casal, a casa ficou para os filhos José, Bráulio, Antenor, Ciro e Abel. As terras foram divididas e a sede ficou para Antenor Soares Coutinho.

Atualmente, com a sua morte, a casa foi comprada à viúva, Neyde Aguiar Soares Coutinho, por seu cunhado Bráulio Soares Coutinho." (Soares, Emmanuel de Macedo. A casa de Honorino Coutinho. Jornal O Principal. 13 a 26/04/1996. pag. 6. Arquivo do Centro da Memória Municipal de Araruama).

"A Fazenda de Morro Grande, que sobrevive, embora reduzida, na Monte Alegre, nunca se dedicou inteiramente ao café. Estenderam-se por ali também as plantações de cana, milho e mandioca, de permeio com modestos engenhos de açúcar e engenhocas de farinha.

Pertenceu no século XVIII ao coronel Carlos José de Siqueira Quintanilha, dos Torres Quintanilha do ramo saquaremense, e coube por herança a um de seus filhos, Belarmino Ricardo de Siqueira, barão de São Gonçalo, que não lhe deu bastante atenção. Voltou-se com mais interesse para as propriedades que tinha freguesia gonçalense, entre elas as do Jacaré e do Engenho Novo do Retiro

Morrendo o barão, herdou-a seu sobrinho e afilhado, o coronel Carlos de Sá Carvalho, que já de longa data a administrava. Sá Carvalho foi o líder do movimento de emancipação de Araruama, a que daria decisivo impulso. Mudou-se depois para Niterói, onde em 1890 seria o primeiro presidente da Intendência Republicana, e utilizou Morro Grande para criação de gado, já que por muito tempo foi contratante do abastecimento de carne da então capital fluminense e de São Gonçalo. Neste último município teve outra fazenda de criação, a do Laranjal, também herança do barão, que recebera do mesmo modo de um irmão falecido solteiro, Carlos José de Siqueira Quintanilha. Passou-a antes de 1900 a Domicio de Menezes juntamente com o contrato da carne. "A de Morro Grande, que colocou à venda por 4 contos de réis em fevereiro de 1889 coube por obra do destino ao legendário coronel Francisco da Silva Lemos, que a vendeu a Agostino Alves de Melo pela mixórdia de um conto e quinhentos. Deste passou às mãos de Antonino Alves Branco, pelo dobro do preço, já como nome de Monte Alegre. Em 1924 voltava à família do barão, vendida a Honorino Carlos de Azeredo Coutinho, descendente dos Quintanilhas e Siqueiras de Saquarema. É hoje propriedade de seus filhos e netos, repartida em muitas porções." (Soares, Emmanuel de Macedo. Morro Grande. Jornal O Principal. 12/10/1996. p.6. Arquivo do Centro de Memória Municipal de Araruama.)

Informações complementares:

Este é o único exemplar do ciclo cafeeiro que foi bastante importante para a colonização do interior do município de Araruama. Encontra-se a menos de 1 Km do núcleo urbano de Morro Grande, dominando a sua paisagem. Trata-se de um exemplar que, além de ser significativo em termos arquitetônicos e de situação de implantação, guarda a memória de personalidades importantes na vida política no Estado do Rio de Janeiro, devendo, portanto, ser tombada e incluída no circuito turístico rural da prefeitura Municipal de Araruama.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 29/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda da Figueira	Código de identificação: AR-CS-008
localização: Estrada da Figueira, Jardim Califórnia, Morro Grande. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 47' 33.1" S.; Long. 42° 22' 33.3" O.	Município: Araruama

Época da construção:

Informado século XVI, provavelmente século XVIII

Estado de conservação/ grau de caracterização:

satisfatório preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Sede de Fazenda de açúcar, depois café, laranja, mamão e mandioca / Residência

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Maria Nísia de Mello Lacerda

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se em meia encosta de elevação suave, em Morro Grande. Está hoje cercada pelo Loteamento denominado Jardim Califórnia.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Estrutura em madeira aparente (esteios, baldrames e frechais). Provável vedação de pau-a-pique já que as paredes aqui são protegidas por um beiral mais pronunciado que o usual. Beiral em cachorrada. Telhado em quatro águas, uma das quais se estende cobrindo uma parte mais baixa da construção. O conjunto como um todo, eleva-se sobre pilares de alvenaria que constituem um porão aberto. Embora constando que essa fazenda date do século XVII por informação da proprietária, as vergas em arco de círculo apontam para o século XVIII, provavelmente em sua segunda metade.

Informações históricas:

"Do tenente Agostinho Alves de Mello, passou a pertencer, por seu falecimento, à sua filha Dila Alves de Melo, Casada com João Mariano Coutinho, cognominado de 'Joca'." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.229.)
De sua história como fazenda de café só guarda os vestígios da sede. Com história bem antiga, segundo a proprietária, sua avó lh dizia que a Princesa Isabel lá hospedou-se quando de sua ida a Cabo Frio vinda da Quinta da Boa Vista.
Segundo documento apresentado pela proprietária, em 1985 a fazenda tinha 385 anos, datando, portanto, do ano de 1600.

Informações complementares:

Independente das controvérsias sobre a época de sua construção, trata-se indubitavelmente do exemplar de arquitetura rural mais antigo de Araruama devendo, portanto, ser tombado e incluído no circuito turístico rural de Araruama.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 24/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Aurora	Código de identificação: AR-CS-009
localização: Rodovia RJ-124, km 27. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 48' 05.5" S.; Long. 42° 24' 52.9" O.	Município: Araruama

Época da construção:

1862

Estado de conservação/ grau de caracterização:

satisfatório preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Fazenda de lavoura de café / Abandonada

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Estadual

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Araruama

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Localizada em topo de pequena colina, hoje aplainada pela RJ-124, provavelmente ficava a beira de importante acesso a Região dos Lagos.



Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Belíssimo exemplar de arquitetura rural do século XIX, certamente relacionada a lavoura de café pela data de origem. Prédio cuja parte central da fachada principal é assobradada, assim definindo seu eixo de simetria que nela se destaca em relação às partes laterais térreas.

Nesta composição de fachada, os vãos abrem-se em número de três tanto na parte central - térreo e assobradada - quanto nas laterais (11 janelas e 1 porta).

As janelas de Guilhotina possuem verga reta encimada por sobreverga em forma de cimalha, exceto nos vãos (2 janelas e porta) d pavimento térreo do eixo central onde a sobreverga assume forma de frontão triangular.

O tratamento da parte superior da fachada, tanto nas laterais quanto na central, sugere entablamento clássico com frisos e cornija protegidos em seu balanço por pequeno beiral.

Esse entablamento é descontínuo na parte central do pavimento térreo, onde a separação entre ele e o superior é definida por um cordão em estuque como os demais elementos decorativos já referidos. Acima desse limite, ergue-se, nos dois níveis, uma platibanda em cujas 4 extremidades ainda se encontram as bases dos coruchéus que a encimaram.

Os embasamentos dos dois pavimentos destacam-se do plano da fachada e os respectivos arremates sustentam os cunhais, tratados como pilastras de ângulo, emoldurando-lhes as bases.

A visão possível do imóvel, como um todo, não permite definir exatamente sua planta, que se dispõe provavelmente em "U".

Quanto às coberturas, em telha canal, parecem dispor-se em quatro águas com cumeeiras paralelas à fachada na parte frontal e perpendiculares nos corpos laterais.

O corpo lateral é coberto em copiar. Cabe referência ao portão em serralheria engastado em robustos pilares, que se ligam em

movimento curvilíneo descendentes a colunas mais baixas a partir das quais se estende o muro.

Informações históricas:

"Esta fazenda foi fundada pelo português Francisco Pereira da Costa Vieira, casado com D. Gertrudes Maria Custódio, passando depois a pertencer a sua filha, de nome Maria Custódio Vieira Ribeiro, casada com José Pinto Ribeiro, figura prestigiosa na política de Saquarema, Araruama e Rio Bonito. Mais tarde a fazenda passou a ser propriedade da filha do casal Maria Custódio e José Pinto Ribeiro, de nome Maria Gertrudes Ribeiro de Macedo Soares. Sobre a figura curiosa do alferes, o conselheiro Macedo Soares seu irmão, escreveu: 'Exemplar chefe de família, caráter rijo, muito respeitado por suas convicções. Em 1895 recusou a patente de coronel da Guarda Nacional porque, disse, que a de alferes conquistara por serviços prestados à Nação, ao passo que a outra só lhe era concedida em atenção a parentes próximos altamente colocados. E continuou a assinar-se: - alferes João Augusto de Macedo Soares' (ob. Cit., parte II, pag. 141). Não sei dos sucessores imediatos desses últimos proprietários". Sei, porém, que a fazenda veio a pertencer, ainda, ao tenente Agostinho Alves de Melo, à sua filha Frutuosa Policarpina de Melo Novais (casada com Aristides Novais) e ao almirante Tito Evandro de Noronha França. Hoje, pertence ao empresário Oscar Magalhães." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p. 225-226).

"Do apogeu agrícola da segunda metade do século XIX nada ou quase nada restou. Os solares de Monte Belo, Bonsucesso e Parati, com suas elegantes capelas, viraram pó. Sobreviveu apenas, mas está a exigir providências urgentes para seu tombamento e restauração, a Fazenda Aurora.

Fundou-a o português Francisco Pereira da Costa Vieira, em 1862, nela falecido a 21 de junho de 1864. Nasceu na Ilha do Pico, freguesia de Santo antônio, nos Açores, filho de Antônio Pereira da Costa e Águeda Tereza Vieira.

Veio jovem tentar a sorte em Araruama e aqui se casou com moça da terra, Gertrudes Maria Custódia, filha de Manuel Custódio Pacheco Resende e Ana Josefa Antunes.

Estabeleceram-se num ponto privilegiado da estrada que conduzia a Palmital, Boa Esperança, Rio Bonito e Capivari, a três ou quatro léguas da vila e a cinco ou seis da Estrada Geral de Niterói a Campos, por onde em 1880 se estenderiam os trilhos da Estrada de Ferro Cantagalo.

Prosperaram na fase áurea do café e deixaram a fazenda a uma filha, Maria Custódia Vieira Ribeiro, casada com José Pinto Ribeiro. Estes a outra filha, Maria Gertrudes Ribeiro, casada com o alferes João Augusto de Macedo Soares...." (Soares, Emmanuel de Macedo. Aurora e seu alferes. Jornal O Principal. S.d. Arquivo do Centro de Memória Municipal de Araruama).

Registro Fotografico:



Foto werther Holzer



Foto werther Holzer



Foto Araruama: Mapa ambiental, Cultural e histórico.
Prefeitura de Araruama / Aspergillus. s.d.

Levantado por:

Data:

Revisado por:

Data:

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Marimbondo

Código de identificação: AR-CS-010

localização: A entrada para sua localização é pela RJ-124, no KM 26 - Município: Araruama
o acesso fica ao lado da Escola Antonio Pinto.
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 48'48.5" S.;
Long. 42° 25' 21.2" O.

Época da construção:

Presumidamente século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Fazenda provavelmente de café / Pecuária

Categoria:

Arquitetura Rural

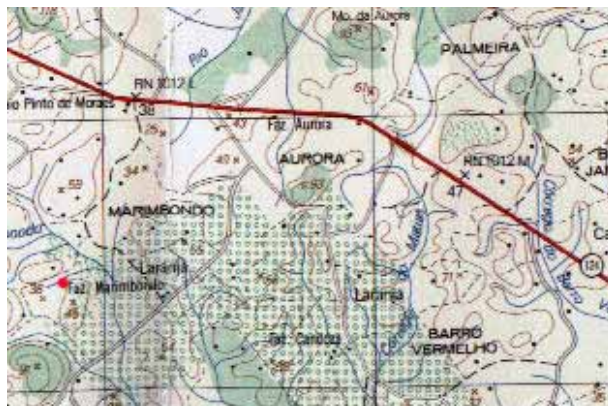
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Particular / Sr. José Vieiras

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Como vestígio apenas foi identificado o local.

Como nas demais fazendas da região, a implantação da sede e dos prédios anexos se dá na parte elevada do pequeno morro.

Toda a paisagem circundante também se repete - uma extensa planície marcada por pequenas elevações que quase poderiam se descrever como "ondulações da paisagem", dadas suas pequenas altitudes.

Infelizmente o que podemos verificar da fazenda original só se manteve o local - terreno original de implantação. Não há o menor vestígio da sede e demais edificações.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Sobre o histórico da fazenda tampouco encontramos documentação pertinente. Na nossa grande fonte de referências, "Apontamentos Sobre Araruama" de Sylvio Lamas de Vasconcellos, também não encontramos nenhuma informação sobre a fazenda.

Registro Fotográfico:

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 19/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge

Data: 11/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda do Jaguaripe	Código de identificação: AR-CS-011
localização: 2º Distrito - Morro Grande, Jaguaripe. Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22º 45' 19.6" S.; Long. 42º 22' 48.1" °	Município: Araruama

Época da construção:
Século XVIII / XIX

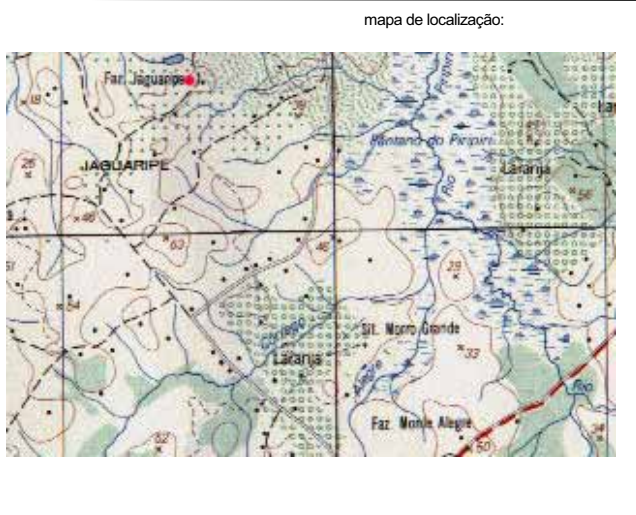
Estado de conservação/ grau de caracterização:
arruinado descaracterizado

Uso original/uso atual:
Lavoura de açúcar / Pecuária

Categoria:
Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma

Propriedade
Particular / Sr. Otacílio de Mello



Situação e ambiência:

Ainda são presentes os vestígios do antigo engenho e da sede, muito embora, em função das alterações são pouquíssimos os elementos para se tentar uma recuperação ou leitura dos mesmos.

Informações históricas:

"Pertencia ao casal Antonio Pereira de Magalhães e D. Filipa Augusto de Magalhães." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. P. 229, 230)

Registro Fotografico:



Casa situada no local onde anteriormente foi edificada a sede da fazenda. Foto Werther Holzer



Telheiro correspondente ao local remanescente da antiga usina do engenho. Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 19/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge

Data: 11/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Camboatá Código de identificação: AR-CS-012

localização: 2º Distrito - Morro Grande Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 45' 51.6" S.; Long. 42° 23' 32.8" O. Município: Araruama

Época da construção:

Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Lavoura / Residência

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Privada / Senhora Nede Figueiredo

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Fazenda de localização extremamente difícil, por se situar longe da estrada vicinal que lhe dá acesso e sua visualização ser interdita pela topografia acidentada. Fica muito difícil amarrar a sua entrada. O único instrumento é o posicionamento georeferenciado e a informação no local (informação esta bem desconstruída). Outra referência é estar próxima a estrada de Morro Grande.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

O Prédio já muito decadente em função da falta de conservação ainda guarda seus traços originais - arquitetura rural onde se apontam linhas simples, despojadas, predominância de espaços fechados sobre os abertos, traços clássicos austeros lembrando arquitetura do século XVIII da região.

Informações históricas:

Não existem registros sobre essa fazenda. Suas proprietárias residentes no local é que dizem ter a fazenda cerca de 200 anos de existência.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 19/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 24/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Pau Brasil
Código de identificação: AR-CS-013

localização: Estrada do Pau Brasil, Banqueiros, São Vicente.
Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 47' 03.06" S.;
Long. 42° 15' 53.2" O.

Época da construção:

Desconhecido

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Sem informações / Fazenda de pecuária

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Particular / Não informado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Como as demais fazendas, situava-se em pequena elevação dominando a baixada.

Informações históricas:

"Pertenceu a Olímpio Marinho de Bragança, e , depois, ao filho Olímpio Marinho de Bragança Júnior, que era casado com D.Felicíssima Dias de Bragança . Eram filhos do casal: José Dias de Bragança, João Batista de Bragança, Antônio Marinho de Bragança (Tonho), Paulo Krüge de Bragança, Olímpia Marinho de Bragança, Oscar Olímpio de Bragança, Sibila Marinho de Bragança, Manoel Olímpio de Bragança (Duca) e Augusto Marinho de Bragança. Olímpio Júnior era homem de bom nível intelectual, visto que freqüentara a faculdade de direito de São Paulo, sem entretanto, concluir o curso." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.231-232.)

Informações complementares:

O encarregado da fazenda informou a existência de vestígios de uma senzala que se encontra em local inacessível.

Registro Fotográfico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 19/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge

Data: 11/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda Rio Pardo Código de identificação: AR-CS-014

localização: Localiza-se no 2º Distrito - Morro Grande - próxima a Fazenda Marimbondo. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22º 46' 48.1" S.;
Long. 42º 25' 55.0" O

Época da construção:

Presumidamente século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Fazenda lavoura cafeeira / Cultivo de laranja e Pecuária

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Particular / Srs. Alberto e Manoel Ribeiro, atualm

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Sede original demolida.

De difícil localização por se implantar bem no interior do distrito de Morro Grande em localidade de mesmo nome, está implantada no lado oposto ao da Fazenda Aurora - às margens da RJ 124. A outra referência para sua localização, é como nos demais casos ela se situar numa elevação, evidenciando-a na paisagem.

Dos prédios originais só ficam como vestígios o piso, que atualmente se encontra em área a céu aberto.

O prédio que abriga a atual sede da fazenda é visivelmente de edificação mais recente, sugerindo que os originais ou tenham ruído ou sido demolidos. Esses vestígios das edificações primitivas se dispõem numa área bem grande, sugerindo que a implantação dos mesmos tenha sido bem dispersa. O responsável pela fazenda se chama Sr. Paulo e nos deu pouquíssimas informações.

Informações históricas:

"Pertenceu ao médico Joaquim Antunes de Figueiredo. Nela nasceu seu filho o juriconsulto Joaquim Antunes de Figueiredo, que chegou a ministro do Supremo Tribunal Federal. Passou a pertencer, mais tarde, ao tenente-coronel Gervásio Luis de Sousa, pai de Antenor, Clarindo("Mimo") e Clodomiro("Miro") Soares de Sousa." (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama p.229)

No levantamento histórico não conseguimos fontes documentais que nos permitisse a continuidade da titularidade da propriedade.

Registro Fotografico:



Em primeiro plano podemos observar o piso original do prédio que abrigava a sede da fazenda. Foto Werther Holzer

Levantado por:

Revisado por:

Data:

Data:

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa dos Clark Código de identificação: AR-CS-015

Localização: Avenida Presidente Eurico Gaspar Dutra, nº777 Município: Araruama

Época da construção:
Segunda metade do século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom

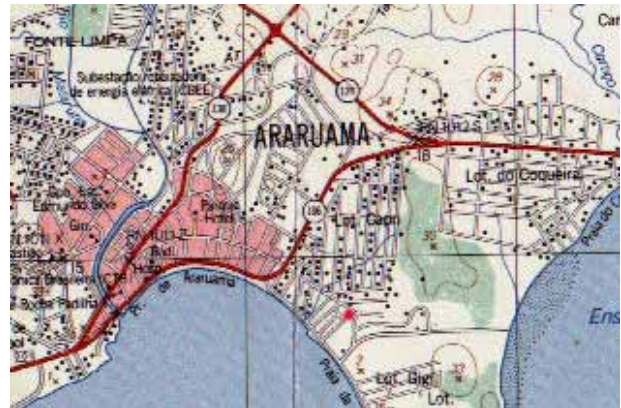
Uso original/uso atual:
Residência / Residência

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma

Propriedade
Privada / Família Clark

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Residência, antiga sede de fazenda, localizada em elevação onde se vislumbra o centro da cidade de Araruama. Suas terras hoje compõem um centro de quadra com o entorno totalmente loteado e ocupado por residências.

Informações históricas:

"A Casa dos Clark, na Pontinha, foi construída por volta de 1850, por Francisco Antunes de Marinho, proprietário da Fazenda Lama Preta, para presentear seu filho Joaquim Antunes Marinho, que acabara de se formar em medicina na Baía, e se casar com a senhorita Ana.

Posteriormente, o Major da Guarda Nacional, Joaquim Antonio Furtado de Mendonça, que recebera este título da Princesa Isabel - ele instruiu os voluntários para a Guerra do Paraguai - adquiriu a casa e, com a sua morte ela ficou para o seu filho José Furtado Couto de Mendonça, que abdicou da herança para as irmãs, que a venderam para Oscar Castello Branco Clark, por 14 Contos de Réis.

A Capela da Casa dos Clark era dirigida pela prima do construtor, Felicíssima da Paixão Couto Furtado de Mendonça, casada com Joaquim Antônio Furtado de Mendonça e filha do Comendador Antônio Rodrigues do Couto, casado com Maria Antônia Marinho do Couto, proprietário da Fazenda Prodígio.

Com a morte de Oscar Clark, a casa ficou com a sua esposa Lúcia de Mendonça Clark e seus filhos, o Senador José de Mendonça Clark, casado com Illy Porto de Mendonça Clark, e o médico James de Mendonça Clark, casado com Regina Maria de Miranda Jordão Clark. Posteriormente, James ficou sendo o único dono, que após a sua morte ficou para sua esposa Regina.

Em meados de 1935/40, a Casa se transformou em um hospital-escola, pois Oscar Clark se condeou com as crianças pobres portadoras de sífilis, tuberculose, verminoses e outras doenças. E foi aí que se instituiu a merenda escolar no Brasil.

A Casa recebia diversas autoridades políticas, como Ministros, Governadores, Prefeitos, Deputados e outros parlamentares, entre eles o filho de Getúlio Vargas, Lutero Vargas.

Por volta de 1935/40, Oscar Clark recebeu a visita do então governador, Amaral Peixoto, que estava com planos de fazer uma estrada para Campos, via Itaboraí. Oscar Clark convenceu-o de que essa estrada deveria ser litorânea, passando por Saquarema Araruama, pela sua beleza cênica. Amaral não só mudou o trajeto como construiu o Parque Hotel." (Soares, Emmanuel de Macedo. A Casa dos Clark. Jornal O Principal 1 a 15/4/1996. p.6. Arquivo do Centro de Memória Municipal de Araruama.)

Informações complementares:

Não foi permitido a equipe o acesso à residência nem foi encontrado ponto em que pudesse ser feita a documentação fotográfica, no entanto este exemplar arquitetônico consta dos roteiros turísticos do município, apesar de não ser aberto à visitação, e parece ser arquitetonicamente e historicamente relevante.

Registro Fotografico:



Foto Araruama: Mapa Ambiental, Cultural e Histórico.
Prefeitura Municipal de Araruama / Aspergillus



Foto Araruama Ponto a Ponto. Prefeitura Municipal de Araruama

Levantado por:

Data:

Revisado por:

Data:

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa de Sylvio Vasconcellos Código de identificação: AR-CS-016

Localização: Rua Bernardo de Vasconcellos, nº 284, Centro Município: Araruama

Época da construção:
1863

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:
Residência / Residência

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Privada / Sylvio de Vasconcellos

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na malha urbana do centro de Araruama, próxima à rua Mataruna, que margeia o rio de mesmo nome. Trata-se do imóvel mais antigo dentro da categoria imóvel residencial.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Mesma estrutura volumétrica da tipologia local; cobertura em telhado de quatro águas com cumieira, planos de fachada delimitados por cunhais, cimalkas e embasamento. Outro ponto digno de atenção é no que se refere a relação dos vãos com a parede. Nas casas mais antigas (fins dos séculos XVI e XVII) os cheios teriam predominado criando fachadas mais fechadas - (segundo Lucio Costa compreenderíamos esse tratamento como resposta a uma necessidade de defesa do meio, à medida porém que a vida se tornava mais fácil e mais policiada, o número de janelas ia aumentando); já no século XVIII cheios e vazios se equilibram e no começo do séc.XIX predominam como é o caso que se observa os vazios. As janelas em guilhotina são protegidas por cimalkas com função de pinçadeiras. Esse exemplo já vem com um vocabulário muito mais ao gosto neoclássico.

Informações históricas:

O prédio da rua Bernardo de Vasconcellos nº 284, nesta cidade, data do ano de 1863, e foi construído por Antonio dos Santos Carvalho, para residência de sua família. Era ele de nacionalidade portuguesa e comerciante na cidade. Egresso de seminário, possuía boa cultura humanística e bom gosto, como bem revela o sóbrio e bonito estilo do prédio que construiu. Por sua morte, no respectivo inventário, o mencionado prédio foi atribuído ao advogado Bernardo Vasconcellos, casado com Olympia Carvalho de Vasconcellos, na condição de cabeça do casal. Bernardo Vasconcellos nele viveu e morreu. Exerceu, em Araruama, por mais de 50 anos, advocacia, e militou intensamente na política local e estadual, tendo sido vereador por diversas vezes e deputado estadual em seis legislaturas, três no Império e três na República. Em justa homenagem à sua ilustre pessoa, deu-se o seu nome a rua onde está localizada a casa em que viveu e morreu, e ao prédio destinado ao Fórum de Araruama. Na velha casa nasceram seus quatro filhos: Mario Vasconcellos, João Vasconcellos, Olympia Vasconcellos e Sylvia Vasconcellos. Mario, advogado, e João, médico, exerceram suas atividades profissionais em Araruama, além de exercerem, também, longa e continuada militância política. João manteve, durante muitos anos, na velha casa, o único consultório médico do município, onde, com bondade, era suavizado o sofrimento alheio. Sucederam-lhe neste mister, seus sobrinhos Renato e Rubens de Vasconcellos Lessa. Abandonada por muitos anos, após o falecimento de Sylvia Vasconcellos, a velha casa, conhecida como A Casa dos Vasconcellos foi restaurada pelo atual proprietário, neto de Bernardo Vasconcellos, o advogado, Sylvio Lamas de Vasconcellos, que manteve as características da construção inicial de genuíno estilo colonial." (Soares, Emmanuel de Macedo. A centenária Casa dos Vasconcellos. Jornal O Principal. 2 a 16/03/1996. p.6. Arquivo do Centro de Memória Municipal de Araruama.)

Informações complementares:

Trata-se do exemplar arquitetônico mais antigo da área central de Araruama e está totalmente preservado. Por seu valor, tanto arquitetônico quanto histórico, está com a família Vasconcellos há mais de cem anos, deveria ser tombado.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Werther Holzer / Vera de Alcântara

Data: 31/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa de Caridade Código de identificação: AR-CS-017
Localização: Rua Major Félix Moreira, nº267, Centro Município: Araruama

Época da construção:

Segunda metade do século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom descaracterizado

Uso original/uso atual:

Residência / Hospital

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma

Propriedade

Privada / Casa de Caridade de Araruama

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na área central de Araruama, as margens da Lagoa, é provavelmente um dos exemplares mais antigos de arquitetura civil do centro de Araruama.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Esse prédio foi residência do Barão de Monte Belo, figura de destaque na história de Araruama. O prédio denota intervenções feitas em sua versão original. O tratamento mais fantasioso figura essas alterações. Fachada de prédio com composição simétrica evidenciando um corpo central onde se localizariam as portas de acesso ao interior do prédio e dois blocos laterais a esse com as respectivas janelas. Presença de almofadas em massa dando reforço à verticalidade do prédio. Esses três volumes do plano de fachada são delimitados por cunhais, pilastras, cimalkas e embasamentos. As platibandas são ornadas com balaustres em meia figura e encimadas por pináculos.

Informações históricas:

"Foi construída pelo Barão de Monte Belo para hospedar a princesa Isabel e o Conde D'Eu em visita ao município. O comendador Bento José Martins, adquirindo posteriormente o prédio, tornou-o uma instituição beneficente." (Araruama Ponto a Ponto. Prefeitura Municipal de Araruama)

Essa instituição beneficente tornou-se a Casa de Caridade de Araruama, mantida pelas figuras notáveis da cidade, tendo sido seu primeiro provedor Bernardo de Vasconcellos (1897 a 1925). (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p.218.)

Informações complementares:

Apesar de descaracterizada em alguns de seus detalhes de fachada (esquadrias), o prédio é um exemplo da volumetria da área central de Araruama voltada para a lagoa. Deveria ser tombado para que fosse preservada a sua volumetria de fachada e para que o gabarito dos prédios do entorno respeitasse uma altura que permitisse a identificação deste exemplar arquitetônico.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Vista do Porto de Araruama com o casario do Centro ao fundo. Entre eles, a Casa de Caridade. Foto Clodomiro R. de Vasconcellos. Centenário da Independência do Brasil. Álbum do Estado do Rio de Janeiro, 1922.

Levantado por: Werther Holzer

Data: 14/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa de Cultura (Antiga casa da Câmara)

Código de identificação: AR-CS-018

Localização: Praça São Sebastião, nº 148, Centro

Município: Araruama

Época da construção:

1871

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Câmara Municipal / Casa de cultura

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento municipal

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Araruama

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se em elevação onde está situada a praça central de Araruama chamada de praça da Matriz.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Estrutura volumétrica formal, dentro dos padrões da tipologia local - volume único em forma de paralelepípedo

Cobertura em telhado de quatro águas, com cumieira paralela à fachada. Dentro de uma linguagem neoclássica, de fins do século XIX, apresenta fachada planimétrica com composição simétrica demarcada pelo posicionamento da porta de acesso principal.

Ladeada por um número igual de janelas, é acessada por uma escada de duplo vão.

A composição de fachada é caracterizada por um significativo número de vãos abertos, reafirmando as soluções arquitetônicas oitocentistas de predominância de vãos abertos em detrimento de planos de fachada mais fechados. As janelas e portas de verga retas apresentam também caixilharia de vidro e são encimadas por pequena cimalha com função de pingadeira.

Em função do visível desnivelamento do terreno, o plano de embasamento do prédio é irregular. Os outros elementos de acabamento, cunhais e cimalthas de coroamento do beiral do telhado também caracterizam a linguagem neoclássica.

Belo exemplar, dentre os poucos remanescentes desta fase no centro de Araruama

Informações históricas:

"Como era praxe na época, o prédio para funcionamento da Câmara Municipal e do Júri deveria ser construído às expensas da população local, sendo, em Araruama, doado pelo Major Carlos de Sá Carvalho, um dos vereadores componentes da primeira legislatura e que se destacava no Município como próspero fazendeiro e produtor de aguardente e açúcar. O Major Carvalho aparece também integrando a lista dos trinta e oito seletos eleitores provinciais do Colégio de Araruama, além de atuar como suplente de subdelegado, suplente de Juiz Municipal de Órfãos e membro integrante da Guarda Nacional, baseada na Região dos Lagos.

Uma das provas de que a Câmara Municipal de Araruama foi uma instituição modelar durante o Segundo Reinado, verifica-se com a adoção, por todas as demais Câmaras Municipais, do seu Regimento Interno, considerado um dos mais sérios e completos instrumentos normativos até então elaborados.

O Regimento da Câmara Municipal de Araruama, não apenas foi o primeiro a ser aprovado pela Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, como também foi considerado apropriado a ser adotado pelos Municípios ainda em formação, visto ter sido redigido pelo Advogado Antônio Joaquim de Macedo Soares, um dos mais respeitáveis juizes de Direito do império, que, em Araruama exerceu o cargo de Vereador.

Até mesmo a Câmara Municipal de Niterói, por proposta apresentada pelo Deputado provincial Vieira Souto, na sessão da Assembléia Legislativa de 11 de novembro de 1878, passaria a adotar o Regimento Interno da Câmara Municipal de Araruama, por ser o estatuto comumente adotado pelas demais câmaras ainda em formação.

Somente dois anos depois da aprovação do R.I. de Araruama é que surgiria o de Nova Iguaçu, pela lei nº 1760, de 30/11/1872; de Nova Friburgo, pela lei nº 1.849, de 22/1/1873; de Angra dos Reis, lei nº 1.995, do 31/12/1873, seguindo-se os de Sapucaia, São Fidélis, Maricá, etc.

O escritor, advogado e historiador João Baptista Cortines Laxe, natural de Rio Bonito, escreveu em Araruama uma das suas obras, O Regimento das Câmaras Municipais, provavelmente, durante o período em que esteve estabelecido ali.

Além do Barão de Monte Belo, destacaram-se como presidentes da Câmara de Vereadores de Araruama, Dr. Francisco Gomes de Mota, eleito na segunda metade da década de 1860; Antonio Joaquim de Macedo Soares, responsável pela revisão e atualização da obra de Cortines Laxe, eleito em 1873 e Bento José Martins, que permaneceu, com interrupção de apenas uma legislação, durante duas décadas na Presidência daquela Câmara Municipal.

Ilustres filhos de Araruama, médicos, advogados, fazendeiros e negociantes, além de oficiais da Guarda Nacional, fizeram parte

da Câmara Municipal no século passado, e dentre esses destacamos: os Drs. Francisco Joaquim de Souza Mota; Bernardo José de Fonseca Vasconcellos; José Dias Pinto de Figueiredo; Joaquim Antunes de Figueiredo; os majores Luis Pereira de Souza e Carlos de Sá Carvalho, o Capitão Antonio Francisco Furtado de Mendonça e os senhores Justiniano Lucas de Souza, Dionyzio Monteiro de Souza, Paulino Pinto Pinheiro, Antonio Marinho de Bragança e José Antonio dos Reis Ratto, proprietário da Fazenda Paraíso.” (Municípios em Destaque - Araruama. p.13)

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 31/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Escola na estrada do Pau Brasil

Código de identificação: AR-CS-019

localização: Estrada Araruama - São Vicente (RJ-138), esquina com a estrada do Pau Brasil. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado: Lat. 22° 46' 57.2" S.
Long. 42° 16' 51.0" O

Época da construção:

Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Escola e residência / Abandonada

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Mário O. Bragança.

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se na área rural de São Vicente, no entroncamento da via de ligação entre Araruama e seu 3º distrito e estrada que dava acesso a importantes fazendas da região.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Prédio de planta retangular em resposta ao programa solicitado - prédio escolar. Telhado em duas águas com cumeeira paralela à fachada. Pelo estado das atuais telhas apreende-se que sejam as originais.

Fachada principal formada por um conjunto de seis janelas em verga reta e duas portas. Janelas de dupla vedação com duas folhas cegas em madeira voltadas para o interior do prédio e no seu exterior um conjunto em caixilharia de vidro em duas folhas basculantes.

O prédio se encontra abandonado e já sofreu evidentes intervenções tanto interna quanto externamente. Supõe-se pela sua linguagem de fachada que haviam mais vãos livres representados por mais três janelas que foram vedadas fechando o plano de fachada. A face lateral apresenta porta e janela igualmente em verga reta.

O trabalho de suporte ao beiral é feito através de uma cimalha em madeira já bem comprometida. Os cunhais que definiam e davam destaque às arestas laterais da fachada também já não mais existem. O prédio pode ser definido em função de seu grande número de janelas e da característica de vergas retas como exemplar arquitetônico oitocentista (século XIX)

Informações complementares:

Os dados a respeito da propriedade e da anterior função do prédio (escola) foi dada por seu Silvio, proprietário de estabelecimento comercial próximo.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Solar da Ermida Franciscana (Casa de Pedro Paulo Paes de Carvalho) Código de identificação: AR-CS-020

localização: Rodovia Amaral Peixoto, RJ-106, Km 85, nº 981. Hawa

Município: Araruama

Época da construção:

1944

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Uso original/uso atual:

Residência / Residência

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento estadual

Propriedade

Privada / Família Paes de Carvalho

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em colina com vista de 180° da lagoa de Araruama, a casa é cercada por densa vegetação que impede a sua visualização.



Foto Werther Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Vide fichamento INEPAC, em informações complementares.

Informações históricas:

Vide fichamento INEPAC, em informações complementares.

Informações complementares:

Não foi realizado o levantamento pela equipe porque não foi franqueado o acesso à residência.

Registro Fotografico:



Foto Araruama Ponto a ponto. Prefeitura Municipal de Araruama.

Levantado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 14/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 02/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Parque Hotel de Araruama Código de identificação: AR-CS-021
localização: Avenida Brasil, entre as ruas Bolívia e Paraguai, Parque Hotel. Município: Araruama

Época da construção:

1943

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Cassino e Hotel / Sem utilização

Categoria:

Arquitetura Civil

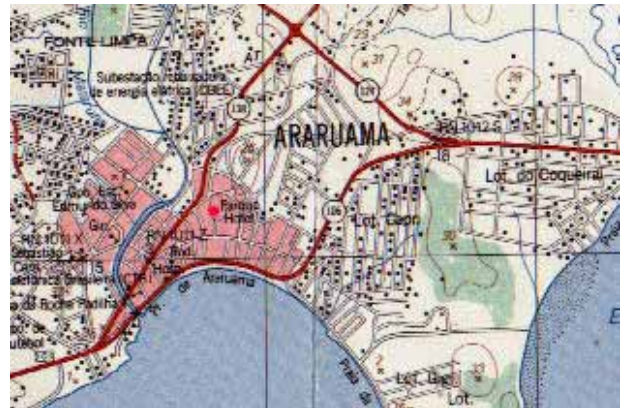
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / proteção do entorno

Propriedade

Pública / Governo do Estado do Rio de Janeiro

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Implantado sobre colina que domina a área central de Araruama permitindo visualização de 360° tanto da área central da cidade quanto da lagoa de Araruama.



Foto Werther Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Esse exemplo de arquitetura já mostra um prédio com um programa mais amplo (abrigo um cassino e um hotel) que se reflete em sua volumetria. O prédio assobradado tem sua cobertura em telhado de duas águas. Já mais a um gosto europeu e refletindo programas e épocas diferentes, se evidencia no cenário arquitetônico do centro de Araruama.

Informações históricas:

Refletindo o enriquecimento da região salineira e a conseqüente expansão e desenvolvimento da área central urbana de Araruama o hotel aparece como suporte a um desenvolvimento turístico que se deu na época em função dessa nova realidade.

O ex-prefeito Antonio Joaquim Alves Branco foi o último proprietário das extremas da fazenda [Parati] que alcançava os limites da cidade e a desmembrou várias vezes: para implantar o complexo turístico do Parque Hotel, para o Plano de Urbanização de Araruama (do qual resultou o Jardim América), para a praia de banhos, que é artificial, e para os loteamentos que ele próprio vendeu pelos vales dos rios Mataruna e do Limão. (Soares, Emmanuel de Macedo. Os Corte Real. Jornal O Principal. 22/03/1997. p.4. Arquivo do Centro de Memória Municipal de Araruama.)

Informações complementares:

Este hotel marca o momento em que o município de Araruama, e a Região dos Lagos, foram incluídas no roteiro turístico do Estado. Em seu entorno foi criado um bairro para veranistas, onde se encontram os melhores exemplares de arquitetura moderna da região.

Como está implantado em área extremamente valorizada, seu entorno vem sendo ocupado, tanto por prédios que impedem a visão panorâmica a partir da colina em que ocupa quanto por empreendimentos da Prefeitura Municipal que diminui a área livre à sua volta. Esta ambiência deveria ser preservada.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 02/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Conjunto Urbano na Av. Nilo Peçanha

Código de identificação: AR-CS-022

Localização: Av. Nilo Peçanha, Centro

Município: Araruama

Época da construção:
Primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
satisfatório preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Residência / Residência

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Privada / Proprietários não identificados

mapa de localização:



Situação e ambiência:

A paisagem urbana de Araruama apresenta um conjunto eclético bastante variado. Dentro dessas diferenciações encontramos exemplares de construções remanescentes do século XIX a meados do século XX. Desse conjunto foram destacados exemplares significativos de três épocas distintas, evidenciadas em residências dispersas em diversas áreas inseridas no centro da cidade, que falam do núcleo urbano, história de sua origem e desenvolvimento.

Um dos casos analisados é o da Avenida Nilo Peçanha. Eixo histórico, datado dos primórdios da ocupação do povoado de Mataruna, que se desenvolveu ao longo do rio de mesmo nome. Esta avenida interligava o antigo porto com a praça da igreja matriz.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Foto 01:

O referido ecletismo encampa padrões que buscam aproximar-se de um gosto norte-europeu. Nesse caso, a casa situada à avenida Nilo Peçanha, ao lado do prédio da secretaria de economia e finanças, nº687, limita-se a interromper o telhado criando na metade frontal deste, duas águas com cumieira perpendicular à fachada arrematando na parte superior com uma pequena tacaniça. Também observam-se uma série de ornatos em estuque desenhando mais a fachada principal. As esquadrias das janelas já com meia folha em veneziana. O acesso lateral se dá através de uma varanda de cobertura em três águas suportada por colunas semi-toscanas. A utilização desse tipo de colunas caracteriza uma influência de arquitetura rural (fazendas fluminenses, por exemplo Colubandê, onde essas colunas foram amplamente usadas como suporte dos telhados) na arquitetura urbana.

Foto 02:

Avenida Nilo Peçanha, nº 757. Essa tipologia com cobertura de telhado em cumieira paralela à fachada, de duas águas é anterior à de quatro águas muito frequentes no cenário urbano. Mas a diferença se dá apenas na cobertura pois todo o tratamento de fachada é similar e o acesso é lateral já fugindo ao caso clássico de casas de frente de rua com cobertura em duas águas onde a edificação é implantada no limite frontal do terreno e gemina com as casas vizinhas. Todo o vocabulário da fachada, destaca a casa do entorno garantindo à ela personalidade e estilo.

Foto 03:

Avenida Nilo Peçanha, nº 441 - Nesse exemplar podemos verificar a mesma volumetria das residências do século XVIII / XIX, ou seja, volume do corpo principal na forma de um paralelepípedo, a cobertura em telhado de cumieira com quatro águas e a fachada principal com uma linguagem plástica de acabamento bem trabalhada. O que se verifica de inovador é que os detalhes dos ornatos da fachada são bem mais leves, a observar; os cunhais estriados não mais formando um corpo único, o arco das janelas contornando apenas sua parte superior, dando um sentido maior de leveza; as esquadrias das janelas também com um recorte mais elaborado e por último, o telhado em alpendre demarcando a parte central da composição orientando o acesso principal ao interior do prédio. Todo esse tratamento dado inclusive ao guarda-corpo com almofadas em massa, as colunas mais delgadas dessa varanda de entrada, e aos demais elementos da fachada, revela um gosto mais rebuscado já mais ao sabor eclético.

Foto 04:

Avenida Nilo Peçanha, nº 370 - Também dentro da tipologia volumétrica com telhado de quatro águas, mas dessa vez com acesso ao interior da casa através de sua lateral e a implantação quase geminada em um dos confrontantes. O que personaliza esse prédio é o alpendre com cobertura e esse acesso lateral, criando um ambiente bem aberto sem delimitação com guarda-corpo. Nos ornatos de fachada, ainda aparecem os arcos em massa emoldurando as janelas em seu exterior, uma pequena cimalha, e também os cunhais clássicos, no lugar desse um pequeno cordão para emoldurar os planos de fachada. As portas e janelas não mais se abrindo à frente do terreno mas sim para a sua lateral. Embora dentro de uma volumetria mais fechada, sentimos no tratamento dos adornos, uma leveza maior.

Curiosamente, nos fundos do terreno, que se confronta com o rio Mataruna, encontra-se vestígios de um cais emoldurado por palmeiras imperiais.

Foto 05:

Avenida Nilo Peçanha, nº 319 - Curiosa estrutura de composição porque se evidencia o acréscimo ao volume anterior de tipologia da região, acréscimo esse com uma platibanda tão pesada que o prédio adquire uma feição totalmente desproporcional. Observamos esses novos elementos na fachada traduzindo a necessidade de uma nova volumetria.

Foto 06:

Avenida Nilo Peçanha, nº 225 - Dentro de um jogo de volumetria característico da região, nesse prédio, o que encontramos de peculiar é o tratamento dado à platibanda com coruchéis e almofadas em estuque, a ênfase na horizontalidade reforçada por um friso duplo e o tratamento dos entornos das janelas. Composição de fachada de gosto clássico pela simetria, a predominância de vazados através das janelas em relação aos cheios, embora a riqueza de ornatos já denotem um vocabulário mais eclético.

Informações complementares:

Na Região dos Lagos são raros os exemplos de conjuntos arquitetônicos preservados. Este da Av. Nilo Peçanha representa o auge da produção do sal na região e como tal deveriam ser tombados.

Registro Fotografico:



Foto 1. Werther Holzer



Foto 2. Werther Holzer



Foto 3. Werther Holzer



Foto 4. Werther Holzer



Foto 5. Werther Holzer



Foto 6. Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Conjunto na Rua Ary Parreiras Código de identificação: AR-CS-023

localização: Rua Ary Parreiras, nos de 87 a 155, Centro Município: Araruama

Época da construção:
Primeira metade do século XX, aproximadamente 1937
Estado de conservação/ grau de caracterização:
ruim/arruinado preservado parcialmente
Uso original/uso atual:
Residência, galpão / Residência, arruinado
Categoria:
Conjunto Arquitetônico
Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Proteção da ambiência e entorno
Propriedade
Privada / Sem identificação

mapa de localização:



Situação e ambiência:

A paisagem urbana de Araruama apresenta um conjunto eclético bastante variado. Dentro dessas diferenciações encontramos exemplares de construções remanescentes do século XIX a meados do século XX. Desse conjunto foram destacados exemplares significativos de três épocas distintas, evidenciadas em residências dispersas em diversas áreas inseridas no centro da cidade, que falam do núcleo urbano, história de sua origem e desenvolvimento. Conjunto arquitetônico situado em rua sem saída que leva a um cais onde são desembarcadas conchas. No fundo dos terrenos se encontra a lagoa de Araruama e à direita, o rio Mataruna

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Fotos 01 e 02:

Conjunto datado de 1937, casas de frente de rua, guardando desta característica, sua implantação colada à divisa frontal do lote. No modelo original, as casas de frente de rua eram geminadas em ambas as laterais, forçando o acesso à casa através de sua frente única. Posteriormente, com os novos desenhos de lotes, as implantações colavam em um dos confrontantes laterais, dessa maneira, o acesso às residências passou a ser lateral, e com isso o aparecimento dos alpendres laterais criando ambientes de acesso e, ao mesmo tempo, áreas de estar - pequenas varandas. Nesse exemplo, podemos visualizar essa situação de acesso lateral mas com soluções diferentes, em um dos casos foi explorada a entrada criando-se um alpendre com telhado em três águas suportado por colunas de sessão quadrada e uma janela voltada para o interior deste ambiente; no outro esse acesso originalmente não era coberto (a cobertura que se vê atualmente é um evidente acréscimo) e a frente da casa fica com duas janelas e uma testada maior.

A solução volumétrica e a cobertura em ambos os casos é a mesma. Telhado com cobertura em duas águas, cumieira em telha francesa, com uma pequena taçanica sugerindo um terceiro plano ou seja, uma terceira água de cobertura. Fachada ainda muito caracterizada por ornamentação geométrica embora de linguagem simples.

Ainda nesse caso predominam os espaços cheios sobre os vazios.

Foto 03:

Vestígios de um antigo galpão e um portal que dá acesso à lagoa de Araruama, local onde fica um antigo porto.

Essas ruínas compõem com as residências um conjunto que se situa à beira da desembocadura do rio Mataruna, próximos, ao mesmo tempo, da linha ferroviária e da lagoa de Araruama.

Informações complementares:

Trata-se de pequeno conjunto que mantém a ambiência do antigo porto do Mataruna e como tal deveria ser preservado.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 15/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 02/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Residências modernistas Código de identificação: AR-CS-024

localização: Avenida Brasil, Centro - Avenida Eurico Gaspar Dutra, Pontinha. Município: Araruama

Época da construção:

Segunda Metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Residência / Residência

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Proprietários não identificados

mapa de localização:



Situação e ambiência:

O movimento modernista brasileiro, influenciado pelo movimento europeu, se norteou entre outros aspectos; construções com estrutura independente dos planos de vedação para uma maior liberdade da forma, uso de pilotis, telhados planos, planta livre, fachada livre e os terraços-jardins. Para atender a essas necessidades básicas, a arquitetura moderna brasileira se define por grandes vãos livres, fachadas inteiras preenchidas com pano de vidro procurando garantir a idéia de interligação entre espaço interno e externo e a necessidade da paisagem natural adentrar à paisagem edificada - o dentro e o fora perderem sua definição. Em meados do século XX, coincidindo com o apogeu do sal e a descoberta da região como área de veraneio e turismo, começam a aparecer os exemplares modernistas no cenário urbano. Atualmente já em número reduzido são dignos de preservação e cuidado. No caso de Araruama, essas residências estão implantadas em bairros criados na década de 40 (Jardim América e Pontinha) para atender a demanda de veraneio. No caso dos imóveis situados na Avenida Brasil, seu aparecimento coincide com a edificação do parque Hotel de Araruama. As residências atualmente estão à venda.

Informações complementares:

Este são os únicos exemplares significativos de arquitetura modernista que encontramos na Região dos Lagos. Estão implantados em loteamento da época de sua construção e com concepção de parcelamento também modernista. Deveria, portanto, se tombar e casas ainda existentes e se preservar tanto a malha urbana quanto o gabarito e a volumetria da proposta inicial.

Registro Fotografico:



Residência Av. Eurico Dutra, nº555. Foto Werther Holzer



Residência Av. Eurico Dutra, nº555. Foto Werther Holzer



Residência Av. Brasil, nº405. Foto Werther Holzer



Residência Av. Brasil, nº405. Foto Werther Holzer



Residência Esq. Av. Brasil c/ Av. Estados Unidos. Foto Werther Holzer



Residência nº525 - Esq. Av. Brasil c/ rua Guatemala. Foto
Werther Holzer

Levantado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 15/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 02/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Paisagens Urbanas de São Vicente Código de identificação: AR-CS-025

localização: Rua João Guimarães, Centro de São Vicente 3º distrito de Araruama Município: Araruama

Época da construção:

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado integralmente a parcialmente

Uso original/uso atual:
Residência / Residência

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Privada / Proprietários não identificados

mapa de localização:



Situação e ambiência:

O conjunto urbano é cortado pela RJ- 140, que liga Silva Jardim a Cabo Frio. Esta via era um importante caminho de tropas que circulavam entre a região e a corte escoando os produtos agrícolas de suas inúmeras fazendas e, também, em tempos mais remotos, do sal que era contrabandeado por esta mesma via.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Em São Vicente, 3º distrito de Araruama, remanescentes de seu período Áureo, algumas casas, melhor conservadas ou decadentes, revelam a tipologia que caracterizou este conjunto.

São exemplos duas casas: a da rua João Guimarães, esquina com a rua Princesa Isabel. A primeira (do conjunto de duas) de esquina, possui a fachada principal delimitada com cunhais tratados como pilastras de ângulo, pequeno embasamento e frechal realçados pela pintura. O mesmo tratamento recebe a fachada lateral. Janelas de guilhotina também providas de folhas cegas, possuem verga reta. São em número de quatro, ladeando simetricamente a porta. Na fachada lateral são cinco. Sobre a porta da entrada, a data de 1867.

A cobertura, em telha canal, é de quatro águas, com cumeeira paralela à fachada principal e beiral arrematado com gracioso lambrequim.

É curioso observar que estes exemplares de arquitetura urbana, por sua extrema simplicidade na interpretação do Neoclássico, revelam esse traço comum com a arquitetura rural.

Fronteira a essa, na outra esquina, vemos uma casa que em sua fachada principal possui cinco portas e seis janelas. Ligeiramente eleva-se sobre embasamento. Parece tratar-se de um programa mixto comercial / residencial. O acesso à porta da residência é feito por meio de pequena escada externa. Deveria haver acesso também às demais portas, antecedidas por degraus corridos. Produto de reforma, no entanto, elas hoje funcionam como janelas rasgadas com balcão entalado e guarda-corpo avarandado de seralheria. Pode ter havido alteração também, na fachada lateral, hoje antecedida por um pátio cercado por grade de ferro. Para essa fachada abrem-se duas portas no corpo principal e mais uma porta e janela no outro corpo que parece resultante de acréscimo.

O acabamento confirma a simplicidade dessas construções oitocentistas: vergas retas, cunhais como pilastras de ângulo, um tanto rústicas. A cobertura, certamente menos antiga, em telha francesa, possui beiral com pequeno balanço; nele, as pontas de caibros são ocultadas por um forro de madeira

Informações históricas:

O antigo Curato de São Vicente de Paulo foi criado de conformidade com a lei provincial nº 737, de 28 de outubro de 1854, na localidade denominada Pavuna, então freguesia da Aldeia de São Pedro, do Município de Cabo Frio. Três anos depois, em 13 de outubro de 1857, o curato era elevado à categoria de freguesia, de acordo com a lei provincial nº 977, devendo-se tal feito em grande parte aos esforços dos Drs. Francisco Manuel Soares de Souza e Antonio Gonçalves de Lima Torres, tendo o primeiro sido eleito Juiz de Paz da Freguesia no ano de 1868.

Primitivamente, o Curato funcionou em um capela erigida na casa de João Baptista Gomes, passando depois a ocupar um templo construído às custas dos paroquianos, entre os quais João Joaquim de Vasconcelos e o Dr. Francisco Joaquim de Souza Motta, que desempenhou o cargo de Vacinador em 1868 e Juiz de Paz da Freguesia em 1885.

Cortines Laxe, ao resumir o histórico da Freguesia de São Vicente do Paulo, assim se refere: "A lei diz "no lugar da Pavuna, onde faz junção a estrada da Cidade de Cabo Frio à lagoa de Juturnaiba com a que vai do Morro Grande à Barra de São João na paróquia de São Pedro da Aldeia." Os seus limites foram, em virtude dessa lei, marcados pela "Deliberação presidencial", de 16 de agosto de 1958, assim: "A linha divisória... partirá do lugar de Bragança, onde serve de limite entre as freguesias do S. Sebastião c

Araruama e São Vicente de Paulo; procurando dali, em linha reta, o travessão de Joaquim Ferreira Armundes de Andrade; e por ele até encontrar a estrada geral da lagoa de Juturnaíba, ficando daí em diante com o mesmo que tinha o antigo curato”, e que havia sido marcado pela “Deliberação presidencial, de 25 de janeiro de 1855, pela forma seguinte: “A linha divisória do território do Curato do São Vicente de Paulo, no termo de Cabo Frio, criado pelo Decreto nº 737, de 28 de outubro do ano passado, partirá da praia de Iguaba Grande, no litoral da Lagoa de Araruama, e seguirá pela primeira estrada à leste do armazém de Marinho Sampaio, passando pela frente das vendas de Bento José Martins e Vilas Boas, até a estrada da Pavuna; e deixando à direita a casa de Inácio Galego, voltará à esquerda, seguindo pela dita estrada da Pavuna até o travessão denominado Socó; e seguindo por ele até o Itaí, na venda do Tenente Francisco Dias, tornará a voltar à esquerda pela estrada da Sapucaia ao Pau Rachado, e seguirá por esta estrada até a venda de Vieira Xavier, que fica em frente à estrada da Barra, pela qual ira terminar no rumo dos índios, que limita a freguesia da Aldeia do São Pedro, com a de Cabo Frio, ficando à direita dessa linha a freguesia da Aldeia, e à esquerda o Curato de São Vicente de Paulo; este terá pelos outros lados os mesmos limites que tinha a freguesia da Aldeia de São Pedro”.

A transcrição, por mais que seja copiosa e até maçante, serve para elucidar possíveis dúvidas sobre a verdadeira localização e jurisdição daquele que hoje constitui o 3º Distrito

de São Vicente de Paulo, além de nos fornecer importantes dados históricos sobre os geonômicos araruamenses.

Com base na obra de Cortines Laxe ficamos sabendo que o texto legal referia-se ao lugar da Pavuna, onde fazia junção a estrada da Cidade de Cabo Frio para a Lagoa de Juturnaíba com a outra que ia do Morro Grande até à Barra de São João, na então paróquia de São Pedro da Aldeia.

Observando detidamente um croqui do Município de Araruama, elaborado em 1936 pelo Departamento de Estatística e Publicidade da Prefeitura [mapa abaixo], pudemos constatar a localização exata da Lagoa de Juturnaíba, que hoje faz a divisa dos Municípios de Araruama e Silva Jardim.

Referências curiosas e interessantes sobre essa lagoa localizada no 3º Distrito de São Vicente de Paulo fomos encontrar na Relação das declarações que manda fazer o Ilmo e Exmo Sr. Marquês do Lavradio Vice Rei do Estado, no Distrito de Cabo Frio (1779), cujo precioso exemplar nos chega providencialmente de Brasília, por intermédio e pela benevolência do escritor Tácito Pace que é também um pesquisador das nossas coisas históricas. Na Relação, assinada pelo Mestre de Campo Manuel Antunes Ferreira, a lagoa aparece grafada como “A lagoa de Inhtruahyba”, onde existia — diz o autor do relatório - o engenho do capitão-mór Cypriano Luiz Antunes, que se localizava acima da lagoa com uma légua de terra por cultivar”, “No fim desta légua da mesma parte do sul tem Antonio Pinto e um irmão chamado Manoel Pinto, duas léguas de terra também por cultivar”, E prossegue o relator assinalando aqui e ali a existência das raríssimas benfeitorias, dos currais, culturas, número de escravos e outros dados que nos possibilita fazer uma avaliação sobre a situação econômica da região dos Lagos no final do século XVIII.

Respeitando a grafia original, transcrevemos um trecho da Relação

“Todos os Certoens que medeião entre os moradores de Iraruam, a Fazenda chamada Parati, as duas Iguabas a grande e pequena, the o Rio Bacaha estão por cultivar.

“Todos os Certoens que medeião entre as terras dos índios da Aldeya de S. Pedro the a Alagoa de Inhtruahyba, estão por cultivar “Todos estes Certoens estão por cultivar porq’ os moradores da Marqem da Alagoa de Saquarema e Hypitanga não se alarqão para o Centro do Certão das terras e o mesmo acontece com todos os mais de Iraruama, fazendo de Parati, Iquaba, e Aldeya dos Índios, que estas só se entranham pelos mattos dentro a fazerem gamellas, e alguns taboado. Da parte de Bacaxá, Rio de Bacaxá e Alagoa de Inhtruahyba acontece o mesmo porq’ todos moram nas testadas das terras.”

No século XIX sobretudo a partir da segunda metade, as terras, até então por cultivar, aparecem como prósperas fazendas de café, como engenhos produtores de aguardente e açúcar, como fazendas de criação; olarias etc., conforme se pode inferir a partir dos dados constantes do Almanack Administrativo Mercantil e Industrial, na parte alusiva à Província do Rio de Janeiro, seção dedicada à Freguesia do São Vicente de Paulo. Para que se possa ter uma idéia mais precisa da prosperidade alcançada naquela freguesia no século passado, vale citar alguns dados numéricos, como por exemplo a quantidade de fazendeiros e lavradores de café e outros mantimentos no ano de 1868, que chegava a 148, com destaque para a Fazenda de São João, de propriedade de Dona Anna Joaquina das Neves Vieira; Fazenda do Retiro de Antonio de Abreu Castro; Fazenda de São Pedro de Felicíssimo Manoel Coelho; Fazenda do Barro Vermelho, de propriedade de Dona Felippa Augusta do Magalhães.

Nesta norma época, embora em número mais reduzido, despontavam alguns engenhos de açúcar de propriedade de abastados fazendeiros, como a Fazenda de Soubara, do Comendador Francisco Alvares de Azevedo Macedo, o oficial de mais alta patente d Guarda Nacional da Região dos Lagos. Ali nas terras daquele engenho à vapor existia um porto fluvial que possibilitava o fácil escoamento de toda a produção até Cabo Frio.

Era uma fase de grande prosperidade na então Freguesia de São Vicente de Paulo, que já contava com dezenas de negociantes de secos e molhados, vários médicos, entre os quais destacamos os nomes dos doutores Francisco Manoel Soares d Souza; Francisco Joaquim de Souza Motta; Francisco de Souza Oliveira e José Dias Pinto de Figueiredo; três boticários, cirurgião dentista (Dr. José Machado Correa); relojoeiro(Domingos Durux); cinco olarias; 3 padarias; 5 alfaiates; 3 ferreiros; 1 loja de seleiro; o hotel c Manoel Francisco Maia e até mesmo o requinte de um artista plástico, José Narcizo dos Santos Luzes, que segundo anunciava, era “perfeito na arte de pintura, mestre e compositor de música e de desenhos”. Será que algum trabalho desse artista foi preservado?

Em 1868 atuava como vigário da Freguesia o Padre Francisco Alvares de Brito, que era acolitado pelo Sacristão José Germano Villar. Nesta época já existiam algumas escolas subvencionadas e aulas particulares, constando os nomes dos seguintes professores: Joaquim Plácido Nogueira e Jacinto Narciso Calheiros (públicos); Antônio Marçal da Costa; D. Mariana de Souza Moreira e D. Rita Guilhermina Garcia dos Reis.

Como diversão, os moradores de São Vicente de Paulo contavam com o “Bilhar” de José Alves da Silva

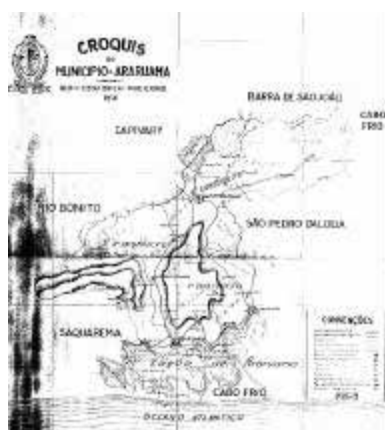
Dezessete anos depois, isto é, em 1885, a Freguesia de São Vicente de Paulo, como de sorte todo o Município de Araruama, começa a gradual decadência, que vai culminar no final do século XIX, com a transferência da produção cafeeira para as terras paulistas, o que coincide com a libertação dos Escravos (13/5/1888) e a Proclamação da República (15/11/1889).

Naquela época (1885), era Vigário de São Vicente de Paulo o Padre Thomaz Antonio da Silveira Bulcão, que desempenhava também o papel de Inspetor Paroquial de Ensino da Freguesia. O número de fazendas produtivas de café caíra de quase 150 para apenas 106, enquanto a quantidade de engenhos de açúcar permanecia num total de sete, que era também o número das olarias. São Vicente do Paulo contava, nesta época, com 2 ferreiros, 2 marceneiros, 4 médicos, 1 professor de música, 21 negociantes, 2 padarias, 2 farmácias, 3 pedreiros, 1 sapateiro, 2 seleiros, 12 carpinteiros, 2 alfaiates, com um cemitério, que era zelado por Anton Xavier além de uma Estação Telegráfica, administrada por Francisco José Soares da Silva.

Como Fiscal e Representante da Câmara Municipal do Araruama na Freguesia, encontrava-se Antonio José Leite, e na parte da Justiça, atuavam como Juizes de Paz, Francisco Joaquim de Souza Motta, Francisco José dos Santos, Justiniano Lucas e Antonio José de Vasconcelos.

Na área da Educação, São Vicente de Paulo contava, em 1885, com os professores Joaquim Frade, Francisco Nogueira, Umbelina Pereira, Maria da Piedade, Rodolfo Gil de Oliveira e Victório Gonçalves de Souza.

Na República, o já 3º Distrito de São Vicente destacou-se, como ainda se destaca, pela sua produção excepcional de cereais, hortaliças e frutas, como laranja, banana etc.” (sns)(Revista Municípios em Destaque - Araruama. p.17-18



Informações complementares:

Situado à margem de importante caminho que ligava a Corte à Cabo Frio, São Vicente, em meados do século XIX, era um núcleo urbano tão importante quanto Araruama. Alguns exemplares arquitetônicos do auge da produção cafeeira ainda estão de pé, e bastante preservados, devendo portanto serem tombados.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Pequeno agrupamento rural Código de identificação: AR-CS-026

localização: Situado a beira da Estrada de Morro Grande, no seu entroncamento da BR-136 com a RJ-140
Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 46' 44.1" S.; Long. 42° 22' 47.8" O

Época da construção:

Século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
satisfatório preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Residência, comércio / Residência, comércio

Categoria:

Conjunto Arquitetônico

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Proprietário não identificado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Localiza-se à margem da Estrada de Morro Grande num ambiente totalmente rural, sugerindo que este local já fora pequeno ponto de comércio de gêneros alimentícios para abastecimento e serviços da população de colonos da circunvizinhança. Chama-nos a atenção como conjunto, cenário nada freqüente nessa região onde a ocupação se caracteriza pela extrema dispersão consequência das grandes propriedades rurais. O conjunto se destaca também pela linguagem de composição característica de arquitetura vernacular

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Prédio comercial de planta retangular. Cobertura em telhado de duas águas com cumieira paralela ao plano de fachada. Essa cobertura é escondida por um trabalho de entablamento feito em alvenaria e massa, delineado em suas horizontais por duas linhas de cimalha e nas laterais por pilastras de aresta. Esse entablamento apresenta trabalhos de recorte utilizando dois planos de composição em sua volumetria, quebrando o sentido de planimetria do restante da fachada. Esta é recortada por dois portais de vergas retas. Esses portais são encimados por um desenho geométrico feito em massa tendo função de pingadeira. Os demais elementos geométricos da fachada (embasamento e cunhais) delimitam seu plano principal bem ao gosto clássico de definir e evidenciar formas geométricas fechadas em si mesma.

Também se apresenta no prédio um acréscimo posterior - um telhado em alpendre vinculado à empena lateral cega do prédio. Essa foto figura o exemplar de prédio comercial e este aladeado por um conjunto de mais duas outras residências bem ao gosto de tipologia local

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja de São Sebastião Código de identificação: AR-CS-027
localização: Praça de São Sebastião, Centro. Município: Araruama

Época da construção:

Século XIX (1811) / 1958 (Reconstrução)

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom descaracterizado

Uso original/uso atual:

Matriz / Matriz

Categoria:

Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Arquidiocese de Niterói

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Localizada em elevação que domina a paisagem da área central de Araruama. Mantém como vestígios da antiga implantação, uma alameda de palmeiras imperiais.

Informações históricas:

A Paróquia de São Sebastião, cuja Igreja Matriz está na cidade de Araruama, cobrindo atualmente dois dos distritos deste município - o primeiro, Araruama e o segundo, Morro Grande - (o terceiro, S. Vicente de Paulo, constitui o território de outra paróquia do mesmo nome) - foi criada por Edital de 10 de janeiro de 1799 como freguesia colada. O seu território foi, primitivamente, parte integrante da Capitania de 5. Vicente, doada a Marfim Afonso de Souza em 1534. Araruama ou Iraruama, palavra indígena, pode ser traduzida, segundo Teodoro de Souza, por bebedouro de araras (ou comedouro). Datam de 1615 as primeiras notícias sobre a exploração do seu território. Pelas cartas de Sesmarias, o primeiro proprietário de terras compreendidas na área do atual município de Araruama, foi Manuel Riscado a quem foi concedida, em 1626, uma sesmaria de quatro léguas. Em 1638, Marfim Correia Vasqueanes comprou aos herdeiros de Manuel Riscado as terras situadas no local Parati, onde foi edificada uma capela com o nome de N.S. do Cabo, sendo o referido local conhecido hoje por Campo da Igreja. Em 1698, o Governador do Bispado, Tomé de Freitas Fonseca, por provisão de 5 de março, mandou servir de freguesia Curada a capela de N. S. do Cabo, fundada na fazenda de Parati. Em 1718, foi a capela demolida por se achar em ruínas. Os Frades Menores, que já tinham um Convento em Cabo Frio, resolveram construir, em 1738, em terras que lhes foram doadas, um Hospício e uma capela sob o patrocínio de S. Sebastião, Cortines Laxe, no livro "Municipalidades do Brasil", diz: "Porque não havia outro templo com proporções de nele se celebrarem os atos paroquiais, mandou o Edital de 10 de janeiro de 1799 que criou a Paróquia de Araruama, que servisse de Matriz a capela do Hospício S. Sebastião dos Padres Capuchos. Durante cerca de 50 anos, estiveram os franciscanos em Araruama, abandonando o seu convento provavelmente em 1788, quando passaram a posse do mesmo ao Padre Joaquim Ribeiro do Amaral. O Hospício e a igreja situados à margem da Lagoa de Araruama, a um quarto de légua mais ou menos de onde hoje é a cidade, conservaram-se por alguns decênios. Ainda há poucos anos existiam as suas minas, hoje totalmente desaparecidas, conservando só o nome - Praia do Hospício, para aquele local. Sendo impróprio o lugar do Hospício para a sede da Paróquia, quiseram transferi-la, em 1811, para o lugar denominado Morro Grande, atual sede do 2º distrito, ao que muitos se opuseram. Então, Bento José Leite de Faria doa 40 braças de terras nas proximidades do Rio Maturuna para ser ali edificada a Matriz, doação que mais tarde foi aumentada por mais 5 braças que o Dr. Joaquim Antunes de Figueiredo acresce de um lado, e o Comendador Antonio Rodrigues Couto de outras 5 braças do outro lado da Matriz. As obras da construção da Matriz começaram em 1811 e terminaram em 1867, quando, a 20 de outubro, foi a sede da Paróquia transferida da igreja do Hospício para a atual Matriz que foi benta pelo Vigário Pe. José Ferreira dos Santos, na véspera da sua transladação. Em 1908, começou a igreja a se arruinar, tendo desabado o teto, fechando-se assim ao culto. Os trabalhos da sua reconstrução foram lentos e mal orientados. E assim, já em 1936 o teto precisava de nova reforma. A 16 de junho de 1945, um grande incêndio devorou toda a igreja, deixando apenas as paredes centrais em pé. Ainda não estão terminados os trabalhos da sua nova reconstrução." (Arquidiocese de Niterói)

Foi informado pelo pároco local que a reconstrução do templo iniciou-se em 1958

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 31/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja Matriz de São Vicente de Paulo Código de identificação: AR-CS-028
localização: Praça de São Vicente, São Vicente de Paulo. Município: Araruama

Época da construção:

Segunda metade do século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom descaracterizado

Uso original/uso atual:

Matriz / Matriz

Categoria:

Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Arquidiocese de Niterói

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se em área plana na praça central da localidade de São Vicente de Paulo.

Informações históricas:

A Paróquia de São Vicente de Paulo, cuja igreja Matriz está situada na sede do distrito do mesmo nome (o terceiro distrito) que integra o município de Araruama, foi criada pelo Decreto nº 977 de 13 de outubro de 1857:

Fica erecto em Freguesia o Curato de São Vicente de Paulo, no município de Cabo Frio, e o Presidente da Província fica autorizado para alterar, ouvida a Autoridade Eclesiástica do Bispado, os limites entre a mesma Freguesia e a de São Pedro da Aldeia, atendendo-se à maior comodidade dos povos, e de maneira a que desapareçam as voltas com que foram traçados..

Três anos antes, pelo Decreto nº 737 de 28 de outubro de 1854, havia sido criado o Curam de São Vicente de Paulo, no lugar Pavuna, onde faz junção a estrada da cidade de Cabo Frio à Lagoa de Juturnahyba com a que vai de Mono Grande a Barra de São João, na Paróquia de São Pedro da Aldeia.

São Vicente de Paulo foi considerado distrito por Lei Provincial nº 977, de 13 de outubro de 1857 e Decreto nº 1-A, de 3 de junho de 1892. (Arquidiocese de Niterói)

Registro Fotografico:



Ilustração Arquidiocese de Niterói



Foto Araruama: Mapa Ambiental, Cultural e Histórico.
Prefeitura de Araruama / Aspergillus

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 12/11/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 31/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Estação ferroviária de Ponte dos Leites e seu entorno Código de identificação: AR-CS-029

localização: Entre a rua Prefeito Antonio Raposo e a estrada velha de Praia Seca, Ponte dos leites. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 53' 06.9" S.; Long. 42° 22' 12.4" O

Época da construção:
Primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
satisfatório preservado integralmente

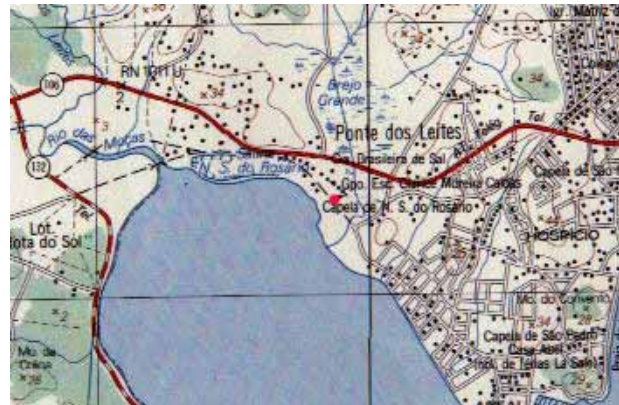
Uso original/uso atual:
Estação ferroviária (entorno: residências, indústria, igreja e comércio) / Posto de saúde (entorno: os únicos que permanecem com as funções originais são as residências e a igreja)

Categoria:
Conjunto Urbanístico

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

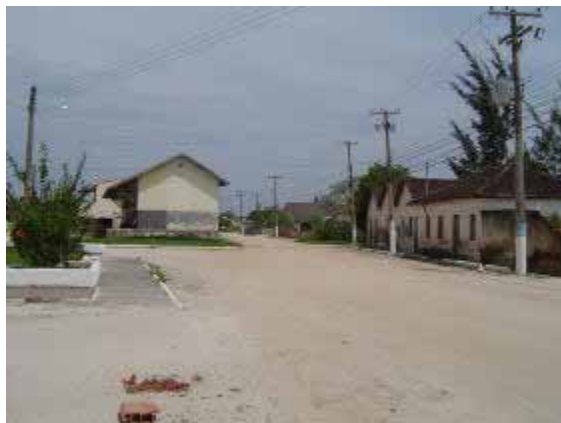
Propriedade
Público / Prefeitura Municipal de Araruama (prédio)

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situados em área plana, fronteira à lagoa de Araruama, teve sua implantação vinculada à existência de indústrias de gesso e moagem de conchas (cal). No entorno do largo da estação se constituiu um pequeno núcleo urbano que, além das indústrias, era composto por residências, estabelecimentos comerciais e igreja.



Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Fotos 01, 02 e 03:

A antiga estação ferroviária, como tantas outras do interior fluminense, possui uma volumetria simples. Uma planta retangular e, na original disposição, satisfazia o programa de atendimento ao público (venda de bilhetes e armazéns) e dependências da administração.

A cobertura em telhado de duas águas com cumieira paralela às fachadas tem por sobre a plataforma de embarque-desembarque uma extensão que é amparada por um conjunto de mãos francesas.

O casario ao redor da estação, além de contemporâneo ao prédio, revela um conjunto bastante característico. Os prédios que se situam na mesma rua constituem um conjunto de três edificações geminadas. Apresentam ambas, telhados em duas águas que terminam em calhas coletoras. A falta de janelas em duas delas indica a funcionalidade do prédio ou seja, comércio e a última em sequência, com janelas caracterizando o último corpo como uma residência. A casa na esquina denota constituir a varanda uma abertura posterior porque é visível que o prédio possuía anteriormente uma volumetria fechada.

Foto 04:

Igreja Nossa Senhora do Rosário, construída provavelmente contemporânea à edificação do prédio da estação. Evidenciam-se em

sua vista principal uma série de acréscimos. A varanda com sua arcada buscando, ao que tudo indica, uma proteção integral do plano de fachada onde se encontra a entrada principal da igreja, foi edificada em face do excesso de insolação incidindo sobre a mesma. Da mesma maneira foi acrescentado a uma das torres uma base que não existia anteriormente, pois a torre que lhe faz jogo de composição possui balanço. A “dupla torre” é completamente fora da linguagem de “torre única” característica da região e sua construção em balanço também bastante particular. Todas essas novidades em termos de plástica e ornatos demonstram um gosto mais recente e uma linguagem fantasiosa posterior a da edificação do prédio original

Informações complementares:

Trata-se do exemplar mais preservado das edificações que compunham o trajeto da Estrada de Ferro Maricá. Tanto a estação quanto o conjunto do entorno, deveriam ser tombados.

Registro Fotografico:



Antiga estação ferroviária



Antiga estação ferroviária



Antiga estação ferroviária



Igreja Nossa Senhora do Rosário

Levantado por: Werther Holzer

Data: 13/11/2003

Revisado por: Werther Holzer / Vera de Alcântara

Data: 02/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salina Vigilante Código de identificação: AR-CS-030

localização: Estrada de Praia Seca (RJ - 132) às margens da Lagoa Vermelha. Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 55' 31.1" S.; Long. 42° 22' 24.2" O

Época da construção:
Século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
satisfatório preservado parcialmente e em atividade

Uso original/uso atual:
Salina / Salina

Categoria:
Paisagem Cultural

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / -

Propriedade
Privada / Hermínio Carvalho

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em Praia Seca às margens da Lagoa Vermelha (lagoa mais salgada do Estado do Rio de Janeiro, com coloração avermelhada devido à presença de algas com área de 2,5Km²), situada ente a Lagoa de Araruama e o Oceano é a mais meridional do país.

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 23/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salina Marrecas Código de identificação: AR-CS-031

localização: Estrada da Praia Seca (RJ - 132), km 6, em frente a Escola Estadual Municipalizada Ponta do Capim, Praia Seca.
Município: Araruama
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22°54'49.1" S.; Long. 42°20'59.6" O

Época da construção:

1889-1890

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim descaracterizado

Uso original/uso atual:

Salina / Desativada

Categoria:

Paisagem Cultural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Família Antunes

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em Praia Seca localiza-se num dos primeiros esporões arenosos que avança sobre a Lagoa de Araruama.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

A casa (Foto 01) corresponde a uma das tipologias residenciais da região das salinas. Caracteriza-se pela presença de um alpendre que envolve uma ou duas fachadas. A cobertura do alpendre em telhas francesas, apoia-se sobre pilares de base quadrada, sustentadas por guarda-corpo cego. Cobertura em quatro águas com cumeeira. Nesta notam-se acréscimos na parte posterior e lateral além de uma caixa d'água elevada sobre quatro pilares. Portas e janelas abrem sob o alpendre.

Informações históricas:

Salina de valor histórico. Como é sabido, após a decadência das lavouras de cana e café, a produção de sal, extraído das ricas águas salíferas da Lagoa de Araruama, passou a constituir a principal atividade econômica do Município. Datada de tempos imemoriais a retirada do sal já era praticada pelos índios. No século XVII cartas régias proibiam a exploração do sal para não prejudicar as salinas da Metrópole, que exportavam seu produto para o Brasil. No decorrer do Século XIX foi se desenvolvendo a exploração. Em Araruama, no ano de 1889 ou 1890, o Dr. Joaquim José Vieira iniciou a construção da primeira salina, que foi batizada com o nome de "Marrecas". (Vasconcellos, Sylvio Lamas de. Apontamentos sobre Araruama. p. 233.)

Informações complementares:

Do lado oposto ao da salina, na estrada de Praia Seca, a Escola Estadual Municipalizada Ponta do Capim, sob a direção da Sra. Nemésia Maria de Oliveira Moreira (Filha de Salineiro) vem desenvolvendo um projeto cujo tema é "Conhecendo Praia Seca de Ponta a Ponta". Seu objetivo é, através do trabalho dos alunos, recuperar a história relacionada com as salinas, seus costumes, enfim, a cultura salineira de Praia Seca. O que se pretende é produzir um texto com todo o histórico da região, que sirva de base para o projeto de formação de "guias mirins". Esse projeto ainda se encontra em fase inicial. Esta salina, tanto por seu valor histórico quanto por seu valor paisagístico, que se integra ao que denominamos Conjunto Arquitetônico da Praia Seca, deveria ser tombada

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara/ Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 23/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salina Pitanguinha Código de identificação: AR-CS-032

localização: Estrada de Praia Seca, RJ-102, entrada para a lagoa Pitanguinha. Município: Araruama

Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 55' 44.0" S.; Long. 42° 20' 39.8" O

Época da construção:
Século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
ruim/desativada

Uso original/uso atual:
Salina / Desativada

Categoria:
Paisagem Cultural

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / -

Propriedade
Privada / Família Raposo

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se às margens da lagoa Pitanguinha, de formato alongado, com o comprimento de 1,5 Km, uma das mais preservadas da região. Nas dunas entre a lagoa e a estrada, encontra-se um dos conjuntos arquitetônicos mais expressivos, ligados à exploração salineira, do município de Araruama.

Informações históricas:

Salina desativada - explorava sal da lagoa de Pitanguinhas - segundo Pedro Guedes Alcoforado em "O Sal Fluminense", no ano de 1936 foi a maior produtora da região (22.300 sacos).

Registro Fotográfico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 10/12/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 30/12/2003

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Empresa Salineira Antunes

Código de identificação: AR-CS-034

localização: Estrada da Praia Seca, km 9.
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 55' 2.3" S.; Long. 42° 20' 10.1" O

Município: Araruama

Época da construção:

Século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

satisfatório preservado parcialmente e em atividade

Uso original/uso atual:

Salina / Salina

Categoria:

Paisagem Cultural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Aldir Antunes

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Salina situada às margens da Lagoa de Araruama.

Registro Fotografico:



Salina situada às margens da Lagoa de Araruama. Foto Adailton Jorge da Silva



Salina situada às margens da Lagoa de Araruama. Foto Adailton Jorge da Silva



Salina situada às margens da Lagoa de Araruama. Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Werther Holzer / Vera de Alcântara

Data: 11/12/2003

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Conjunto Arquitetônico de Praia Seca	Código de identificação: AR-CS-035
localização: Estrada de Praia Seca (RJ - 102). Praia Seca. Posicionamento georeferenciado: Lat. 22° 55' 21.9" S.; Long. 42° 20' 32.3" O	Município: Araruama

Época da construção:

1ª metade do Século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

satisfatório a ruim preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Residencial, comercial e religioso / Residencial e religioso

Categoria:

Conjunto arquitetônico

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Salina Antunes

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Esse conjunto é visível em parte a partir da RJ-102 e em parte no entorno da salina que lhe deu origem. Residências e comércio, estes pequenos aldeamentos constituem o cenário edificado da restinga da Massambaba. Apesar de grande parte das salinas estarem desativadas, o conjunto sobrevive a essa situação.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Foto 01:

Esta casa exemplifica bastante uma das tipologias residenciais da região salineira de Araruama.

De acordo com essa tipologia local, apresenta janelas em número de três e porta na fachada principal com enquadramento em madeira. O plano da fachada delimita-se por meio de cunhais de massa.

Cobertura com telha francesa em duas águas e beiral pouco pronunciado com encaibramento aparente.

Foto 02:

Nesse outro exemplar não existem cunhais salientes visíveis arrematando o plano de fachada. Sendo um estabelecimento comercial, os envazamentos da fachadas são em portas, não se observando janelas. O arremate superior da fachada é feito por meio de platibanda escalonada. O telhado que utiliza o material comum à localidade, dispõe-se em quatro águas, cujo esgotamento se dá por meio de calha.

Foto 03:

Esse exemplar enquadra-se na outra tipologia local das "casas com alpendre", aqui melhor elaborada: As marcações horizontais superiores e a inferior bem como os cunhais buscam mais nitidamente marcar o emolduramento da fachada. O tratamento dado às esquadrias bem como as pingadeiras sobrepostas às janelas são outros indicadores de um melhor padrão construtivo. A cobertura feita com quatro águas e cumeeira. Caracteriza-se essa tipologia, a presença de alpendre herdada de trações mais antigas. A cobertura deste apoia-se em pilares de seção quadrada que por sua vez repousam sobre um guarda-corpo cego. O acesso ao recinto se dá por um conjunto de dois degraus finalizando com portão de ferro. Para o alpendre abrem-se portas e janelas.

Foto 04:

Recorte de um pequeno grupamento de casas em torno da igreja N. Sra. da Conceição, datada de 1944.

Mais uma vez a residência que aparece na fotografia repete a tipologia de residência com alpendre, desta vez, ladeando duas fachadas do prédio principal. Fachadas com poucos vãos abertos. Telhado em quatro águas com cumeeira tendo o caimento das mesmas para sobre as águas do alpendre. Neste caso temos um plano de fachada liso, bem menos elaborado.

A Igreja que figura na foto (Igreja N. Sra. da Conceição), em termos da fachada, repete o esquema tradicional herdado da "Curia Julia Romana" ligeiramente modificado; duas janelas no coro alto ao invés de três e a porta em arco pleno.

O frontão de acordo com o modelo clássico triangular com óculo central no tímpano. Sublinhando a linha baixa do frontão, uma horizontal sugere um limite de entablamento que se apoiaria em cunhal e pilastra ligeiramente salientes. Esse corpo principal é ladeado por torre sineira que dele se destaca apenas pela pilastra pouco saliente, sendo arrematado por outro cunhal. As proporções entre igreja e torre revelam o caráter pouco erudito (popular) da construção. O telhado em duas águas tem seu ponto de cumeeira mais baixo do que o frontão

Informações históricas:

O desenvolvimento dos núcleos de povoamento na região estão diretamente ligados ao desenvolvimento da ocupação das salinas ao longo das lagoas.

Informações complementares:

Trata-se de um dos conjuntos urbanísticos mais significativos voltados para a produção do sal, motivo pelo qual deveria ser tombado.

Registro Fotográfico:



Fotos Adailton Jorge da Silva



Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 11/12/2003

ARMAÇÃO DOS BÚZIOS

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera de Alcântara

Data: 08/01/2004

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer



Foto Arquivo INEPAC

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 12/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazendinha Código de identificação: BZ-CS-039

localização: Estrada Cabo Frio-Búzios, próximo à entrada da Praia de Tucuns. Município: Armação dos Búzios

Época da construção:

Primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom descaracterizado

Uso original/uso atual:

Residência / Residência

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Proprietário não identificado

mapa de localização:

Situação e ambiência:

Situada em elevação, voltada par extensa planície sulcada por brejos e lagoas que se estende até a antiga fazenda de Campos Novos. Hoje seu acesso é feito pela estrada Cabo Frio-Buzios, próximo à entrada para a Praia de Tucuns, mas da dita estrada mal se pode divisá-la

Informações históricas:

Durante o século XIX, "ocorreu a progressiva substituição da policultura agrícola pela rendosa monocultura cafeeira, exemplificada pelas grandes plantações da Ferradura, Fazendinha, Tauá, Rasa e Perauna."

"Por volta de 1915, o rico imigrante alemão Eugene Honold, dono de casa bancária carioca com clientela salineira cabofriense, comprou numerosas propriedades rurais em Búzios - onde cultivou imenso bananal que se estendia da Rasa a José Gonçalves e c Geribá a Saco Fora -, além de terrenos e prédios na praia da Armação - onde construiu silo que armazenava as frutas destinadas exportação e cais de pedra que facilitava o carregamento das chatas transportadoras dos cachos até os navios ancorados adiant na enseada. À época, Eugene Honold adquiriu também a fazenda Campos Novos - onde plantou mandioca para a fabricação de farinha e criou gado leiteiro para produção de laticínios -, além de ser sócio das pioneiras empresas de energia elétrica e revenda de veículos automotivos na sede municipal.

A partir de 1925, Eugene Honold deu ordem para as cercas de suas propriedades avançarem sem interrupção sobre as tradicionais posses confrontantes na ponta dos Búzios. Assim, ao longo da década, muitas famílias caiçaras perderam as glebas ancestrais e começaram a invadir terrenos de marinha, tendo início a transformação dos lavradores-pescadores em pescadores-lavradores que, anos mais tarde, ainda serão espoliadas das roças de subsistência. Por volta de 1930, o poderoso imigrante alemão construiu uma fábrica de farinha de banana e mariola na Fazendinha, mas três anos depois foi obrigado a fechar essa indústria a vapor e interromper a exportação frutífera do já então 3º Distrito de Cabo Frio, por causa de um devastador incêndio criminoso na imensa plantação, cujo responsável não foi identificado. Em 1935, "o dono do mundo", como vários buzianos chamavam Eugene Honold, estava abalado por sucessivos problemas profissionais e pessoais, inclusive a proibição constitucional de os estrangeiros possuírem latifúndios no país. Isto obrigou o imigrante alemão a passar as suas propriedades cabofrienses par as duas filhas e elas logo se tornaram acionistas majoritárias da recém-fundada Companhia Industrial-Odeon, cujas terras da pont dos Búzios vão futuramente apresentar extraordinária valorização fundiária, em função dos loteamentos para construção de residências de veraneio". (Werneck, Márcio. Chaves, Christiane Paiva. Armação dos Búzios. Ed. Viana & Mosley. Petrópolis, 2002)

Registro Fotografico:



Fotos Werther Holzer

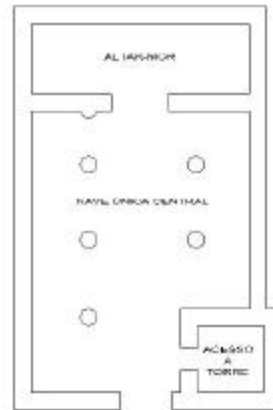


Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Revisado por: Werther Holzer

Data: 03/12/2003

Data: 12/01/2004



Planta baixa esquemática do interior da igreja

Registro Fotográfico:



Fotos Werther Holzer



Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Residência na Praia da Armação Código de identificação: BZ-CS-041
localização: Rua da Armação, nº 1124, Praia da Armação Município: Armação dos Búzios

Época da construção:

Século XIX - Datado na fachada de 1634

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Residência / Residência

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Municipal

Propriedade

Privada / Proprietário não identificado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na Praia da Armação, onde se localizam os vestígios arquitetônicos mais antigos e o conjunto com maior número deles. O gabarito remanescente do conjunto foi mantido preservando, dessa maneira, sua ambiência. Praia litorânea voltada para o oceano.



Foto Werther Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Casa de período anterior ao das demais, do conjunto da praia, fato apontado pela característica de suas sobrevergas - janelas e porta, em arco batido. Composição mais fechada, fato que se denota em suas laterais; de composição ao gosto clássico, com simetria marcada pela porta principal de acesso, situada em sua fachada frontal. Também figura em todo seus planos de fachada, a cimalha de apoio ao beiral e acabamento superior dos mesmos. O que se nota de curioso nesse exemplar, é que anterior a porta principal, estão dois bancos, recobertos por azulejo policromado, exemplares, muito provavelmente, do final do século XIX.

Informações complementares:

Esta, como outras residências da praia da Armação que foram levantadas, estão, segundo informações, tombadas pelo Município. No entanto, o tombamento apenas dos exemplos arquitetônicos significativos não garante a manutenção da ambiência urbana e paisagística já bastante deteriorada na limitrofe Orla Bardot, motivo pelo qual deveria ser garantida a manutenção da volumetria e da paisagem tal qual se encontra.

Registro Fotografico:



Fotos Werther Holzer



Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

ARRAIAL DO CABO

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja Nossa Senhora dos Remédios

Código de identificação: AC-CS-043

Localização: Centro histórico, Praia dos Anjos

Município: Arraial do Cabo

Época da construção:

Século XVIII

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Igreja / Igreja

Categoria:

Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Pública / Arquidiocese de Niterói

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em uma elevação que domina a Praia dos Anjos onde se localizam o Marco Histórico e a Fonte da Praia. Possui em seu entorno um casario que guarda os elementos da época.



Foto Adailton Jorge da Silva

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Muito descaracterizada guardando a volumetria e a composição original da fachada nela incluindo o campanário terminado com uma grampa (figura do galo em metal). O mesmo observa-se interiormente. Os elementos originais que a caracterizariam, estão sob adornos e pinturas de gesto recente. A igreja encontra-se em bom estado de conservação. Originais são: o forro em gamela, o coro alto com guarda-corpo recortado em madeira e a base do arco cruzeiro. Além destes, nenhum outro elemento a caracterizaria como edificação religiosa do século XVIII, data a ela atribuída

Informações históricas:

"Fundada por Antônio Luiz Pereira e outros pescadores do lugar. Está situada sobre uma colina e em bom estado de conservação". (Beranquer, Abel F. Dados Históricos de Cabo Frio. Cabo Frio, 500 anos de História, 2003. p. 55.)

Informações complementares:

Os exemplares do Centro Histórico de Arraial do Cabo, independentemente de seu valor arquitetônico, deveriam ser tombados como vestígios da implantação original da Vila de Arraial do Cabo.

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto acervo Coleção Wolney

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 02/01/2004

Registro Fotografico:

Fotos Adailton Jorge da Silva



Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/01/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 12/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa de Piedra
Código de identificação: AC-CS-045

localização: Rua Santa Cruz, nº 1
Município: Arraial do Cabo

Época da construção:
Presumidamente século XVIII

Estado de conservação/ grau de caracterização:
Não foi possível acesso

Uso original/uso atual:
Residência / Residência

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Privada / Fundação Roberto Marinho

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Forma com a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, a Pousada Casa da praia e o casario circundante o conjunto do Centro histórico de Arraial do Cabo.

Sua implantação segue a topografia do terreno permitindo que se tenha da praia uma panorâmica interessante do conjunto formado pela edificação e pela massa de vegetação que com ela compõe.



Foto Werther Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Além da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, cerca de outras edificações compõem um conjunto no centro histórico de Arraial do Cabo.

A topografia local (muito acidentada) e os muros altos dessas construções impedia-nos no entanto, um correto registro.

Da assim chamada "Casa de Piedra" a impressão que se tem é de um imóvel com cobertura de telha canal em quatro águas, com cumeeira dotada de camarinha que parece elevar-se de uma das águas. Possui igualmente chaminé de aspecto menos antigo. Percebe-se ainda, um detalhe de acabamento do beiral em beira-sob-beira e o arremate superior do cunhal sugerindo um capitel toscano.

Informações complementares:

Os exemplares do Centro Histórico de Arraial do Cabo, independentemente de seu valor arquitetônico, deveriam ser tombados como vestígios da implantação original da Vila de Arraial do Cabo.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer



Foto Werther Holzer



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 12/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Pousada Casa da Praia

Código de identificação: AC-CS-046

Localização: Rua Santa Cruz, nº 7

Município: Arraial do Cabo

Época da construção:
Presumidamente Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Residência / Pousada

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / Tombamento

Propriedade
Particular / Proprietário não identificado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Localizada no trecho do centro histórico de Arraial do Cabo a Pousada mantém as linhas originais e possui implantação que permite a vista plena da praia dos anjos.



Foto Adailton Jorge da Silva

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

A Pousada "Casa da Praia" - Rua Santa Cruz nº 7 instala-se em construção antiga, porém muito modificada. Da original conserva provavelmente a volumetria do corpo principal, a proporção dos vãos das quatro janelas, a porta da fachada principal e o telhado canal disposto em duas águas com cumieira paralela à fachada.

Fantásticos devem ser os coruchéus sob o portão e uma balaustrada superposta a um muro baixo. O alpendre envidraçado é um provável acréscimo, assim como a laje cuja extremidade sobressai na mesma fachada lateral em que se encontra o alpendre.

Informações complementares:

Os exemplares do Centro Histórico de Arraial do Cabo, independentemente de seu valor arquitetônico, deveriam ser tombados como vestígios da implantação original da Vila de Arraial do Cabo.

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 04/01/2004

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 14/11/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 04/01/2004

CABO FRIO

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Sítios Arqueológicos de Cabo Frio Código de identificação: CF-CS-048

localização: Centro de Cabo Frio, em área típica de restinga, entre a Praia do Pontal, e o Canal do Itajuru. Município: Cabo Frio

Época da construção:

2000 A.C.

Estado de conservação/ grau de caracterização:
descharacterizado

Uso original/uso atual:

- / -

Categoria:

Patrimônio Arqueológico

Proteção existente/ proposta:

Protegidos por Leis: > Lei Federal - nº3.924 - 26 de julho de 1961 - Legislação Brasileira Protetora das Jazidas Pre-históricas. > Lei Municipal - Decreto de tombamento nº001/89 - Tomba o conjunto de monumentos e sítios ecológicos, arqueológicos e paisagísticos situados no entorno litorâneo da cidade de Cabo Frio. / Parque com visitação orientada.

Propriedade

Pública / Governo federal

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situa-se na baixada de Araruama, em área típica de restinga. Assentado sobre uma pequena elevação cristalina com cerca de 9 m de altitude, entre a Praia do Pontal, a oeste, e o Canal de Itajuru, a leste, a menos de 100m do nível da maré atual

Informações históricas:

No entorno da barra da lagoa de Araruama, em ambos os lados do canal do Itajuru, foram localizados e explorados diversos sítios arqueológicos, a maior parte deles estudados pela arqueóloga Lina Kneip.

A descrição que se segue, referente ao sítio da Praia do Forte, pode ser estendida, de forma genérica, para os outros sítios do entorno, pois todos se relacionaram.

Escolheram como lugar de pouso, ou permanência temporária, trecho da colina que apresentava, em relação à topografia circundante, uma pequena concavidade natural. A escolha da concavidade poderia ter tido várias razões como, por exemplo, necessidade de proteção dos fortes ventos nordeste e sudoeste, necessidade de defesa ou mesmo refúgio.

De frente para o atual canal de Itajuru e de costas para o mar, viveram no local por espaço de tempo indeterminado.

A espessura da camada arqueológica sugere uma ocupação não muito prolongada. Durante o tempo que lá estiveram, a alimentação era obtida, predominantemente, da coleta de moluscos. Alimentavam-se, sobretudo, das espécies *Crassostrea* sp, *Lucina pectinata* e *Strombus costatus*, todas de grande porte e no máximo de seu desenvolvimento; a alimentação era suplementada eventualmente, com peixes e aves.

O ambiente deveria ser bem diferente do atual, pois a espécie *Crassostrea* sp, por exemplo, que vive no *Rhizophora mangle*, era abundante na época; tal paisagem vegetal, não resta dúvida, deveria estar nas vizinhanças do sambaqui.

A evidência de um trecho da ocupação mostra que acendiam fogueiras para cozinhar os alimentos: outros motivos poderiam ter levado, evidentemente, à utilização de fogueiras, mas a quantidade de restos faunísticos, associados a resíduos de carvão, é bastante significativa.

Para atender a atividade predominantemente de coleta faziam uso de artefatos perfeitamente adaptados ao fim previsto, ou seja, fragmentos com evidências de uso, seixos utilizados e peças com depressão, artefatos típicos do gênero de vida coletor. Não conheciam a técnica de polimento e faziam pouco uso de artefatos lascados.

Os artefatos ósseos limitavam-se a vértebras de peixe polidas, perfuradas ou não, facilmente identificadas como objetos de adorno. Nenhum instrumento ósseo, destinado a pescar ou caçar, foi identificado.

Se durante a permanência ocorreu o fenômeno morte, os testemunhos arqueológicos nada registram neste sambaqui inferior. Do mesmo modo, os testemunhos arqueológicos não registram a causa do abandono do sítio. Evidentemente, não foi por motivos alimentares, pois a seqüência estratigráfica não apresentou, em nenhuma ocasião, indícios de esgotamento das fontes de moluscos.

Em determinada época, porém, houve abandono do sítio e a ação eólica, bastante atuante na área, agiu intensamente.

Sedimentos arenosos cobriram inteiramente a ocupação abandonada.

2. Ignoramos o tempo de sedimentação sobre a ocupação abandonada mas sabemos que em determinado momento o sítio foi reocupado. A ocupação se estendeu por toda a colina e a espessura da camada arqueológica sugere permanência mais prolongada que a anterior.

A *Crassostrea* sp que na camada anterior apresentava-se em seu máximo de desenvolvimento, apresenta-se agora no estado predominantemente jovem. As espécies de grande porte e no máximo de seu desenvolvimento eram a *Lucina pectinata*, *A. nadara notabilis* e *Olivanciliaria vesica auricularia*. A alimentação era reforçada com peixes, quase todos de pequeno porte e, evidentemente, caça eventual. A coleta de frutos, sementes e raízes silvestres, indiretamente comprovados pela presença do almofariz, deveria constituir, também, um suplemento alimentar.

Em determinado momento da ocupação, quase no contato das camadas II e I, ocorre a modificação no gênero de vida. As espécies de grande porte e no máximo de seu desenvolvimento desaparecem, sendo substituídas por espécies de pequeno porte e de grande porte, mas no estado jovem. Apesar de insignificantes do ponto de vista alimentar, acentua-se a coleta de espécies de pequeno porte. A pesca é intensificada, apesar do predomínio de peixe miúdo. Observa-se um maior recurso à caça, predominantemente de pequeno porte; a coleta vegetal, evidentemente, também desempenha seu papel.

Esta mudança alimentar é acompanhada, igualmente, por mudança no tipo de artefato, podendo-se verificar, perfeitamente, mudança funcional no tipo de artefato em função da variação faunística.

Os pescadores e coletores da camada 1, embora utilizando artefatos típicos do gênero de vida da coleta, apresentavam como característica dominante a indústria de lascas. Os tipos de artefatos lascados indicam que o grupo já possui, em relação às ocupações anteriores, certa habilidade na técnica de lascamento demonstrando, através dos tipos descritos, um perfeito domínio da técnica.

Os artefatos ósseos, por sua vez, demonstram igualmente certa diversificação funcional. Embora numericamente insignificantes já revelam a importância econômica, artística ou ritual dos mesmos.

Os "restos de habitação" são representados por pequenas fogueiras, de tipo interna, ao redor das quais os indivíduos cozinhar e alimentavam, utilizavam e confeccionavam seus artefatos. Entre as pequenas fogueiras, interpretadas como parte integrante do interior de uma choupana, os espaços vazios eram provavelmente utilizados para passagem, repouso, entre outras especialidades. À medida que o tempo passava, com o deslocamento natural do indivíduo na colina, as fogueiras alternavam-se na área habitacional.

Os tipos de sepultamentos evidenciados também apresentam variações, talvez mais complexas, caracterizadas não só pela diversificação, como também ausência do mobiliário funerário, e caráter individual e coletivo dos sepultamentos.

Todos estes resultados seriam mais completos se houvesse um conhecimento melhor do ciclo biológico das espécies de moluscos e, principalmente, datação de C14. Tais estudos, em andamento, virão esclarecer, por exemplo, problemas relacionados à cronologia das ocupações sucessivas, permitindo, por conseguinte, inferências seguras sobre as formas de adaptação descritas. De qualquer forma, os resultados positivos obtidos neste trabalho permitem algumas reflexões importantes. De um lado, a necessidade de desenvolver, cada vez mais, uma linha de pesquisa em que a abordagem interdisciplinar seja a preocupação dominante. Por outro, a necessidade de intensificar a pesquisa em sambaquis de modo que as ciências correlatas não só colaborem com a Arqueologia, mas façam da mesma um método de estudo." (Kneip, Lina Maria. *Pescadores e Coletores Pré-históricos do Litoral de Cabo Frio, RJ*. São Paulo. Fundos de Pesquisa do Museu Paulista, 1977. p.130-132)

São sítios arqueológicos tombados pela Prefeitura Municipal de Cabo Frio, e que estão devidamente numerados, acima, no mapa de localização, os que se seguem:

- 1- Sambaqui e acampamento de pesca Tupinambá da duna Boa Vista, situada na Praia do Forte;
- 2- Sambaqui do Forte (do qual temos descrição detalhada abaixo);

3- Sambaqui do Morro dos Índios, situado ao lado do Sambaqui do Forte;

4- Sambaqui da Boca da Barra;

5- Sambaqui Porteira das Salinas Peroanas;

6- Sambaqui do Meio;

7- Sambaqui da Lajinha;

8- Sambaqui Morro da Guia, no Portinho;

9- Sítio Sagrado do Itajuru (Pedras Sulcadas do Morro da Guia);

10- Sambaqui do Morro da Guia, no convento.

Além destes enumerados no mapa de localização, foram tombados pela Prefeitura Municipal, o Sambaqui do Chapéu; o do Morro do Vigia, na Praia das Conchas; e o Sambaqui da Praia do Perú.

Sambaqui do Forte:

O sambaqui do Forte se encontra na Cidade de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, tendo sido pesquisado nos anos de 1971 e 1974. Em 1971, já parcialmente destruído, media, aproximadamente, 40 x 50 m. ...

O projeto "Estudo do Sambaqui do Forte" iniciou-se em 1971, decorrente de uma escavação de salvamento. Resultou da necessidade de salvar, urgentemente, um sambaqui em vias de destruição e obter, em tais condições, informações precisas sobre o mesmo. O primeiro trabalho surge em 1974 tendo como temática a análise da variação espacial dos vestígios (Kneip, 1976) ...esta Região dos Lagos Fluminenses é formada por extensas baixadas litorâneas, bastante semelhantes entre si e geologicamente integrantes da planície costeira quaternária. Destacamos anteriormente (Kneip e Marques, s/d), em linhas gerais, os principais aspectos fisiográficos dessas baixadas: presença de serras e espigões que as delimitam e as seccionam e existência de restingas ou planícies costeiras arenosas, mais ou menos paralelas à praia. Em relação à restinga, o aspecto é quase sempre o mesmo: existência de dunas formando-se paralelamente à costa e constituindo o cordão de dunas costeiras; existência de grandes algumas localizadas à retaguarda das praias, destacando-se feições atuais e sub-atuais que nelas se repetem tais como esporões e praias; penetração de água do mar e saída de água oriunda do continente através de canais localizados nas extremidades das baixadas, que ligam lagoa e mar, e eventuais rompimentos de barra que permitem um contato mais amplo entre o mar e as lagoas. Numa dessas baixadas, propriamente naquela formada pela Lagoa de Araruama, encontra-se o Sambaqui do Forte." (Kneip, Lina Maria. *Pescadores e Coletores Pré-históricos do Litoral de Cabo Frio, RJ*. São Paulo. Fundos de Pesquisa do

Museu Paulista, 1977.

Sítio Sagrado do Itajuru (Pedras Sulcadas do Morro da Guia):

"No século XVI, quando os primeiros europeus aqui desembarcaram, já ouviram dos índios as aventuras do Sumé. A lenda é um dos mais importantes subsídios para explicar a origem do homem pré-colombiano.

Sumé marca a passagem de um estágio cultural para outro. Ensina aos índios o domínio do fogo e a agricultura. Sumé é o pai mitológico, nosso primeiro herói-civilizador. Habitou o Outeiro do Tairú e sua passagem marcou o tempo. As pedras sulcadas trouxeram a Cabo Frio a fina flor da ciência.

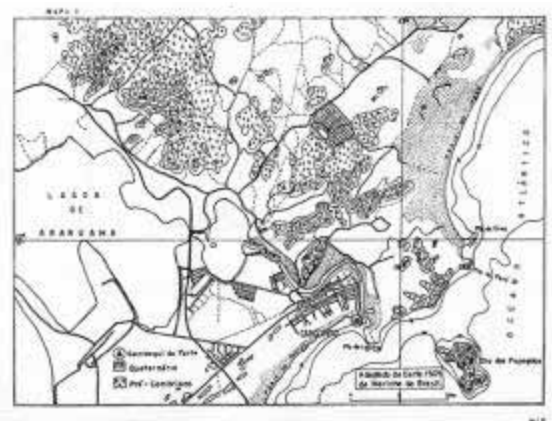
O antropólogo francês André Metraux, diz que Sumé vivia com sua família em outras paragens e após gerar os gêmeos míticos Tamendonare e Aricoute, o Bem e o Mal, abandonou a família e foi viver no Cabo Frio, onde era conhecido pela feitiçaria e arte da vidência.

Certa vez, os índios perseguiram-no por diversas praias. Conta a lenda, que as flechas arremessadas davam a volta e cravavam no inimigo. Sumé continuou a fuga, até finalmente ser encurralado. Num gesto inesperado fez um "Moisés bíblico", abre o mar e foge de seus opositores.

Morava numa câmara de pedra, que até hoje existe no flanco sul do Morro da Guia. No alto da colina, voltado para o nordeste, encabeçando o conjunto de blocos sulcados, esculpiu uma cadeira, na dura pedra. Existem sinais da sua passagem pela Paraíba, Bahia e Cabo Frio.

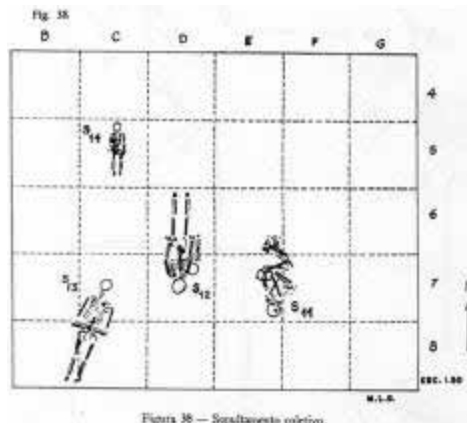
André Thevet, em 1555, e Simão de Vasconcelos, em 1663, foram os primeiros a fazerem referências às pedras sulcadas. Saint Hilarie, em 1818, desfrutou do mais belo panorama durante suas viagens, chegando a afirmar: "Dele se descobre o mar e os navios que passam no oceano, onde algumas vezes sobem os religiosos por divertimento e para mostrar os penedos sulcados". Célebre naturalista Charles Darwin, autor de 'A origem das espécies', também esteve em pesquisas no local, no ano de 1836.

Ladislau Netto, em 1881, provavelmente foi o primeiro a levantar a hipótese de que os sulcos eram polidores líticos fixos: "tive em 1881, ocasião de verificar no alto do Morro da Guia, a menos de 2 Km da cidade de Cabo Frio, o modo porque se serviam os indígenas dos fragmentos caídos dos penedos de diorito que formam a aresta denticulada daquela montanha. Os referidos penedos ou penhascos apresentam, em diferentes sentidos, sulcos que, examinados atentamente, indicam haver sido feitos por indivíduos que, ajoelhados ou acorados sobre a face superior dos rochedos. Ali desbastavam os fragmentos de diorito de que faziam machados. A água e areia eram os únicos elementos de que se socorriam para esta operação." ...Muitos séculos se passaram, muitos pesquisadores subiram o Outeiro do Tairú em busca da verdade científica, e hoje ao comemorarmos 500 anos de história, temos também, um pé na pré história, e a única certeza que trazemos é a de que as Pedras Sulcadas do Morro da Guia continuam envoltas numa neblina de beleza e mistério." (Revista Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História.- 2003



Ilustrações extraídas do livro Coleção Museu Paulista de Arqueologia. Lina Maria Kneip - Edição do fundo de pesquisas do museu paulista - São Paulo - 1977.

Página 31



Página 121

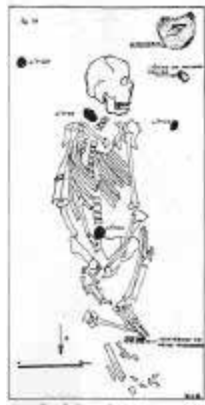


Figura 37 — Esqueleto 13, visto de cima, do sítio de...

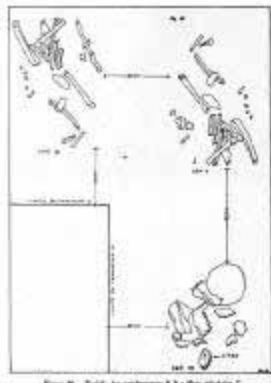


Figura 38 — Esqueleto 8 e 9, do sítio de...

Páginas 122 e 123

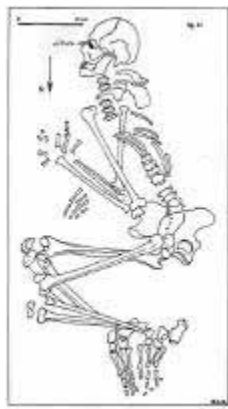


Figura 39 — Esqueleto 11...



Figura 40 — Esqueleto 11...

Páginas 124 e 125



Figura 41 — Esqueleto 11...

Página 126



Informações complementares:

Estas áreas de sítios arqueológicos, que já estão tombadas pela Prefeitura e pelo Governo Federal, não se encontram hoje delimitadas e com acesso controlado. Neste caso a delimitação de parques municipais em torno de todos os sítios, alguns dos quais propiciam a ocupação de grandes extensões, onde se associam paisagens naturais e paisagens culturais, contribuiria efetivamente para a sua preservação e para uma visitação não predatória dos locais.

Como exemplo podemos citar o conjunto de elevações onde se situa o grupamento de sambaquis; Peroanas, Meio e Lajinha, que atualmente não se encontra delimitado. O local aberto à visitação pública não apresenta nenhum tipo de informação ao visitante. Dessa maneira, o valor que representa como sítio arqueológico, não é evidenciado e conseqüentemente tenderá a ser utilizado para banhos e lazer, ficando exposto a todo tipo de degradação. Por isso sugerimos que seja cercado, construída uma entrada única com controle de acesso, sendo este acompanhado de guia que dê as informações atribuídas ao mesmo.

Registro Fotográfico:



Sambaqui do Forte



Sambaqui da Boca da Barra



Sambaqui do Morro dos Índios



Sambaqui do Morro dos Índios. No plano intermediário, vista parcial da antiga zona portuária do bairro da Passagem. Ao fundo, as elevações onde estão situados os sambaquis das Peroanas, do Meio e da Lajinha.



Sambaqui e acampamento de pesca Tupinambá da duna Boa Vista, situada na Praia do Forte (no plano intermediário)



Sambaqui Porteira das Salinas Peroanas



Sambaqui da Lajinha



Sítio Sagrado do
Itajuru (Pedras Sulcadas
Do Morro da Guia)

Levantado por: Vera de Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fazenda de Campos Novos e Igreja de Santo Inácio Código de identificação: CF-CS-049

localização: Situa-se próxima à rodovia Amaral Peixoto, RJ 106, Km 124, a 500 m do acesso para Armação dos Búzios . Município: Cabo Frio
Posicionamento Georeferenciado:
Lat. 22° 43' 04.6" S.; Long.42° 01' 51.2" O

Época da construção:

Fins do Século XVII

Estado de conservação/ grau de caracterização:

ruim preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Residência Jesuítica, administração da Fazenda e Igreja/
Prefeitura Municipal de Cabo Frio

Categoria:

Arquitetura Rural

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Estadual

Propriedade

Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

A residência da fazenda de Santo Inácio de Campos Novos situa-se próxima à rodovia Amaral Peixoto (RJ 106, Km 124), no trecho entre São Pedro da Aldeia e Barra de São João, no município de Cabo Frio, a menos de um quilômetro do entroncamento dessa estrada com a de Búzios. Existe uma pequena placa, desbotada, indicando a entrada da fazenda que fica à esquerda, a cerca de 600 m da estrada, numa pequena elevação. No sentido contrário da estrada, isto é, de Barra de São João para São Pedro da Aldeia. Logo após o entroncamento para Búzios, tem-se uma melhor visibilidade da residência que, atualmente, abriga a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento e outros órgãos estaduais e federais ligados à agropecuária, como a EMATER, Incra, etc. A fachada principal da residência está voltada para nordeste.



Foto Werther Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

"A estrutura da residência de Campos Novos pode ser em pedra e cal, como sugere o tipo de torre, que 'quando era feita de pedra e cal, como na igreja carioca do castelo, prevalecida geralmente o acabamento em forma de pirâmides' (Costa, 1978, P.47), o que é reforçado quando constatamos, no cemitério, na lateral externa da igreja, parte exposta da fundação em pedra. Por outro lado, a espessura das paredes, com cerca de 60 centímetros na residência e 70 centímetro na igreja, associada a um sistema de pilares, com dimensões 70cm x 70cm nas paredes periféricas, 50cmx100cm no perímetro do pátio interno, e 50cmx50cm quando isolados, indicam a existência de uma estrutura articulada do tipo pilar-viga. Este tipo de estrutura, por sua vez, sugere o uso de tijolos nos pilares e, possivelmente, na vedação parietal. Um futuro trabalho de prospecção, com remoção do emboço, poderá esclarecer este ponto. Devemos destacar, em relação as demais residências analisadas, que o uso de pilares, na parte interior, diminuiu o aspecto de peso de estrutura, que no exterior mantém a aparência monolítica. Outro aspecto relevante é o pequeno pé direito, em ambos os pavimentos da residência, em torno de 2,4m.

O partido usado na residência de Campos Novos é o da quadra, com a igreja fechando uma das laterais da quadra, e, um pequeno pátio central, interno, onde existe, surpreendentemente, um grande depósito, cilíndrico, de águas pluviais, coberto, com 2,65m de altura e cerca de 4m de diâmetro, com uma capacidade de armazenamento maior que 10.000l de água. A construção tem dois pavimentos com a igreja um pouco mais alta, assim como a torre também o é em relação a igreja.

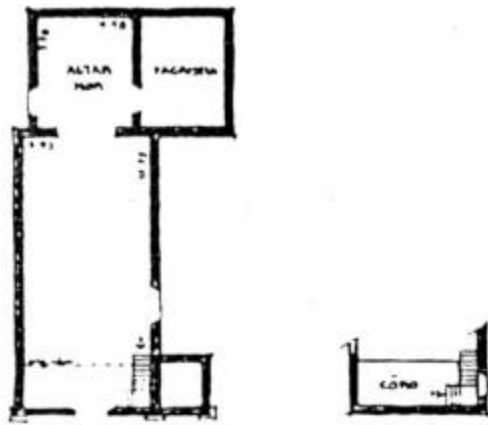
A Igreja de Santo Inácio é contígua à residência da fazenda, formando com esta e a torre, situada no extremo direito da fachada, um só corpo retilíneo. Pilastras de ângulo lisas assentadas em bases altas e salientes são encimadas por pináculos marcando as divisões verticais.

Seu frontispício tem a forma de pentágono tendo o embasamento recoberto de seixo rolado. As janelas do coro são em número de duas, em madeira almofadada, São compostas de emolduramento alterado em madeira, se caracterizam por vergas em arco pleno encimadas por sobrevergas também de arco pleno em massa com função de pingadeiras. Logo acima das sobrevergas em eixo de simetria com relação as mesmas percebemos um óculo poliobado. O fechamento superior da empena reta do frontispício é emoldurado por frisos retilíneos.

O portal em madeira com duas folhas almofadadas é emoldurado por verga e sobreverga em arco pleno

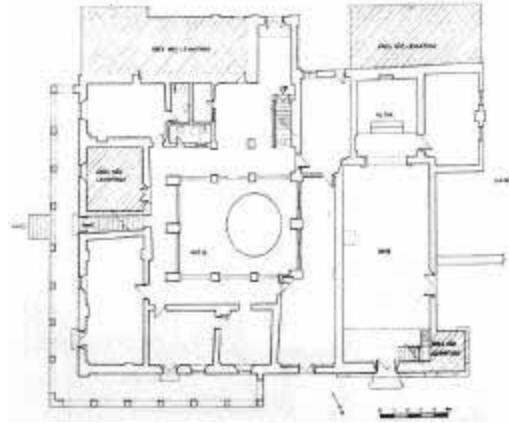
A torre quadrangular delineada verticalmente por cunhais em cantaria é envazada em suas quatro faces pelas sineiras de arco pleno. Seu fechamento se dá em pirâmide escalonada com pináculos em seus vértices.

A planta da igreja apresenta nave única retangular e capela-mor diferenciada da nave através do arco cruzeiro. A sacristia é contígua ao altar-mor e o acesso ao coro se faz por uma escada interior da nave." (Araújo, José Antônio Andrade. A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica. Niterói. UFF, 2000. P 93-94



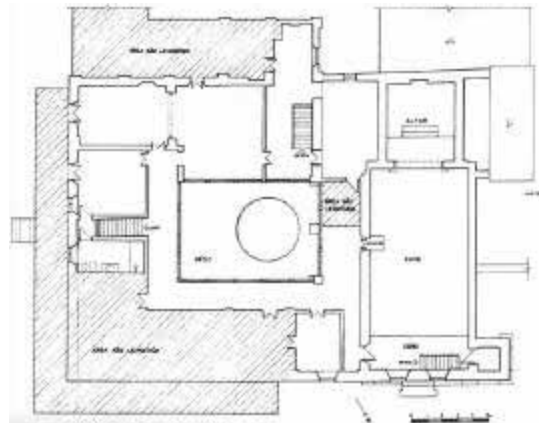
Desenhos de Raquel Foureaux in: Igrejas Jesuíticas Fluminenses





Planta baixa - 1º pavimento - Campos Novos - Cabo Frio/RJ, levantamento do autor, realizado em janeiro de 1999. (sem triangulação)

Desenho: Araújo, José Antônio Andrade. A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica. Niterói. UFF, 2000. p.131



Planta baixa - 2º pavimento - Campos Novos - Cabo Frio/RJ, levantamento do autor, realizado em janeiro de 1999. (sem triangulação)

Desenho: Araújo, José Antônio Andrade. A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica. Niterói. UFF, 2000. p.132

Informações históricas:

A fazenda Campos Novos se situa dentro da sesmaria doada aos índios em 1617 na qual havia sido fundada a aldeia de São Pedro de Cabo Frio. Existem poucas informações acerca dessa fazenda além de se situar em Terras álagadiças e inúteis para a lavoura. As propriedades rurais dos Jesuítas surgiram com a necessidade de sustentar os colégios assim como suas residências e aldeias. Territórios rurais começaram assim a formar-se através de doações de sesmarias, doações de particulares, heranças recebidas, compras e trocas de terras. (Araújo, José Antônio Andrade. A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica. Niterói. UFF, 2000)

Informações complementares:

“Construída por padres jesuítas no final do Século XVII, a fazenda agropecuária Campos Novos abrigava uma capela dedicada a Santo Inácio de Loyola e um pequeno cemitério, que originalmente serviu aos jesuítas. Após graves conflitos de terra, a área foi desapropriada pelo governo municipal em 1993.” (Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003)

Registro Fotografico:



Vista lateral da igreja. Foto Werther Holzer



Vista da entrada e do coro. Foto Werther Holzer



Vista do altar-mor. Foto Lena Trindade. Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003, p.25.



Foto Werther Holzer



Fotos Werther Holzer



Vista do pátio interno. Foto Werther Holzer



Detalhe de um dos quartos em que foi preservada a pintura original. Foto Werther Holzer



Vista da sala do colégio. Fotos Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer
Revisado por: Adailton Jorge / Werther Holzer

Data: 04/12/2003
Data: 04/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos Código de identificação: CF-CS-050

localização: Praça de Santo Antônio, na subida do Morro da Guia, Centro Município: Cabo Frio

Época da construção:
1696

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Convento / Museu de Arte Religiosa e Tradicional

Categoria:
Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:
Tombamento Federal

Propriedade
Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situado em sopé de colina que domina o Centro de Cabo Frio. Delimita uma das extremidades do Centro Histórico.



Foto Adailton Jorge da Silva

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

"O estilo da igreja é o comum daquela época. Interiormente está pobre, sem ornamentos, bem de acordo com o rigor da reforma alcantariana. Destacam-se os retábulos dos altares, não se sabendo o nome do hábil trabalhador e em que época foi executado o trabalho maravilhoso. Em algumas partes a talha está aberta de claro em claro, ao contrário do que se observa nas outras antigas igrejas....A barra da igreja está coberta numa altura de 1,20m com azulejos que são apenas decorativos, os assentos do coro onde os frades recitavam o Ofício Divino, não existe mais, mas seriam pobres como os primitivos do convento de Santo Antônio, a julgar por alguns pedaços. A construção do Convento obedecia ao risco dos outros. Era quadrangular e com pequeno claustro, para o qual deitava um corredor aberta." (F. Basílio, citado por Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio)

Informações históricas:

"Os primeiros moradores de Cabo Frio, logo após sua fundação, dirigiram a Estêvão Gomes, seu governador, petição feita em 1º de abril de 1617.

Só muito mais tarde foi satisfeito o desejo de os cabofrienses terem o Convento. Durante setenta anos não cessaram os pedidos de se levar a efeito sua construção.

Após muitas lutas, coube a tarefa da fundação do Convento ao terceiro provincial frei Agostinho da Conceição (1684-1687). Despachou para Cabo Frio dois irmãos sacerdotes que, tendo satisfeito as formalidades legais, dedicaram-se a abertura dos alicerces. A pedra fundamental foi colocada em 2 de agosto de 1686, presidida pelo próprio Provincial frei Agostinho da Conceição. Foi escolhido esse dia porque Nossa Senhora dos Anjos devia ser o orago da Igreja e do Convento, embora o povo preferisse o título de Nossa Senhora das Luz." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio)

“Com arquitetura tipicamente franciscana, o convento foi construído em 1696 e constitui um dos marcos da arquitetura religiosa do período colonial. Simples e sem muitos ornamentos, o destaque da igreja são os retábulos dos altares-mores e colaterais. Obra rara de autor desconhecido, o convento abriga de 1982 o Museu de Arte Religiosa e Tradicional.” (Extraído da Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003)

“Logo após a fundação da cidade de Cabo Frio em 1615, por Constantino Menelau, o governador do Rio de Janeiro indicou Estevão de Gomes para ser o capitão-mor atribuindo-lhe amplos poderes, até o de doar Sesmarias a quem desejasse povoar e plantar na região.

Os primeiros habitantes de Cabo Frio, em 01/04/1617 fizeram uma petição à Estevão de Gomes para que este autorizasse a fundação de um convento pelos franciscanos.

Apenas em abril de 1684, Frei Agostinho da Conceição despacha 2 franciscanos para a região como objetivo de reunir material para as obras.

Em 09/12/1685, Frei Agostinho escreve solicitando licença para iniciar as obras da Igreja e Convento. No mesmo dia o Bispo responde, concedendo a licença. Frei Agostinho apresenta 2 motivos para a construção: os constantes apelos dos moradores e o aparecimento de José de Barcelos Machado, rico fazendeiro, natural do Rio de Janeiro, que se propõe a doar anualmente 35 bois, que continuaram sendo doados após a sua morte, e, em troca pediu que fosse rezada todos os dias uma ladainha e um responso. Este legado foi entregue até 1852.

A pedra fundamental foi colocada em 02/08/1686. A inauguração oficial ocorreu em 13 de janeiro de 1696. A igreja, pobre e sem ornato possuía um altar-mor provisório para a imagem da padroeira, para a de São José e a de São Joaquim, e 2 altares laterais: um para a imagem de São Francisco e outro para a de Santo Antônio. Além de outras imagens como: as da Conceição, de Sant'Ana e de São Luís de Tolosa. Quadrangular, com pequeno claustro no centro de onde saía uma varanda, o convento segundo o estatuto da fundação, abrigava 14 religiosos. Em 1730 eram 24, e em 1765, 30, dos quais 18 sacerdotes, 7 coristas, 2 leigos e 3 donatos.

A Ordem Terceira de S. Francisco, ao lado do convento, foi construída, como apontam indícios, juntamente com a igreja, embora não se saiba a data ao certo. No altar-mor está a imagem de Cristo em tamanho natural e a de São Francisco recebendo suas chagas. Ao lado da Ordem Terceira se encontra o Cemitério.

No outeiro, vê-se a capela de N. Sra. da Guia pertencente ao Convento. Foi construído depois de 1740

Em 1762 o convento entra em obras para reformar paredes, arcos, janelas, etc. A partir de março de 1707 é utilizado para educar religiosa e franciscanamente jovens cléricos.

A partir do século o número de frades diminui. O último guardião foi Frei Vitorino de Santa Felicidade, que permaneceu no convento até a sua morte em 1872. O síndico assume a guarda. A ruína do convento aumenta, mobiliários e livros são destruídos. Em 1898, uma explosão de pólvora destrói um depósito do convento, por ocasião da obra da primeira ponte.

Em 1905, objetos do convento são roubados da casa do Dr. Porto Rocha, que os guardava. Seu patrimônio continua sendo depredado. Em julho de 1918 o acórdão do Supremo Tribunal sequestra os bens e as terras do convento. Estas terras são vendidas a Dr. Ciro Torres por 6 contos de réis. Desde então a igreja e as ruínas do convento passaram a pertencer à província.

Pelo decreto-lei nº 25 de 30/11/1937, foram tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: o convento, a igreja de Nossa Sra. dos Anjos e o cruzeiro em frente. Em 1950 parcialmente restaurado pelo IPHAN. Em 1958, foram incluídos no tombamento, a capela, o cemitério da Ordem 3ª de São Francisco, estendendo ao adro e toda a área atualmente livre frente ao convento incluindo o Largo de Santo Antonio e o morro de Nossa Sra. da Guia com fachada de proteção na planície no entorno de 100m.

Em 12/03/1968 foi assinado um convênio entre o Arcebispo de Niterói e a então diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Educação e Cultura, para a instalação do Museu de Arte Religiosa e Tradicional, por um período de vigência de 50 anos, e após este período o SPHAN restituiria o convento à Mitra, em perfeito estado de conservação sem indenização.

Em janeiro de 1978, ladrões saquearam o convento levando imagens barrocas de N. Sra. da Conceição e a de S. Francisco de Assis.

Em 15/12/1982 o Museu inaugurado, e desde então realizam-se nele exposições de artes plásticas, fotografias, artesanato, etc..

No convento também funciona o escritório técnico da 6ª Diretoria regional do SPHAN/Pró-Memória de Cabo Frio, S Pedro D'Aldeia, Casimiro de Abreu e Barra de S. João.” (Arquivo INEPAC)

Informações complementares:

“O ensino em Cabo Frio teve início com a chegada dos padres missionários na região, lançando as bases de um sistema educacional que incluía a catequese indígena. O Convento de Nossa Senhora dos Anjos, durante muitos anos foi casa de estudo e noviciado, talvez a primeira instituição a se dedicar ao ensino público. Do livro ‘Páginas de História Franciscana no Brasil’ de Frei Basílio Rower, temos:

‘Desde 1739, pois, o Convento de Nossa Senhora dos Anjos foi um verdadeiro recinto de estudos. Funcionavam nele as aulas primárias para os filhos da localidade e o estudo de gramática para os jovens coristas. A ordem de que estes ficassem livres de todo o serviço braçal demonstra o empenho de proporcionar-lhes o tempo para adquirirem conhecimentos sólidos da língua latina’.” (Souza, Olympio de. Cabo Frio nos 500 anos do Brasil)

Registro Fotografico:



Fotos Adailton Jorge da Silva



Foto Arquivo INEPAC

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 10/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Capela de Nossa Senhora da Guia

Código de identificação: CF-CS-051

Localização: Topo do Morro da Guia, Centro

Município: Cabo Frio

Época da construção:

1740

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Capela / Capela

Categoria:

Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Federal

Propriedade

Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em colina que domina o Centro histórico de Cabo Frio e permite uma visão de 360° da paisagem circundante inclusive do Canal de Itajuru.



Foto Extraída da Revista Cabo Frio 500 anos. Autor Paulo Ribeiro

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Pequena capela de planta quadrada, cobertura em duas águas, transversal à fachada principal. Em sua fachada frontal, avança um alpendre em três águas, coberto por telhas canal, apoiado sobre quatro colunas toscanas, dispostas duas a duas, que emolduram a única abertura, uma porta em verga reta. A fachada é encimada por frontão triangular coroado por volutas rampantes e um cruzeiro que arremata a cumieira.

Informações históricas:

"Demonstração de respeito e consideração aos homens do mar, pescadores e navegantes, a Capela Nossa Senhora da Guia foi construída no topo do Morro da Guia em 1740 pela Câmara Municipal, para proteger os que se aventuravam na imensidão marinha." (Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003)

"Situada no topo do Morro da Guia, na época chamado de Tairú, esta pequena capela foi construída acima do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, depois de 1740. Era lugar de passeio dos frades, e com restrições porém de serem sempre acompanhados de um ou mais religiosos e de não poderem afastar-se da vista do Convento." (Apostila Cabo Frio através dos tempos)

Registro Fotografico:



Foto Vera Alcântara



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara e Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 04/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja de São Benedito Código de identificação: CF-CS-052

localização: Largo de São Benedito, Passagem Município: Cabo Frio

Época da construção:
1761

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Igreja / Igreja

Categoria:
Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:
Tombamento Estadual

Propriedade
Privada / Paróquia de Nossa Senhora da Assunção.

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada no Largo da Passagem, compõe com o casario do entorno um conjunto urbanístico bastante preservado.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

A igreja se constitui em dois volumes. Nave principal e um volume lateral que compõe a torre sineira. A cobertura é feita em telhado de duas águas, transversal à fachada principal, se constituindo o seu acabamento em beira sobre beira, apoiado em uma cimeira.

A fachada é constituída de frontispício composto por um óculo e sendo delimitada sua face superior por um delineamento trabalhado em friso de massa em formato bastante peculiar em que se associa um arco pleno associado a um acabamento triangular. Seu contorno lateral, nas arestas, é delimitado por um cunhal encimado por pináculo e seu limite entre frontispício e torre através de pilastra encimada por pináculo atualmente embutido na torre.

A torre, de seção quadrangular, é arrematada por uma cúpula ladeada por quatro pináculos terminada com uma grimpa (figura do galo em metal) e possui três envazaduras em sineiras de arco pleno.

O acesso ao interior da capela se dá através de uma porta, em arco batido, na fachada principal, em duas folhas cegas. Logo acima da porta, abre-se janela, também em arco batido, em folha cega semelhante à outra colocada no mesmo plano, na torre sineira

Informações históricas:

Conhecido e cultuado em todo o país como "o santinho preto", a Igreja de São Benedito foi construída em 1761 para homenagear um dos santos mais populares do Brasil, associado aos padecimentos do negro brasileiro.

A igreja acolheu trabalhadores escravos, que se rendiam a cultos coletivos, por seu caráter divino e sagrado. (Extraído da Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003)

"A Igreja de S. Benedito no largo do mesmo nome, localizada na Passagem. Fundada por João Botelho da Ponte, morador de Cabo Frio, em provisão de 9 de abril de 1761. Falecido o fundador, tomaram a si os moradores dessa localidade a administração do templo, onde fazem celebrar o Santo Ofício nos dias de preceito. Já teve seu capelão efetivo. Em 1818 era capela em minas. Hoje, em bom estado de conservação. Para seu patrimônio doou-lhe a Câmara 50 braças de terra por cada uma das quais cobra 150 réis anuais desde dezembro de 1785, em que se tombou o ouvidor Francisco Luiz Alvares da Rocha. E também seu patrimônio uma morada de casas e os foros de outras construídas em terreno pertencente à mesma capela." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. p. 50)

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge

Data: 12/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção Código de identificação: CF-CS-053

Localização: Praça Porto da Rocha, Centro. Município: Cabo Frio

Época da construção:
1663

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Matriz / Matriz

Categoria:
Arquitetura Religiosa

Proteção existente/ proposta:
Tombamento

Propriedade
Privada / Arquidiocese de Niterói

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na praça central da cidade, sua volumetria ainda domina o espaço do centro urbano de Cabo Frio.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Obedecendo o mesmo esquema básico da igreja jesuítica que aqui no Brasil se generalizou, o frontispício é encimado por frontão triangular e caracteriza-se por três janelas, iluminando o coro alto e uma porta no eixo simétrico da fachada (esquema da Cúria Júlia Romana). No caso presente, as janelas são em arco de círculo, encimadas por sobrevergas com frisos; o mesmo acontecendo com a porta de entrada. As janelas são fechadas por guilhotinas de caixilharia simples com folhas cegas de madeira. A porta é almofadada.

Coroando o frontispício existe um frontão triangular em cujo tímpano se encontra um medalhão com a imagem de Nossa Senhora da Assunção. Justaposta à essa fachada uma torre sineira. As mesmas pilastras de ângulo, forma que assumem os cunhais da Igreja e da torre sineira, marcam seus respectivos limites. Com a mesma forma, uma pilastra separa a fachada da igreja da torre sineira. Todas possuem embasamento saliente e um entablamento contínuo simplificado. Na parte superior o campanário recorta-se nos quatro ângulos, onde estão embutidas colunas encimadas por coruchéus e com estilóbatas em seu embasamento. Em seu conjunto o campanário é arrematado por uma pequena cimalha que fica em sua base, e o terminal é em meia-laranja, embora não em sua forma característica, mas no caso, conservando arestas.

A volumetria da igreja é simples, acusando a provável (a Igreja encontrava-se fechada em todas as vezes que tentamos levantá-la) nave única com cordão lateral; sacristia encimada por sala capitular. O tratamento dessas fachadas é simples; cinco vãos na parte superior e cinco na inferior, com uma porta de acesso ao corredor lateral. Janelas de caixilhos e folhas cegas. O tratamento as janelas é de caixilhos simples de guilhotina (externamente) e folhas cegas (internamente). Folhas igualmente de madeira na porta. No corpo mais saliente da sacristia, três vãos no pavimento térreo e superior; uma porta de acesso com tratamento análogo ao já descrito, assim como o das janelas em seu fechamento

Informações históricas:

“Fundada a província de Cabo Frio, em 13 de novembro de 1615, e determinado o lugar da povoação, também se designou o da pequena igreja destinada a servir de matriz, que foi dedicada a Sta. Helena, cujo orago o povo mudou quando levantou novo templo, sob a invocação de Nossa Senhora D’assunção, com maior dimensão que a primeira, um ano depois da sua fundação.

Dita a tradição que a primitiva igreja de Sta. Helena foi erigida onde é hoje residência da família Ferro, antigo hospício de S. João Batista (Hospício – lugar de hospedagem de frades ou padres em trânsito pelo município).

A Matriz de Cabo Frio viu nascer a cidade, dizem os historiadores. Por ordem de D. João V foi reedificada e para ela mandou que se desse sino e alguns ornamentos, e ‘mandou igualmente assitir com dois mil cruzeiros para o retábulo do altar de Nossa Senhora Aparecida’.

Para algumas obras dessa igreja, concorreu a Fazenda Real (provisões de 14–6-1724) que mandou pagar a importância dos consertos necessários, e outra que determinava pagar a importância de um retábulo de madeira lisa e pintado à semelhança de pedra para a Capela Mor.

Em 1818, a Igreja paroquial era grande e irregular, pouco ornamentada, sem teto, concordando com a pobreza das casas que a cercavam.”(Saint-Hilaire).

A imagem da padroeira é de escultura de madeira e data da fundação e ereção da igreja. Foi a terceira trazida ao Brasil. A primeira, de Pocinhos em Paraíba, em 1551; a segunda Camamu em 1570; a terceira, no século XVII, para Cabo Frio, por frei Agostinho de Sta. Maria (Mensageiro da Fé – 1952).

Há no interior da Matriz obras de arte sacra: imagens, objetos sagrados e quatro belas telas representando os quatro Evangelistas de autor desconhecido.

Foi a Igreja presentemente restaurada pelo Profº Adail Bento Costa, sendo o altar mór escultura do português Manoel Dessa, entalhe barroco, colocado na capela mór em 1960.

Como igreja matriz, foi logo servida de pároco encomendado até que entrou na classe das paróquias perpétuas, antes do ano de 1678. É tido como certo que o padre João Pereira a ocupava como vigário colado de Cabo Frio, e assim consta no assento do seu falecimento em 2-12-1678, no livro V dos mortos a Freguesia de S. Sebastião. Por tradição, consta ainda que o primeiro vigário fora o Ver. Manoel Pereira Pinto, filho do fundador da segunda Igreja, cujo pai teve o mesmo nome. Parece provável pois, que o padre Pinto sucedeu de imediato ao padre Pereira. Entretanto, aparecem colados desde 1689: 1º, padre José Pereira; 2º, padre José de Souza Barreto, em 1751; 3º, padre Narcizo Freire de Jesus, em 1782; 4º, o padre Manoel de Almeida Barreto, depois do ano de 1798.

Foi o último vigário de Cabo Frio, o padre José Duarte Nunes que faleceu em 14-3-1945, passando a paróquia para os franciscanos que permanecem até hoje.

Existiu ao lado da Matriz, o Império, ca sa que servia para os leilões das festas: hoje em seu lugar está um jardim pertencente à mesma igreja." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. P. 48 - 49).

Informações complementares:

Registros sobre a Igreja:

"Para ajudar a compreender o significado último de sua própria natureza, a santa padroeira da cidade foi homenageada com uma construção religiosa em 1663, na ocasião da transferência do primeiro núcleo urbano de Cabo Frio, no bairro da Passagem, para aonde hoje se concentram as atividades urbanas, no entorno da Praça Porto da Rocha." (Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história. 2003).

"Construída em 1660, a igreja está localizada em frente à Praça do Porto Rocha. O altar-mor guarda a imagem da padroeira esculpida em madeira e o santuário abriga, ainda uma capela em homenagem à Nossa Senhora da conceição. Com o crescimento da população, iniciou-se em 1998 a construção da nova igreja auxiliar da Matriz de Nossa Senhora Assunção em área Próxima a atual igreja Matriz." (Apostila Cabo Frio através dos tempos)

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva / Werther Holzer

Data: 04/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Conjunto Urbanístico do Bairro da Passagem Código de identificação: CF-CS-054

Localização: Bairro da Passagem, Cabo Frio Município: Cabo Frio

Época da construção:
Século XVII

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:
Residência, comércio / Residência, comércio

Categoria:
Conjunto urbano

Proteção existente/ proposta:
Tombamento Estadual

Propriedade
Privada / Proprietários não identificados

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situado entre o canal do Itajuru e a avenida Eugênio Ribeiro Santos, no sentido norte-sul; e pelo Forte São Mateus e enseada da Moringa no sentido leste-oeste.

Informações históricas:

“Ao chegar em Cabo Frio, em 1616, Estevao Gomes dirigiu-se à fortaleza de Santo Inácio para assumir o comando e passar a tropa em revista. Provavelmente, dirigiu-se, em seguida, para o local onde pretendia dar início à cidade de Nossa Sra. de Assunção de Cabo Frio, como está designada na primeira carta de Sesmaria concedida a Generosa Salgado, no ano de 1616. A locação do sítio da nova povoação portuguesa no bairro da Passagem, está apontada na petição da segunda Sesmaria solicitada pelo Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, em 1617. O Padre Reitor justifica o pedido de terras, pela urgência que o Rei de Portugal tem na povoação de Cabo Frio, e por isso as necessitam para levantar igrejas e casas na cidade em formação. Pedem que o limite da Sesmaria seja considerado a partir do ‘esteiro defronte da camboa que está defronte a cidade’.

O único ‘esteiro’ existente no Itajuru, localiza-se na primeira seção do canal. A ‘camboa’ ou ‘apicú’, cujo significado em tupi guarani é local arenoso e baixo, coberto pelas águas das marés altas, identificado na ‘Planta da Cidade de Cabo Frio’, desenhada em 1788 e que se encontrara na mapoteca do Serviço Geográfico do Exército.

No mapa ‘Terra de Cabo Frio’ (anônimo, 1625), perto do antigo porto do século XVI, lê-se a palavra “pouasam”, isto é, povoação, disposta paralelamente à margem da restinga da 1ª seção. O sítio da cidade está situado em frente a segunda enseada dos terrenos continentais contada a partir da boca da barra, o que significa estar ‘defronte da camboa’ onde hoje se localizam as salinas peroanas, em frente ao bairro da Passagem.

Através de levantamento oral, sabe-se que o núcleo da passagem, posteriormente, foi se caracterizando como um largo de pequenas casas onde moravam basicamente pescadores, já, no século XIX e XX.

Este largo, estendia-se da Rua Manoel Antonio Ribeiro até a Igreja de São Benedito, construída em 1760

Também através de informação oral, sabemos que a rua Manoel Antônio Ribeiro já teve as denominações de rua Penha e rua Grande e por extensão, o largo. Ali, pescadores e famílias usufruíam o espaço para estender redes de pesca, para ancoragem de barcos, manifestações populares, etc.

Deste núcleo, restaram o casario da rua Manoel Antonio Ribeiro, a Igreja São Benedito e largo (hoje reduzido) e a casa nº 58 da rua 1ª de maio.” (Arquivo INEPAC)

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Vera de Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

Registro Fotográfico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara e Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 10/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Charitas Código de identificação: CF-CS-056

localização: Avenida Assunção, nº 855. Município: Cabo Frio

Época da construção:

1857

Estado de conservação/ grau de caracterização:
satisfatório preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Casa de Caridade / Museu José de Dome

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento

Propriedade

Pública / Prefeitura e Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na principal praça de cidade, a uma quadra da igreja Matriz, o prédio marca o entroncamento entre dois eixos viários, que deram origem à Cabo Frio moderna: a via de acesso ao Rio de Janeiro e a que leva à Praia do Forte.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Foto 01, 02:

Típico exemplar de arquitetura neo-clássica do século XIX (1857). A fachada predominantemente horizontal, encimada por frontão triangular (onde se insere a palavra CHARITAS, e a data de construção do prédio),

Limitada por cunhais em forma de pilastra de ângulo coroados por pináculos. Como embasamento, uma pequena saliência. A fachada principal apresenta três janelas e duas portas de verga reta com pequena saliência nos ângulos. Encimadas todas por sobreverga com ligeiro balanço, tendo função de pingadeira. Abraçando as portas de entrada, três degraus que lhe dão acesso. Janelas em guilhotina com caixilharia simples e folhas cegas de madeira. As portas também em madeira.

Foto 03:

Portão encimado por volutas rampantes que podem representar um gosto arcaizante, na segunda metade do século XIX ou uma interferência posterior na proposta neo-colonial.

Informações históricas:

"Oferecer refúgio às crianças abandonadas foi o que se pretendeu com a construção da Casa de Caridade, em 1840. Através de uma abertura na parte externa da construção, os recém-nascidos eram recolhidos no meio da noite. A mãe deitava o pequenino numa janela onde estava uma roda, que uma vez acionada, transportava a criança para dentro da Casa de Caridade, sem que a pessoa que se encontrava no interior tomasse ciência da identidade da mãe. A casa funcionou também como enfermagem, quando diversas epidemias afligiram Cabo Frio, e hoje faz parte da secretaria de Cultura e abriga o Museu José de Dome." (Revista Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História)

Charitas e a visita Imperial:

A visita que D. Pedro II fez à cidade, em 1847, estreitou as relações especiais que Cabo Frio mantinha com o governo Imperial, tendo sido doada uma quantia para a construção da cobertura da Fonte do Itajuru e outra para a Charitas, com o objetivo de facilitar sua manutenção e instalar uma enfermagem, que mostrou-se de grande utilidade por ocasião das devastadoras epidemias de febre amarela e varíola que assolaram a região durante o século XIX. O Imperador visitou o estabelecimento modelo das Salinas Perynas, incentivado por ele próprio, de propriedade do alemão Lindemberg, que colocou em prática novos métodos de produção mineral, dando início ao moderno parque salineiro de Araruama. (Revista Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História)

Registro Fotografico:



Foto Paulo Ribeiro. Revista Cabo Frio 500 Anos de História.



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Arquivo INEPAC

Levantado por: Vera Alcântara e Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Estátua do Anjo Caído Código de identificação: CF-CS-057

localização: Situa-se na entrada do canal de Itajuru, em frente à Ilha do Anjo Município: Cabo Frio

Época da construção:
Presumidamente primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:
Monumento / Monumento

Categoria:
Monumento

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma / -

Propriedade
Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em um dos braços do canal de Itajurú, na borda da Ilha do Anjo.



Foto Adailton Jorge da Silva

Informações históricas:

"Para dar impulso ao escoamento da produção salineira, o engenheiro Leger Palmer efetuou a abertura dos canais Palmer, para facilitar a navegação num trecho assoreado da lagoa de Araruama. Anos depois, o governo do estado, em comemoração ao bom êxito da obra, instalou o monumento de um grande anjo com nove metros de altura. As correntes, todavia, deitaram por água a imponente obra do mensageiro de Deus, que foi restaurada e devolvida ao canal em 1980." (Revista Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História)

"ssa denominação "Anjo Caído" deve-se ao fato de apresentar uma singular inclinação de sessenta e oito graus em relação ao nível das águas, essa mesma também é conhecida como Boneca.

- Quando se emparedou um trecho do canal do Itajuru e se abriu outro, formando hoje a ilha da Conceição, um escultor desconhecido, sabe-se que é de origem portuguesa, fez uma estátua que ficasse localizada na borda da atual Ilha da Draga, como guardiã silenciosa e vigilante do fogo e da luz emanadas das suas candeias de iluminação. Seus facho de luz evitavam que as barcaças perdessem o rumo e ficassem presas nos bancos de areia ou na ilha, em noites de escuridão ou dias de névoa espessa. Como houve uma grande ressaca em 1958, a estátua foi arrancada e arremessada canal adentro. A municipalidade da época mandou fixá-la. Como a sustentação de concreto utilizada cedeu, deu-se a inclinação, que é o gáudio dos pintores, pois é um dos monumentos mais reproduzidos em todos os tipos de pintura.

O mais interessante é que essa estátua que a todos encanta é a reprodução quase fiel, ou pelo menos quanto ao estilo, de uma

outra famosa da Grécia - a Vitória de Samotrácia." (Cabo Frio de Gecahy ao sal com fluor)

Registro Fotografico:



Foto Paulo Ribeiro - Revista Cabo Frio - 500 Anos de História.

Levantado por: Vera Alcântara e Adailton Jorge

Data: 12/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Fonte do Itajuru Código de identificação: CF-CS-058

localização: Parque próximo ao Morro da Guia e Largo de Santo Antônio Município: Cabo Frio

Época da construção:
Meados do Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:
ruim preservado integralmente

Uso original/uso atual:
Fonte / Marco histórico

Categoria:
Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:
Nenhuma /-

Propriedade
Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada dentro de pequeno parque próximo ao Morro da Guia e o Largo de Santo Antônio.

Informações históricas:

"O imperador D. Pedro II, visitou Cabo Frio em 28 de abril de 1847, como sofresse de problemas estomacais e sabedor da dificuldade para se conseguir água potável, nesta região, mandou construir a Fonte do Itajuru (um pequeno prédio, em forma de torre e pórtico, pois a fonte propriamente dita, já existia com a finalidade de captar e proteger aquelas águas utilizadas pela população como algo muito benéfico, para que sua estadia fosse assegurada. A fonte do Itajuru permanece até hoje como testemunha da história, pois os tupinambás já se utilizavam daquela água de cor amarela-alaranjada, que muitos anos depois foi a única a abastecer a cidade, até que o complexo de Jurnaíba, no Rio de São João fosse construído." (Apostila "Cabo Frio do Gecahy ao sal com flúor")

"É muito provável que suas águas tenham abastecido o acampamento de pesca Tupinambá, no Século XVIII. Atribuía-se a Anchieta a descoberta da fonte do Itajuru. Batendo com seu cajado nas areias secas da restinga." (Apostila "Cabo Frio através do tempos")

"Ponto a partir do qual as coisas têm origem, este olho d'água que brota do chão permitiu que o homem se estabelecesse na região. Por volta da metade do Século XIX, por resolução de D. Pedro II, construiu-se uma proteção na fonte que existe desde os primórdios da cidade. Com a instalação de uma casa de máquinas, o líquido precioso foi impulsionado para uma caixa d'água no Morro da Guia e de lá para quatro bicas distribuídas pela cidade. (Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história.- 2003)

A fonte do Itajuru e a visita Imperial:

"A visita que D. Pedro II fez à cidade, em 1847, estreitou as relações especiais que Cabo Frio mantinha com o governo Imperial, tendo sido doada uma quantia para a construção da cobertura da Fonte do Itajuru e outra para a Charitas, com o objetivo de facilitar sua manutenção e instalar uma enfermaria, que mostrou-se de grande utilidade por ocasião das devastadoras epidemias de febre amarela e varíola que assolaram a região durante o século XIX. O Imperador visitou o estabelecimento modelo das Salinas Perynas, incentivado por ele próprio, de propriedade do alemão Lindemberg, que colocou em prática novos métodos de produção mineral, dando início ao moderno parque salineiro de Araruama." (Extraída da apostila Cabo Frio através dos tempos)

Registro Fotografico:



Foto Pailo Ribeiro. Cabo Frio 500 anos de história. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 anos de história.- 2003



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Adailton Jorge da Silva / Vera Alcântara
Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003
Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Ponte Feliciano Sodré Código de identificação: CF-CS-059
localização: Sobre o Canal do Itajuru Município: Cabo Frio

Época da construção:

1926

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado integralmente

Uso original/uso atual:

Ponte / Ponte

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento

Propriedade

Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na passagem mais estreita do canal de Itajuru, liga a área central de Cabo Frio com Porto do Carro.



Foto Vera de Alcântara

Informações históricas:

"Após o desmoronamento em 1920 de uma ponte de ferro que existia desde 1898, os moradores pediram com vivo empenho a construção de uma nova ponte que estabelecesse a ligação entre as duas margens.

A nova obra, desta vez em concreto, ficou pronta em 1926, e tinha passagem para apenas um carro, sendo duplicada anos depois." (Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História.- 2003)

"Duas pontes hoje ligam Cabo Frio ao continente: A feliciano Sodré, no canal do Itajuru e a mais recente na Praia do Siqueira. Antes das pontes, primitivamente a passagemera feita por meio de canoas, pirogas ou balsa puxada por correntes.

Em 1818 Saint-Hilaire atravessou o Itajuru em uma piroga, pagando a razão de 10 réis por pessoa e os cavalos e bestas, rebocados, pagam também essa taxa.

Em 1836, na passagem se faria uma ponte de pedra, no mesmo ano se resolveu que seria de ferro e suspensa. Em 24-12-1836, uma lei mandava fazer uma ponte de ferro sobre o canal, que tem 38 braças de largo. (Itajuru significa garganta de pedra - Ita, pedra e juru, garganta).

A primeira ponte que atravessava o Itajuru era de ferro e foi inaugurada em 7-9-1898. Caiu quando se fazia um conserto em 1920. Um operário encarregado, desnivelou-a com um macaco hidráulico ruindo a metade que ligava o pregão ao Morro da Guia.

Em 1926 foi inaugurada a atual Feliciano Sodré. Era na ocasião a maior em arco livre de cimento armado, tem 62 metros e foi construída por Christian & Nielsen, sendo presidente do estado do Rio, Dr. Feliciano Sodré." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. p. 65 - 66.)

Registro Fotográfico:



Foto Paulo Ribeiro. Revista Cabo Frio 500 Anos de História.

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 11/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Pelourinho Código de identificação: CF-CS-060

localização: Originalmente na Praça da Matriz / atualmente na casa dos 500 Anos Município: Cabo Frio

Época da construção:

1663

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Resta apenas a coluna de Pedra

Uso original/uso atual:

Pelourinho / Marco histórico

Categoria:

Marco Histórico

Proteção existente/ proposta:

Protegido pela prefeitura (está na Casa dos 500 anos)

Propriedade

Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Atualmente encontra-se no jardim da Casa dos 500 Anos.

Informações históricas:

"A histórica coluna de pedra foi erguida em 1663 para fixação dos manuscritos de oodem pública, leis e condenações. No pelourinho ficavam fixados os editais da Câmara e as ordens reais.

Localizado na matriz, lá também eram exibidos e castigados os criminosos e todos aqueles que recebessem sentença condenatória. Hoje se encontra no jardim da Casa dos 500 Anos." (Revista Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História.- 2003. p. 32.)

"Era o pelourinho uma coluna de pedra colocada na cidade d'El-Rei, no qual se punham 'as armas e as insígnias costumadas por bem da Justiça'. Era o símbolo desta, tinha dois fins: afixar os editais da Câmara e expor, às vistas do povo, os criminosos que teriam de ser castigados.

O pelourinho de Cabo Frio era de cantaria encimada por esfera também de pedra; estava colocado em frente à Matriz. Quando foi levantado no município, não se sabe; sabe-se que, logo um lugar era elevado à vila, erguia-se um.

Em 1833, foi discutido na Câmara a conveniência sua retirada. Em 20-4-1833, o vereador Alexandre Manuel de Araújo Pontes apresentou duas propostas; uma delas sobre o pelourinho: 'Senhores, entre os instrumentos tão amiúde empregados pelos tiranos para flagelo da humanidade, está sem dúvida o pelourinho, e os suplícios para que ele se empregava, estão entre nós acabados, e acabados para sempre. No país da liberdade, nas terras americanas, já não podem achar leis sanguinárias e ultrajantes para o homem. E assim para que mais conservar na Praça Pública o horroroso aspecto de um pelourinho, de urna coluna das que sustentavam o governo, metropolitano, de dolorosa recordação? A Câmara Municipal do Rio de Janeiro foi solícita em demolir de pronto o monumento de sangue e de vergonha. E é, na verdade, para se lastimar que a passada Câmara deste município que em si encerrava homens livres e filantropos, não houvessem seguido aquele exemplo, e nos legassem ainda o patíbulo que tanto enfeita a Praça da Matriz dessa cidade. Por isso, senhores, se ela ainda não o fez, façamo-lo nós, aprecemos-nos em destruir para sempre aquele instrumento de crueldade, hoje inútil no Brasil'.

Em 7-5-1833, foi posto em votação o projeto: uns alegavam que estava na alçada da Câmara por não haver leis que o mandasse demolir, outros eram favoráveis a sua retirada. Na votação, houve um empate, e o presidente da Câmara decidiu com seu voto, levar ao conhecimento do governo a proposta do vereador. Em 28-6-1833, foi lida na Câmara a resposta da Regência em nome do Imperador, declarando que devia conservar o dito pelourinho enquanto por deliberação do poder legislativo não mandasse destruir os que existirem no Império." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. p.73 - 74)

Registro Fotografico:



Foto Paulo Ribeiro. Revista Cabo Frio 500 Anos de História.

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa da Câmara Código de identificação: CF-CS-061
localização: Avenida Assunção, Centro Município: Cabo Frio

Época da construção:

Século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Câmara Municipal / Câmara Municipal

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Municipal

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na área central da cidade compõe com a Igreja da Assunção, Charitas, e demais prédios do centro histórico o conjunto representativo de sua primitiva implantação.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Prédio assobradado de estilo neo-clássico. O primeiro pavimento é recortado por um conjunto de três janelas e uma porta; ambas são de verga reta tendo todo seu contorno em cantaria. As janelas são tripartidass com caixilharia, veneziana e bandeiras retangulares também em caixilharia de madeira, constituídas, cada uma, de folha dupla. A porta também com verga reta contornada em cantaria, apresenta dupla folha cega em madeira.

O embasamento do prédio é todo marcado por alto-relevo em massa, sendo evidenciado do plano de fachada, pela pintura, de cor diferenciada do restante da mesma. O fechamento lateral é definido por cunhais, que na altura do embasamento, são recobertos por massa o que lhe destaca o volume.

A transposição do primeiro para o segundo pavimento é delimitada pelo balcão pouco pronunciado que domina toda essa linha de fachada; a base dele é em cantaria e o guarda-corpo em serralheria. Dando continuidade aos vãos de abertura do andar térreo, o andar superior é vazado por quatro janelas rasgadas. As janelas de folha dupla, foram evidentemente alteradas em relação a sua versão original, em função da adaptação das mesmas para colocação dos aparelhos de ar condicionado. Certamente, as originais manteriam uma padronagem siimilar a do primeiro pavimento. Essas janelas são contornadas por cantaria, e encimadas por pequeno friso em estuque.

O entablamento de todo o plano de fachada é encerrado por uma cimalha contínua, que reforça as linhas de horizontalidade da mesma. Também no pavimento superior, os fechamentos laterais são feitos através de cunhais com tratamento de pilastra de ângulo.

A cobertura é em telhado de copiar, tendo suas quatro águas fechadas por telha canal. Essa cobertura foi reformada recentemente pelo evidente estado das telhas.

Informações históricas:

"Foi durante o governo do capitão-mor José Varela, sucessor de Estevão Gomes, que se erigiu o primeiro prédio da Câmara Municipal de Cabo Frio. José Varela governou durante o período que vai aproximadamente, de 1630 a 1661, 1662.

De acordo com informações colhidas nas atas da Câmara, sabe-se que o local em que foi erguido o prédio - esquina da atual rua Érico Coelho, onde hoje está instalado o prédio do Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ).

Sabe-se também, que a Câmara teria funcionado em outros prédios, o que durou possivelmente até finais do século XIX, quando se construiu

o prédio que, até hoje, abriga o Poder Legislativo local.

Situado frente a atual av. Assunção caracterizando-se como construção típica de final de século o prédio vem sendo desfigurado pelas sucessivas reformas realizadas pelas prefeituras. Restam, neste sobrado, a fachada e telhados." (Arquivo INEPAC)

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara / Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 10/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Biblioteca Pública Municipal Professor Walter Nogueira
(Antigo Prédio da Câmara)

Código de identificação: CF-CS-062

localização: Entre a Avenida Assunção e o canal do Itajuru

Município: Cabo Frio

Época da construção:

Presumidamente final do século XVIII, início do século XIX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Câmara Municipal / Biblioteca pública

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma /

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Localizada entre a avenida Assunção e o Canal do Itajuru, emoldura uma das laterais de amplo largo, delimitado pela igreja Matriz e o ancoradouro.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Ao que tudo parece indicar, a fachada hoje principal, seria a lateral, de um sobrado com características de século XVIII podendo tratar-se de exemplar já de inícios de século XIX.

Três vãos de janela no pavimento térreo e superior. Janelas com verga em arco de círculo e fechamento tradicional; guilhotina com caixilharia simples e folhas cegas em madeira. Beiral sobre entablamento simplificado com arremate saliente em suas arestas. Cunhais com tratamento de pilastra de ângulo arrematam sua fachada. Acima do segundo pavimento eleva-se uma camarinha. Prolongando essa fachada existe um corpo, que deveria ser secundário, onde hoje, porém, se insere a entrada principal. (abertura um pouco mais ampla com verga em arco de círculo). Quatro óculos elevados que correspondem a intervenção menos antiga, se estendem ao longo da fachada, em sua parte superior. Esse corpo é coberto por duas águas cujo beiral externo é em beira sob-beira. Sobre esse corpo se eleva uma chaminé.

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Vera Alcântara e Adailton Jorge da Silva

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 05/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Marco da Sesmaria de São Bento Código de identificação: CF-CS-063

localização: Avenida dos Espadartes, Ogiva, em frente à pousada Porto Veleiro, nº 129 da mesma avenida. Município: Cabo Frio

Época da construção:

1830

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom descaracterizado

Uso original/uso atual:

Marco / Marco histórico

Categoria:

Marco Histórico

Proteção existente/ proposta:

Tombamento Municipal

Propriedade

Pública / Prefeitura Municipal de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situado no sopé de uma pequena elevação, o marco está colocado em local de pequena evidência (continuação da linha de meio-fio do arruamento da referida avenida), sendo de difícil identificação.

Informações históricas:

Trata-se de uma coluna retangular de pedra, com as letras SB inscritas em baixo relevo, situado junto ao hotel Porto Veleiro, próximo à boca da barra da lagoa de Araruama, em sua margem continental.

Representa o ponto inicial da medição das terras da Sesmaria de São Bento - que se estendia até a Baía Formosa (Armação dos Búzios) - recebida através de doação do capitão-mor de Cabo Frio, Estevão Gomes, em 1622.

O marco de pedra, propriamente dito, foi apenas colocado no local, na nona medição destas terras executadas depois da Independência do Brasil (c.1830), e lá se encontra até hoje.

Registro Fotográfico:



Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 08/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Casa das Palmeiras - Casa dos Lindemberg

Código de identificação: CF-CS-064

localização: Rua General Godofredo Leite, nº 591, Praia das Palmeiras Município: Cabo Frio

Época da construção:

Segunda metade do século XIX, primeira metade do século XX.

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Residência, indústria / Residência

Categoria:

Arquitetura Civil

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Família Burle

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada na Praia das Palmeiras, em imenso terreno plano voltado para a lagoa, em área extremamente valorizada e cercada por condomínios de veraneio.

Informações históricas:

Segundo a historiadora Mary Damasceno, a casa foi construída pelos Lindemberg que, além de residência, utilizaram a área para fins industriais (fábrica de sardinhas, processamento de óleo de mamona), tendo sido posteriormente abandonada. Adquirida pelos Burle, na década de 1940, as residências foram restauradas e foi construída a capela dedicada à Nossa Senhora da Vitória. Da época dos Lindemberg, dizem, que construída pelo próprio patriarca, Luis Lindemberg, resta uma cisterna que aparece no registro fotográfico.

Registro Fotografico:



Residências dos Burle. Fotos Werther Holzer



Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Werther Holzer

Data: 12/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Estação Porto do Carro Código de identificação: CF-CS-065
localização: Estrada dos Passageiros, nº 370, Porto do Carro Município: Cabo Frio

Época da construção:

Presumidamente 1937

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Estação Férrea / Camping

Categoria:

Arquitetura dos caminhos de ferro

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Adir Moraes

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Apresenta implantação em local aprazível com ambiência formada por conjunto de grande massa arbórea.



Foto Wether Holzer

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

A antiga estação ferroviária (1ª metade do Século XX), difere das outras do interior fluminense por possuir uma volumetria mais elaborada. Uma planta que além de satisfazer o programa de atendimento ao público (venda de bilhetes, dependências da administração e, em alguns casos, depósito), possuía grau de elaboração maior em termos de solução arquitetônica.

Informações históricas:

"Então, como hoje, o Brasil não sabia aproveitar plenamente a excelente estrada líquida que da metrópole levava com segurança e facilidade à encantadora região do sal, do peixe e do veraneio. Poucos eram os barcos que faziam viagens regulares entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio e as faziam só para o transporte de sal desta cidade para quela, na volta levando uns poucos passageiros e mercadorias. O litoral esperava pelo veículo do progresso da época, que começava a surgir com muito sucesso em várias regiões do País: a estrada de ferro.

Ainda a precária estradinha de ferro ao longo da costa atravessava trechos de densa mata virgem, ainda as copas de árvores seculares juntavam, formando um túnel através do qual o homem mal vinha extendendo sua estreita faixa de terra vermelha. Entre esta e o mar as lagoas se sucediam em cadeia ao longo das praias, suas águas cristalinas pululavam de vida, de peixes e aves aquáticas, quando apareceu o homem com todo o seu aparelhamento técnico para a locação dos trilhos que, dentro em breve, iam romper, triunfantes, através da rica mata litorânea.

Em 1872 foi realizado um contrato para a construção de uma linha férrea entre Niterói e Nilo Peçanha, sendo constituída em 1887 uma empresa que passou a operá-la. A idéia, porém, era extender os trilhos até Maricá, o que, com novas concessões, foi realizado em 1890, por uma companhia francesa, a Cie. Générale de Chemins de Fer des États Unis du Brésil. Tal como permaneceu nos primeiros anos, com seus trinta e nove quilômetros, deve ter sido uma das menores estradas de Ferro do País.

Fosse lá como fosse, havia finalmente trilhos cortando a região litorânea. Paralela à costa, ora mais perto, ora mais longe dela, alguma coisa corria que não era carroça, nem carretão puxado a bois. Ladeavam a estrada de ferro grandes matas, ainda luxuriantes, mas que em breve, transformadas em lenha, iam tomar o rumo ds fornalhas das locomotivas e da indústria açucareira, que ia se expandindo à medida que avançavam os trilhos pelo litoral.

Em 1937 foi liquidada a companhia francesa e a estrada foi encampada pelo Governo Federal, que a administrou diretamente até 1943, quando foi anexada a E. F. Central do Brasil. Retornou, porém, à administração direta pelo governo, assim permanecendo de 1950 a 1957, quando foi incorporada à Estrada de Ferro Leopoldina e posteriormente, já na forma de estrada integrante da R.F.F.S.A., transferida para a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Simbolizado por aqueles primeiros trilhos, o progresso, uma vez tendo iniciado sua marcha, não podia parar ali. A máquina não se deixava deter, após tão pouco caminho percorrido, e lançava os olhos gulosos para diante, para o norte, em busca de mais chão para devorar. Sentia o ímpeto de avançar mais pelo ermo adentro. Reconhecendo que com tão curta extensão não poderia se manter, resolveram os construtores correr o risco e estenderam os trilhos até Araruama, alcançada em 1913. Um ano depois chegaram a Iguaba Grande.

Não se pode afirmar que no início a via férrea, alcançando Iguaba Grande, tenha proporcionado grande facilidade aos moradores quando tinham que ir a Niterói. Para chegar à estação faziam de barco o percurso de Cabo Frio a Iguaba. Querendo tomar o trem que partiria às sete horas da manhã para Neves - e praticamente não havia outro em horário que conviesse - tinham que sair de casa às três horas da madrugada, pois o trecho por água era bem longo e não isento de perigo em dias de forte ventania.

Causa admiração que em terreno tão propício à construção de uma via férrea, quase todo plano, com raras e suaves elevações, poucos trechos de baixada pantanosa, sem necessidade de grandes obras de arte e atravessando regiões sem outro meio de transporte, ela permanecesse por tanto tempo modesta e com relativamente pouco movimento. Este aumentou quando finalmente, em 1937, isto é, num período em que estradas de ferro já começavam a ser deficitárias, foi construído o último trecho, o mais importante, de Iguaba Grande a Cabo Frio.

Pouco depois, já em 1950, a estrada se tornara totalmente insustentável. Lembro-me de ter ido a Cabo Frio por caminho de ferro antes disso. As composições rodavam praticamente vazias, e isso apesar de ser a estrada de rodagem, que corria paralela a via férrea, de terra, mal transitável em dias de chuva. Em 1948, quando por ela viajei, aquilo parecia um trem fantasma. Pouco depois extinta.

Invade-me uma certa tristeza quando encontro, prestes a afundarem no matagal, restos de trilhos, dormentes, uma ou outra peça de locomotiva toda enferrujada, montões de escombros que foram pequenas estações. Algumas, as de Inoã, de Manoel Ribeiro e de São Pedro da Aldeia, ainda em bom estado, por terem sido conservadas e aproveitadas para outros fins." (Hanssen, Guttorm. Cabo Frio dos Tamoios à Álcalis. Cabo Frio. Ed. Achiame Ltda, 1998. p.179 - 180)

Informações complementares:

Trata-se de exemplar em boas condições de preservação merecendo destaque por ser a última estação da Estrada de Ferro Maricá. Tanto a estação quanto a parada de Porto do Carro, como exemplares, deveriam ser tombados.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer / Vera de Alcântara

Data: 11/12/2003

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 05/01/2004

realizado em 1890, por uma companhia francesa, a Cie. Générale de Chemins de Fer des États Unis du Brésil. Tal como permaneceu nos primeiros anos, com seus trinta e nove quilômetros, deve ter sido uma das menores estradas de Ferro do País. Fosse lá como fosse, havia finalmente trilhos cortando a região litorânea. Paralela à costa, ora mais perto, ora mais longe dela, alguma coisa corria que não era carroça, nem carretão puxado a bois. Ladeavam a estrada de ferro grandes matas, ainda luxuriantes, mas que em breve, transformadas em lenha, iam tomar o rumo ds fomalhas das locomotivas e da indústria açucareira, que ia se expandindo à medida que avançavam os trilhos pelo litoral.

Em 1937 foi liquidada a companhia francesa e a estrada foi encampada pelo Governo Federal, que a administrou diretamente até 1943, quando foi anexada a E. F. Central do Brasil. Retornou, porém, à administração direta pelo governo, assim permanecendo de 1950 a 1957, quando foi incorporada à Estrada de Ferro Leopoldina e posteriormente, já na forma de estrada integrante da R.F.F.S.A., transferida para a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Simbolizado por aqueles primeiros trilhos, o progresso, uma vez tendo iniciado sua marcha, não podia parar ali. A máquina não se deixava deter, após tão pouco caminho percorrido, e lançava os olhos gulosos para diante, para o norte, em busca de mais chão para devorar. Sentia o ímpeto de avançar mais pelo ermo adentro. Reconhecendo que com tão curta extensão não poderia se manter, resolveram os construtores correr o risco e estenderam os trilhos até Araruama, alcançada em 1913. Um ano depois chegaram a Iguaba Grande.

Não se pode afirmar que no início a via férrea, alcançando Iguaba Grande, tenha proporcionado grande facilidade aos moradores quando tinham que ir a Niterói. Para chegar à estação faziam de barco o percurso de Cabo Frio a Iguaba. Querendo tomar o trem que partiria às sete horas da manhã para Neves - e praticamente não havia outro em horário que conviesse - tinham que sair de casa às três horas da madrugada, pois o trecho por água era bem longo e não isento de perigo em dias de forte ventania.

Causa admiração que em terreno tão propício à construção de uma via férrea, quase todo plano, com raras e suaves elevações, poucos trechos de baixada pantanosa, sem necessidade de grandes obras de arte e atravessando regiões sem outro meio de transporte, ela permanecesse por tanto tempo modesta e com relativamente pouco movimento. Este aumentou quando finalmente, em 1937, isto é, num período em que estradas de ferro já começavam a ser deficitárias, foi construído o último trecho, o mais importante, de Iguaba Grande a Cabo Frio.

Pouco depois, já em 1950, a estrada se tornara totalmente insustentável. Lembro-me de ter ido a Cabo Frio por caminho de ferro antes disso. As composições rodavam praticamente vazias, e isso apesar de ser a estrada de rodagem, que corria paralela a via férrea, de terra, mal transitável em dias de chuva. Em 1948, quando por ela viajei, aquilo parecia um trem fantasma. Pouco depois extinta.

Invide-me uma certa tristeza quando encontro, prestes a afundarem no matagal, restos de trilhos, dormentes, uma ou outra peça de locomotiva toda enferrujada, montões de escombros que foram pequenas estações. Algumas, as de Inoã, de Manoel Ribeiro e de São Pedro da Aldeia, ainda em bom estado, por terem sido conservadas e aproveitadas para outros fins." (Hanssen, Guttorm. Cabo Frio dos Tamoios à Alcalis. Cabo Frio. Ed. Achiame Ltda, 1998. p.179 - 180)

Informações complementares:

Trata-se de exemplar em boas condições de preservação merecendo destaque por ser a última estação da Estrada de Ferro Maricá. Tanto a estação quanto a parada de Porto do Carro, como exemplares, deveriam ser tombados.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Werther Holzer / Vera de Alcântara

Data: 11/12/2004

Revisado por: Adailton Jorge da Silva

Data: 05/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Forte São Mateus Código de identificação: CF-CS-067
Localização: Barra de Cabo Frio, Praia do Forte Município: Cabo Frio

Época da construção:

Entre 1612 e 1620

Estado de conservação/ grau de caracterização:

bom preservado parcialmente

Uso original/uso atual:

Forte / Museu

Categoria:

Arquitetura Militar

Proteção existente/ proposta:

Tombamento federal e Municipal

Propriedade

Pública / Prefeitura de Cabo Frio

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situado na extremidade norte de um morro peninsular de onde se avista a imensa curva alva da praia do Forte.



Foto Ernesto Galloto. Revista Cabo Frio 500 Anos de História.

Descrição arquitetônica/ identificação gráfica:

Bastião de formato quadrangular, lados irregulares, aninhado na rocha do tóculo que se limita com o canal de Itajuru, rocha esta que foi matéria-prima de sua construção. No lado voltado para a boca da barra, estão guarnecidas as baterias, o ângulo de encontro entre as duas muralhas encimado por uma guarita. O lado voltado para o interior do canal, protegido da vista de alto-mar pela elevação está a única porta, em verga reta, encimada por moldura em arco batido. No lado voltado para o remanso da Praia do Forte, que possui muralhas mais robustas e altas, estão implantados, o alojamento da guarnição e o paiol, dois volumes em paralelepípedo, unidos em uma das faces, com cobertura em duas águas e cumieira transversal à fachada.

Informações históricas:

"Construído para resguardar o estratégico Canal de Itajuru do ataque de navegantes inimigos ávidos por devastar a floresta de pau-brasil, o Forte São Mateus foi erguido pelos portugueses, entre 1616 e 1620, com pedra e argamassa com óleo de baleia, imediatamente após a fundação de Cabo Frio." (Revista Cabo Frio 500 Anos de História. Editada pelo Projeto Cabo Frio 500 Anos de História. 2003)

"Na Barra de Cabo Frio, foi construído por Estevão Gomes o Forte de São Mateus, de pedra e cal, onde se montaram peças de vários calibres, em substituição ao de Santo Inácio construído por Constantino de Meneláu. As peças eram de 2 polegadas, 4 e 6 e de 8, que descortinando toda a barra e praia do pontal defende o lugar.

A peça de 12 já estava no último estado de mira, em 1797. A tropa militar que o guarnecia compunha-se de um inferior e 7 soldados, destes um era cavaleirica e todos eram sujeitos as ordens de um oficial do terço, ou regimento de milícia de Cabo Frio. Data o forte de 1616, um ano depois da fundação da cidade. Em 1838 seu comandante era o 1º tenente Antônio Joaquim Gago.

Em 1841, possuía 4 bocas de fogo em suas três faces, sendo auxiliado por 4 peças da "Luneta do Sururu" forte situado no morro da Fortaleza no Arraial do Cabo. Esta última, apenas nos alicerces, possui três peças e outras delas servem de ornamento em casa particular na Praia do Adro.

Em 1818, o forte era guardado por seis soldados da milícia que se revezavam de 15 em 15 dias comandados por um cabo. Este era obrigado a dar aviso ao coronel do distrito da entrada e saída de embarcações que passavam pela Barra.

Hoje este forte acha-se restaurado pelo Dr. Adail Bento da Costa em 1955." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. p. 59 - 60)

"Em 1615, Constantino Menelau - governador do Rio de Janeiro - recebeu ordens do Rei para combater os ingleses que freqüentavam o litoral de Cabo Frio. A expulsão acontece e é estabelecida a povoação Santa Helena e erguido o Forte de Santo Inácio no lugar da "Casa da Pedra" - fortaleza francesa instaurada na Barra da Lagoa de Araruama - no século XVI - e onde, posteriormente, se instalaram os ingleses.

Respondendo a uma consulta real sobre a melhor maneira de se fortificar Cabo Frio, em 20 de abril de 1617, Martins de Sá - governador do Rio de Janeiro - conclui ser necessário desfazer o forte existente por ser fácil de ser tomado por naus inimigas. A aprovação desta conclusão afirmada na carta régia de 18 de julho de 1617, dirigida governador do Brasil, D. Luis de Souza. E em 14 de abril de 1618, carta régia transfere a responsabilidade das obras de construção para o governador do Rio de Janeiro.

Em 1620, é afirmada a conclusão da nova fortaleza, na carta enviada ao governador do Brasil, pelo jesuíta superior da Aldeia dos índios de S Pedro.

No mapa da terra de Cabo Frio (Autor anônimo, 1625), pode ser observado a localização do forte velho, Santo Inácio, e o forte novo São Mateus, mais próximo à enseada da praia.

O forte possui armas de vários calibres. Eram: 1 de 12 polegadas, 4 de 6 polegadas e 2 de 8 polegadas. A tropa auxiliar que o guarnecia compunha-se de 1 superior e 7 soldados, destes, um era da cavalaria e todos eram sujeitos às ordens do oficial do terço de regimento

milícia em Cabo Frio. (Abel Beranger)

Em 1648 o Forte São Mateus encontrava-se abandonado e a cidade Cabo Frio não passava de 2 dúzias de moradores. (Alberto Lamego - O Homem e a Restinga).

Em 1818 era guardado por 6 soldados de milícia que renovavam de 15 em 15 dias e eram comandados por um Cabo, que era obrigado a dar aviso ao Coronel do distrito da entrada e saída de embarcações que passavam pela boca da barra. (Abel Beranger, Em 1899 o forte tornou-se lazareto recolhendo doentes portadores de varíola." (Arquivo INEPAC)

Registro Fotografico:



Foto Adailton Jorge da Silva



Foto Vera de Alcântara



Foto Adailton Jorge da Silva

Levantado por: Adailton Jorge da Silva / Vera Alcântara

Data: 12/12/2003

Revisado por: Werther Holzer

Data: 10/01/2004

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salinas Perynas

Código de identificação: CF-CS-068

Localização: Estrada de Perynas, s/n.

Município: Cabo Frio

Época da construção:

1852

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Em atividade

Uso original/uso atual:

Salina / Salina

Categoria:

Paisagem Cultural

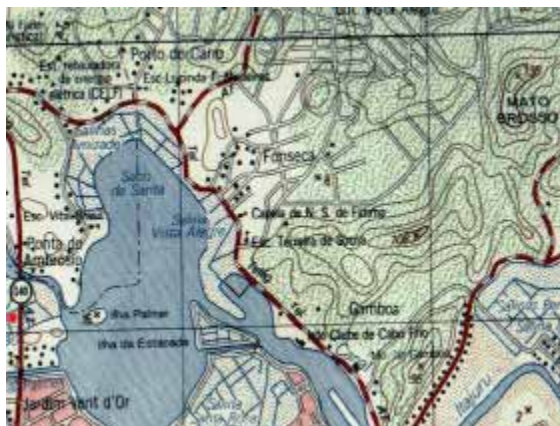
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Salinas Perynas

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Extensa salina junto ao centro urbano de Cabo Frio, ainda em atividade e com diversas edificações implantadas na área da empresa.

Informações históricas:

"Em várias partes da restinga que divide o mar da lagoa Araruama, acham-se alguns lugares que formam sal de janeiro até o fim de fevereiro, sem benefício algum da mão humana. Lugares que parecem formados pela natureza, fazendo sal em abundância, sem o menor benefício que bem poderia faltar todo o continente, se a indústria e a razão da utilidade pública tivessem metido o braço neste gênero e não obstasse o contrato real das salinas da Europa. Em alguns sítios referidos, não entra o mar e contudo fermentadas as águas das chuvas com o salitre do terreno ficam na consistência de salgadas e em pouco se reduzem a sal, quando a estação seca permite que o sol as aqueça." (Memória Histórica).

Data de 102 anos a indústria do sal no Brasil.

Eram em número de nove os lugares próprios ou salinas da povoação de Cabo Frio, em 1797: 1º, na ponta do Baixo, 2º, no lugar denominado ponta do Chiqueiro, 3º, na ponta do Costa, 4º, na ponta de Perinas, 5º, 6º e 7º, na ponta de Massambaba, 8º, na ponta da Caieira e 9º, na ponta do Fula. Estas salinas se formam sempre nas pontas de terra que entram mais para o centro da lagoa.

Em 1797, quer pela preguiça dos moradores, quer pela falta de limpeza dos lugares em que se produz o sal, essa produção diminuiu, a ponto de se chamar a atenção da Câmara para tal fato, pedindo providências a respeito.

Depois de tirado das salinas, o sal era conduzido para lugares altos, e cobertos com folhas de guriri e nelas ateavam fogo para que se formasse um cascão que preservava o monte das chuvas.

Mas a produção prejudicava o consumo do que se exportava do Reino, por isso, em cartas régias de 28-2-1690 e de 18-1-1691, proibiram ao governador geral do Estado o uso de outro sal que não o transportado do Reino.

Não obstante essa proibição, continuaram as salinas a sua exportação, até que se procedeu o seqüestro, tanto do sal como das salinas e bens dos que negociavam, a requerimento dos administradores do contrato da Capitania do Rio. O governador Luiz Vaia Monteiro, o "Onça" (1725), para fazer executar, mandou a Cabo Frio algumas embarcações com tropas, para apreensão de todo o sal que existisse.

Mas esquecia Vaia Monteiro, a lei de 29-8-1720 que proibia os Vice-Reis, capitães-generais e governadores mandar fazer seqüestros nas fazendas dos moradores, sem autorização da Justiça.

O povo recorreu, por intermédio da Câmara, a El-Rei D. João V. Atendendo à justiça da súplica, o soberano responde-lhes: "Vendo a justa razão, com que Me representais o vexame que vos causa o contratador na próxima arrematação do mesmo contrato, que está para se fazer vos darei a providência conforme o que Me requerereis".

Depois da resposta d'El-Rei as águas da lagoa Araruama franquearam-se a todo o mundo para a colheita do sal. Entretanto, os monopolizadores acabaram por arrematar as principais, dentre elas, particularmente, as de Cachira, e deixaram ao público as menos importantes.

Em 22 de maio de 1824, D. Pedro I deu autorização a Luiz Lindenberg, oficial alemão a seu serviço, para escolher na restinga, em aforamento, um terreno para salinas, isentando-o de foros. Foi ele quem construiu a primeira salina em Cabo Frio, no lugar denominado Perynas, e teve a primazia de criar a indústria do sal no Brasil (Pedro Alcoforado - "O Sal Fluminense").

Data de 1852 a mais antiga das salinas de Cabo Frio, a da Conceição. Em 1856, além das salinas de Joaquim Alves Nogueira da Silva, existiam duas companhias, uma dirigida por Júlio Leipsik e a outra pelo Dr. Miguel Boiteux. "Em 1859, há três salinas, mas desse ano até 1868 essas esperanças estacionaram, tendo sido quase abandonada a exploração do sal." (Almanaque Laemmert,

1930 4º volume).

Em 1872, Luiz Bonifácio Lindenberg, filho do fundador, tenta a evaporação artificial, por meio de combustível, abandonando por ser dispendioso. Consistia na concentração da solução salina pela evaporação espontânea em grandes tanques e, em seguida, depois de terem perdido 5/6 do volume, era completada a evaporação em grandes caldeiras retangulares aquecidas com lenha ou carvão. Este processo foi substituído depois por outro, em que a evaporação e cristalização se faziam ao ar livre.

Também, este sofre modificação para o atual: as calhas de tijolos, a profundidade das valas, os monjolos e máquinas a vapor para elevar a água foram substituídos. Data de 1895, mais ou menos, o começo do emprego dos moinhos de vento, que levam a água da vala aos tanques de condensação.

Em 1872, Leger Palmer, engenheiro francês, funda a Mossoró, em S. Pedro da Aldeia. Em 1885, Luiz João Gago, natural de Aveiro, construiu a Acaira nos modelos portugueses. Só em 1895 o sal de Cabo Frio toma impulso com a supressão da cabotagem estrangeira, revigorado com a taxação aduaneira desde 1902.

Houve dois Centros de Sal para controle de compra e venda do produto. O último terminou com a fundação do Instituto Nacional do Sal.

Existem atualmente, em Cabo Frio, 41 salinas com a produção anual de 102.000 toneladas.

Duas usinas de beneficiamento de sal e sub-produtos funcionam na Cia. Salinas Perinas e na Ponta do Costa, esta última da propriedade do Dr. Mauro Lindenberg. Estas usinas retiram o sal refinado diretamente da chamada água-mãe.

Para construir uma salina é necessário, observar: a) escolha do terreno e posição topográfica; b) recursos para impermeabilização relativa; c) facilidade de terraplenagem ou nivelamento; d) condições de drenagem. (Carlos Palmer). Uma salina compõe-se de valas de infiltração, moinhos de vento, tanques de condensação ou de carga, evaporadores, cristalizadores, passeios e armazéns.

Os moinhos levam a água da vala aos tanques de condensação - reservatórios retangulares de 30 x 66 e 30cm. de fundo - concentra a água cerca de 3 graus. Daí, aos evaporadores ou marnéis de 13 x 13m e 15cm de fundo, levando a água a cerca de 17 a 18 graus. Os salineiros sabem quando atingem a esse grau, pela prática ou pelo areômetro.

Ligeira floração rósea no fundo, devido à presença de algas, um cheiro particular e ceda irisação produzida pelo vento, indicam a densidade suficiente para dar entrada nos cristalizadores.

É esta a parte mais importante da salina; tem 6,5 x 6,5 metros de extensão, feitos de sarrafos de pinho com 5 cm de fundo.

Comunicam-se entre si e com os evaporadores por meio de furos abertos nos sarrafos. As crostas de sal começam a se precipitar quando as águas chegam a 23 graus Baumé; a 25 e 26 opera-se a cristalização franca e regular. Puxados com rodos especiais de madeira, o sal é levado aos passeios e armazéns, onde fica aguardando o período chamado de cura, imposto por lei (6 meses), quando então poderá ser exportado. Elemento importante na indústria salineira é o vento.

O sal era levado em alvarengas, ou lanchas para o porto e os navios; hoje, em sua maior parte, o transporte é feito preferivelmente em caminhões.

A boa safra começa em agosto e se prolonga a março, às vezes, até abril." (Beranger, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio. p.66 e 70)

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Werther Holzer

Data: 12/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salina Apicuz - Antiga Acaira Código de identificação: CF-CS-069

localização: Praia das Palmeiras, próxima à Ilha do Anjo, Portinho. Município: Cabo Frio
Entrada atual no início da Avenida Henrique Terra.

Época da construção:

1885

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Desativada

Uso original/uso atual:

Salina / Salina

Categoria:

Paisagem Cultural

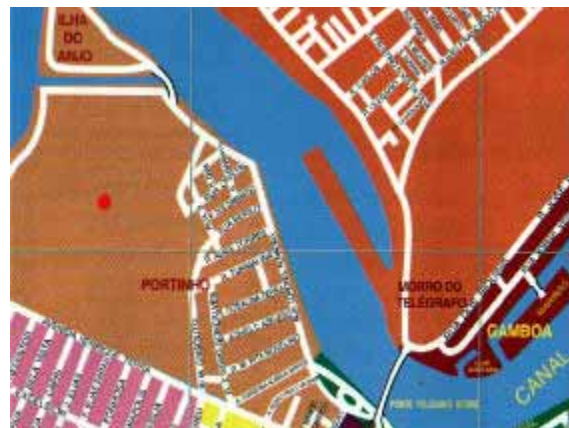
Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / Tombamento

Propriedade

Privada / Proprietário não identificado

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada entre o Canal do Itajuru e a Praia das Palmeiras, no bairro Portinho, próximo ao centro histórico, em área extremamente valorizada e que vem sofrendo intervenções urbanísticas por parte da Prefeitura Municipal.

Informações históricas:

Construída nos modelos portugueses, em 1885, por Luis João Gaço, natural de Aveiro.

Informações complementares:

Esta salina, tanto por seu valor histórico quanto por seu valor e atributos paisagísticos, deveria ser tombada.

Registro Fotografico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Werther Holzer

Data: 12/01/2004

Inepac

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura - RJ

INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Denominação: Salina Peroanas

Código de identificação: CF-CS-070

localização: Continuação da Avenida dos Espadartes, em frente à Ilha do Japonês Município: Cabo Frio

Época da construção:

Primeira metade do século XX

Estado de conservação/ grau de caracterização:

Desativada

Uso original/uso atual:

Salina / Salina

Categoria:

Paisagem Cultural

Proteção existente/ proposta:

Nenhuma / -

Propriedade

Privada / Salinas Peroanas

mapa de localização:



Situação e ambiência:

Situada em frente ao canal do Itajurú, no lado oposto ao bairro da Passagem. Ocupa extensa área que pretencia à lagoa de Araruama.

Registro Fotográfico:



Foto Werther Holzer

Levantado por: Vera Alcântara / Werther Holzer

Data: 07/01/2004

Revisado por: Werther Holzer

Data: 12/01/2004